

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**CÂMPUS QUIRINÓPOLIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM AMBIENTE E**  
**SOCIEDADE**

**JOSÉ FERREIRA LOPES NETO**

**BENZEDEIROS E RAÍZEIROS E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM**  
**INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL**

QUIRINÓPOLIS – GO

agosto de 2025

**BENZEDEIROS E RAÍZEIROS E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM  
INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL**

**JOSÉ FERREIRA LOPES NETO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade, da Universidade Estadual de Goiás.

Orientadora: Profa. Dra. Isa Lucia de Moraes.

Quirinópolis – GO  
agosto de 2025

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/UEG)

Na qualidade de titular dos direitos autorais, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente minha obra, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA n.1087/2019, sem ressarcimento de direitos autorais, conforme a Lei nº 9610/98 e de acordo com as permissões assinaladas abaixo. Essa autorização abrange fins de leitura, impressão e/ou download, visando à divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Declaro estar ciente de que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO

#### Dados do autor (a)

Nome completo: José Ferreira Lopes Neto

E-mail: [jferreiralopesneto@gmail.com](mailto:jferreiralopesneto@gmail.com)

#### Dados do trabalho

Título: **Benedeiros e Raizeiros e o Uso de Plantas Medicinais em Inaciolândia, Goiás, Brasil**

Nº de páginas: 91

Nome orientador(a): Isa Lucia de Moraes

#### Tipo de produção

Tese  Dissertação e Produto Técnico Tecnológico (PTT)  
 **Dissertação**  Tese e Produto Técnico Tecnológico (PTT)

#### Curso / Programa

Mestrado Acadêmico em Ambiente e Sociedade

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade

Linha de Pesquisa: 1 Análises socioambientais em paisagens naturais e antropogênicas,

Câmpus / Unidade / Pólo: UEG - Campus Sudoeste - Sede Quirinópolis-Goiás

Data de defesa: 05/08/2025

### 2. PERMISSÃO DE PUBLICAÇÃO E ACESSO AO DOCUMENTO \*

#### Concorda com a liberação integral do documento

SIM

NÃO (Neste caso o documento será publicado em 12 meses a partir da data de defesa).

#### Assinalar justificativa para o caso de IMPEDIMENTO E NÃO AUTORIZAÇÃO para publicação do documento

- Solicitação de registro de patente;  
 Submissão de artigo em revista científica;  
 Publicação como capítulo de livro;  
 Publicação da dissertação/tese em livro.

Ciente de que, mesmo nos casos de embargo da produção para publicação integral, a obra deve ser entregue em sua totalidade, sendo publicada conforme as permissões indicadas, com exceção da divulgação apenas dos metadados durante o período de embargo.

Quirinópolis, 19 de agosto de 2025.

Documento assinado digitalmente  
 JOSE FERREIRA LOPES NETO  
Data: 19/08/2025 19:22:13-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Documento assinado digitalmente  
 ISA LUCIA DE MORAIS  
Data: 19/08/2025 15:14:58-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do(a) orientador(a)

\* Caso a publicação não seja autorizada, o documento ficará sob embargo por um período de até 12 meses a partir da data da defesa, podendo ser prorrogado por mais 12 meses.

\* Se houver necessidade de estender esse prazo, o autor deverá apresentar à coordenação do curso um formulário de solicitação de prorrogação, devidamente justificado.

\* Durante o período de embargo, apenas os metadados do trabalho serão disponibilizados; o conteúdo completo permanecerá indisponível.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP Elaborada  
conforme dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Lopes Neto, José Ferreira.

L864b        Benzedeiros e raizeiros e o uso de plantas medicinais em Inaciolândia,  
Goiás, Brasil / José Ferreira Lopes Neto - Quirinópolis, 2025.

102 f. : il.

Orientadora: Isa Lucia de Moraes.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ambiente e Sociedade) - Linha  
de pesquisa: Dinâmica Socioeconômica e Culturais em Ambientes Urbano  
e Rural. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sudoeste -  
Quirinópolis, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ambiente e  
Sociedade, 2025.

1. Medicina Popular. 2. Saberes tradicionais. 3. Plantas medicinais.  
4. Etnobotânica. 5. Cerrado - Bioma. I. Moraes, Isa Lucia de (orient.). II.  
Título. III. Universidade Estadual de Goiás.

CDU – 39:581.634(817.3Inaciolândia)

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca - SIBRE/UEG  
Bibliotecária: Leusimar Lourenço Abreu - CRB1: 2606.



Câmpus  
Sudoeste  
Quirinópolis



Universidade  
Estadual de Goiás



ESTADO  
DE GOIÁS

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Coordenação do Programa de Mestrado em Ambiente e Sociedade

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE

## JOSÉ FERREIRA LOPES NETO

Aos cinco dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e cinco (05/08/2025), às catorze horas (14h), na Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudoeste – Sede Quirinópolis, teve lugar a Sessão Pública de Julgamento da Dissertação de Mestrado de **José Ferreira Lopes Neto**, intitulada “**BENZEDEIROS E RAIZEIROS E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL**”. A Banca Examinadora foi composta pelos Professores: **Profa. Dra. Isa Lucia de Moraes** (Orientadora e Presidente da Banca), **Prof. Dr. Carlos de Melo e Silva Neto** (Membro Externo) e **Prof. Dr. André Luiz Caes** (Membro Externo). Os examinadores arguíram na ordem citada. O(a) mestrando(a) respondeu satisfatoriamente às questões apresentadas. Às **16:00** horas a Banca Examinadora passou ao julgamento, em Sessão Secreta, estabelecendo os seguintes resultados:

**Profa. Dra. Isa Lucia de Moraes**



Documento assinado digitalmente

ISA LUCIA DE MORAIS

Data: 06/08/2025 13:44:56-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ass. \_\_\_\_\_

Aprovado(a) (  ) Reprovado(a) (  )

**Prof. Dr. Carlos de Melo e Silva Neto**



Documento assinado digitalmente

CARLOS DE MELO E SILVA NETO

Data: 06/08/2025 13:47:47-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ass. \_\_\_\_\_

Aprovado(a) (  ) Reprovado(a) (  )

**Prof. Dr. André Luiz Caes**



Documento assinado digitalmente

ANDRE LUIZ CAES

Data: 06/08/2025 16:18:43-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ass. \_\_\_\_\_

Aprovado(a) (  ) Reprovado(a) (  )

OBS:

**Presidente da Banca – Profa. Dra. Isa Lucia de Moraes**

Documento assinado digitalmente  
 **ISA LUCIA DE MORAIS**  
Data: 06/08/2025 21:19:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ass. \_\_\_\_\_

**Resultado final:** APROVADO(A) ( X ) REPROVADO(A) ( )

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a Sessão, da qual foi lavrada a presente Ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora, Mestrando(a) examinado(a) e pelo Coordenador do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade.

Documento assinado digitalmente  
 **JOSE FERREIRA LOPES NETO**  
Data: 06/08/2025 21:08:23-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Mestrando(a): \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
 **ISA LUCIA DE MORAIS**  
Data: 06/08/2025 21:32:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Coordenador(a): \_\_\_\_\_

**Obs: O(a) aluno(a), sob a supervisão do orientador, deverá encaminhar, no prazo de até 60 dias, a contar da data da Defesa Pública, os exemplares definitivos da Dissertação, para arquivamento e devidos encaminhamentos.**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha orientadora Dr. Isa Lucia de Moraes. Pessoa de uma inteligência e garra motivadoras, que dentro deste período me ensinou e motivou a continuar e evoluir. Gratidão, também, a todos os professores do PPGAS que contribuíram com minha pesquisa e projeto como um todo.

## AGRADECIMENTOS

A dissertação em questão não seria possível sem o apoio de inúmeras pessoas que acompanharam de perto toda a trajetória do trabalho, contribuindo direta ou indiretamente para a construção de aprendizagens ainda mais significativas em minha vida.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, professora Dra. Isa Lucia de Moraes, que me acolheu e deu suporte para que eu ingressasse no mestrado. Graças a ela eu conheci uma infinidade de assuntos relacionados à botânica e etnobotânica.

Agradeço aos prefeitos de Inaciolândia - Cláudio Henrique Caixeta e Gouvelândia Fausto Caiado Barbosa e às suas secretárias de educação, Railde Resende Costa Mariano e Zélia Vitorina Borges de Menezes por terem me apoiado e concedido meios para que eu cursasse as aulas regulares em período de trabalho. Reconheço que nem todos tiveram as mesmas oportunidades e isso fez toda a diferença.

Esses dois anos representaram muito, e neles conheci muitas pessoas, quero agradecer à minha família e amigos e aos colegas e novas amigas que fiz pelo apoio incondicional que me deram, especialmente minha mãe e os amigos Marlon, Thaís, Silaine, Gilson Azevedo, Sandra, Magda, Erisnicy e demais professores e pessoas que tive a oportunidade de conhecer.

Por fim agradeço ao Programa de Mestrado em Ambiente e Sociedade e à Universidade Estadual de Goiás pela oportunidade e incentivo à minha evolução acadêmica.

**Resumo:** Este trabalho investigou os saberes tradicionais e o uso de plantas medicinais por benzedeiros e raizeiros em Inaciolândia, Goiás, destacando suas especificidades e contribuições à medicina popular no Cerrado. Para alcançar os objetivos propostos, adotou-se uma abordagem metodológica que combinou revisão bibliográfica, pesquisa de campo e levantamento etnobotânico. Foram catalogadas 180 espécies medicinais nativas do bioma Cerrado, distribuídas em 140 gêneros e 67 famílias botânicas, com destaque para Fabaceae, Asteraceae e Bignoniaceae, revelando a escassez de estudos etnobotânicos no estado de Goiás e a necessidade de ampliar o conhecimento sobre sua biodiversidade. A pesquisa de campo identificou 39 raizeiros e 115 espécies vegetais utilizadas em tratamentos populares, com predomínio de aplicações para enfermidades gastrointestinais, inflamatórias e dermatológicas, e uso recorrente de espécies como *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão), *Phyllanthus niruri* (quebra-pedra), and *Brosimum gaudichaudii* (mama-cadela). Também foram identificados 14 benzedeiros atuantes em Inaciolândia, majoritariamente mulheres acima de 60 anos, cujas práticas envolvem rezas, gestos e, em alguns casos, o uso complementar de plantas medicinais, revelando um vínculo entre espiritualidade, identidade cultural e saúde comunitária. Observou-se ainda uma redução no interesse das novas gerações, o que compromete a continuidade desse saber tradicional. Conclui-se que a valorização e preservação do conhecimento popular associado às práticas de cura com plantas medicinais são essenciais para a conservação do patrimônio cultural e da biodiversidade do Cerrado.

**Palavras-chave:** Cerrado, Conhecimento tradicional, Medicina Popular.

**Abstract:** This study investigated the traditional knowledge and use of medicinal plants by prayer healers (benzedeiros) and herbalists (raizeiros) in Inaciolândia, Goiás, highlighting their specific practices and contributions to folk medicine in the Cerrado biome. To achieve the proposed objectives, a methodological approach was adopted that combined literature review, field research, and ethnobotanical surveys. A total of 180 medicinal plant species native to the Cerrado were cataloged, distributed across 140 genera and 67 botanical families, with emphasis on Fabaceae, Asteraceae, and Bignoniaceae. The results underscore the scarcity of ethnobotanical studies in Goiás and the need to expand knowledge about its biodiversity. Field research identified 39 herbalists and 115 plant species used in traditional treatments, primarily for gastrointestinal, inflammatory, and dermatological conditions, with frequent use of species such as *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão), *Phyllanthus niruri* (quebra-pedra), and *Brosimum gaudichaudii* (mama-cadela). Fourteen prayer healers were also identified, mostly women over the age of 60, whose healing practices involve prayers, gestures, and, in some cases, the complementary use of medicinal plants, revealing a strong connection between spirituality, cultural identity, and community health. A decline in interest among younger generations was also observed, threatening the continuity of this traditional knowledge. It is concluded that the appreciation and preservation of popular knowledge associated with medicinal plant-based healing practices are essential for safeguarding the cultural heritage and biodiversity of the Cerrado.

**Keywords:** Cerrado, Traditional knowledge, Folk medicine.

## 1 INTRODUÇÃO

A prática conhecida como medicina popular persistiu ao longo da história do Brasil e é resultado da integração de vários saberes das culturas indígenas, europeias e africanas (Guimarães et al., 2019). As pessoas que praticam essa medicina são conhecidas como curandeiros, erveiros, benzedeiros (Soek; Mendonça, 2022), raizeiros, pais e mães de santo, agentes ou terapeutas populares, entre outros termos. Essas práticas podem ser compreendidas como um conjunto de saberes sobre o mundo natural e sobrenatural, transmitidos de geração em geração (Camargo, 2011; Guimarães et al., 2019.; 2022). Segundo Fontoura (2006), as atividades iniciam desde crianças, onde começam com a orientação e modelagem dos familiares (pais, tios, avós). As crianças ouvem, observam e depois começam a praticar, muitas vezes sob a supervisão dos pais, com ou sem orientação durante o processo. As atividades abordadas vão desde tarefas básicas da vida diária até conhecimentos técnicos, como no caso de benzedeiros e raizeiros, que desde cedo aprendem sobre o uso de plantas medicinais e práticas tradicionais de cura. Esse processo de aprendizagem é fundamental para a transmissão de saberes culturais e familiares.

As práticas de benção e medicação atuam diretamente com práticas tradicionais de cura. Logo, reconhecer estes processos, assim como seus agentes, enquanto integrativos de uma dimensão social, torna possível a reflexão sobre as influências culturais, políticas, comunitárias e econômicas de seus sujeitos. Nesta seara, é importante destacarmos as diferenças entre benzedeiros e raizeiros, sendo estes dois tipos de prática no âmbito da medicina popular com ações distintas e constituem o centro da abordagem aqui proposta.

No dito popular, ainda existem confuso/es acerca das denominações corretas a serem usadas, muitos não entendem a diferença entre benzedeiros e raizeiros, já outros acreditam ser a mesma coisa. Os benzedeiros estão relacionados mais especificamente à espiritualidade dos enfermos, a partir de rezas e, ocasionalmente, do uso de plantas medicinais (Soek; Mendonça, 2022). Tais aprendizados de cura estão intrínsecos à formação humana e a eles estão agregados um conjunto de saberes e habilidades que auxiliam as pessoas a lidar com a dor espiritual e física do próximo, a partir de uma interface entre conhecimentos herdados e apreendidos por intermédio de outros benzedeiros. Dessa forma, os espaços de cura e espiritualidade estabelecem, também, o

lugar da educação, dos modos de ensinar e de se inserir em uma comunidade tradicional como benzedeiro (Silva; Vieira; Oliveira, 2020).

Já os raizeiros são os responsáveis pela prática terapêutica, sempre com o uso de plantas medicinais, cuja identidade e representação existem nas realidades culturais de populações resistentes à mudança social e econômica (Oliveira, 1985). Segundo Araújo et al. (2014), raizeiros têm como base, em sua experiência e informações adquiridas empiricamente, o 'poder de cura' associado às plantas medicinais. As pessoas procuram raizeiros para comprar plantas medicinais e/ou ter orientação quanto ao seu uso, por serem considerados especialistas no assunto.

Neste viés, as plantas medicinais desempenham um papel muito importante nas questões socioeconômicas, tanto para as pessoas que vivem em áreas rurais quanto nas urbanas. O uso de espécies vegetais medicinais (geralmente nativas de sua área ou cultivadas em quintal) pode reduzir o custo de medicamentos (Guimarães et al., 2019, 2022). Por outro lado, os avanços científicos e tecnológicos na síntese e processamento de fármacos têm se sobressaído perante o uso de plantas medicinais ao longo do tempo (Calixto, 2000; Di Stasi, 2007). Nesse contexto, este projeto busca sistematizar informações sobre os grupos sociais (raizeiros e benzedeiros) que se dedicam produção, utilização e difusão desse conhecimento desse conhecimento, tendo como premissa enfatizar o amplo conhecimento quanto ao uso das plantas medicinais dentro do município de Inaciolândia Goiás.

Partindo do aqui exposto, esta dissertação tem como objetivo fazer um levantamento acerca dos benzedeiros e raizeiros e o uso de plantas medicinais em Inaciolândia, Goiás, Brasil. A dissertação está constituída por três capítulos, no formato de artigo científico: no primeiro capítulo, um levantamento de dados etnobotânicos dentro das produções científicas dos últimos 10 anos no Cerrado goiano. O segundo capítulo abrange uma pesquisa acerca dos raizeiros que manuseiam plantas medicinais, seus relatos, tradições e o levantamento das espécies vegetais utilizadas e a finalidade da indicação terapêutica. O terceiro capítulo objetivou analisar o perfil dos benzedeiros de Inaciolândia, GO, o levantamento das espécies vegetais utilizadas, as enfermidades tratadas, as orações e os gestos que fazem parte da benzeção.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, C. R. F., et al. Raizeiros e raizeiras enquanto multiplicadores do conhecimento popular: um resgate na literatura. **Revista Saúde e Ciência**, v. 3, n. 1, p. 35- 43, 2014.

CALIXTO, J. B. Efficacy, safety, quality control, marketing and regulatory guidelines for herbal medicines (phytotherapeutic agents). **Braz. J. Med. Biol. Res.**, v. 33, n. 2, p. 79-89, 2000.

CAMARGO, M. T. L. A. A garrafada na medicina popular: uma revisão historiográfica. **Dominguezia**, v. 27, n.1, 2011.

DI STASI, L. C. **Plantas Mediciniais**: verdades e mentiras: o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber. São Paulo: UNESP; 2007.

FONTOURA, I. F. **Formas de transmissão de conhecimento entre os Tariano da região do Rio Uaupés - AM**. UFPE. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Recife, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/933>. Acesso em: 24/12/2020.

GUIMARÃES, B. O.; OLIVEIRA, A. P. de; MORAIS, I. L. de. Medicinal plants and their popular use in Boa Esperança Settlement, Piracanjuba, Goiás, Brazil. **Bol. Latinoam. Caribe Plant Med. Aromat.**, v. 21, n. 4, p. 485-513, 2022.

GUIMARÃES, B.O.; OLIVEIRA, A.P. de; MORAIS, I.L. de. Plantas medicinais de uso popular na comunidade quilombola de Piracanjuba-Ana Laura, Piracanjuba, GO. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 8, n. 3, p. 196-220, 2019.

OLIVEIRA, E.R. **O que é medicina popular**. São Paulo: Ed Brasiliense S.A., 1985.

SILVA, N. F. N. da; VIEIRA, N. C.; OLIVEIRA, M. V. As práticas de cura das benzedeadas da Amazônia paraense: saberes, identidades e lugares de gêneros. **Revista Ártemis**, v. 29, n. 1, p. 243–259, 2020.

SOEK, F. J.; MENDONÇA, F. Benzedeadas/os, bem-estar e socioespacialidade. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 18, p. 303–312, 2022.

## CAPÍTULO I (publicado na revista FLOVET)

### Estudos etnobotânicos do estado de Goiás

José Ferreira Lopes Neto  
Yasmin Tavares Hirdes  
Carlos do Melo e Silva Neto  
Gustavo da Silva Soares  
André Luiz Caes  
Isa Lucia de Morais

#### RESUMO

O Cerrado tem elevado potencial etnobotânico. Os trabalhos de revisão bibliográfica sobre plantas medicinais são importantes para apresentar o atual conhecimento desse tema, uma vez que os estudos publicados sobre o bioma ainda são escassos. O objetivo dessa revisão bibliográfica foi analisar algumas publicações sobre o uso de plantas medicinais nativas do bioma Cerrado. Foi realizada uma pesquisa de literatura ordenada baseada em artigos científicos sobre etnobotânica no domínio do Cerrado disponíveis no Google Acadêmico, Web of Science e PubMed, publicados entre 2014 e 2024. Foram compilados 19 artigos. Foram catalogadas 180 taxa nativos do Cerrado distribuídos em 140 gêneros e 67 famílias, dos quais três são samambaias, com destaque para Fabaceae, Asteraceae, Bignoniaceae, Euphorbiaceae, Malvaceae, Rubiaceae, Malpighiaceae, Anacardiaceae, Apocynaceae e Myrtaceae, famílias de maior riqueza em espécies. Esse estudo assinala o grande potencial medicinal, ademais a necessidade de mais pesquisas etnobotânicas para o Cerrado do estado de Goiás.

**Palavras-chave:** Cerrado; Comunidades tradicionais; Conhecimento Popular; Fabaceae; Plantas medicinais.

### Ethnobotanical studies of the state of Goiás

#### ABSTRACT

The Cerrado has a high ethnobotanical potential. Literature reviews on medicinal plants are important to present the current knowledge on this subject, since published studies on the biome are still scarce. The objective of this literature review was to analyze some publications on the use of medicinal plants native to the Cerrado biome. An ordered literature search was carried out based on scientific articles on ethnobotany in the Cerrado domain available in Google Scholar, Web of Science and PubMed, published between 2014 and 2024. A total of 19 articles were compiled. A total of 180 taxa native to the Cerrado were cataloged, distributed in 140 genera and 67 families, of which three are ferns, with emphasis on Fabaceae, Asteraceae, Bignoniaceae, Euphorbiaceae, Malvaceae, Rubiaceae, Malpighiaceae, Anacardiaceae, Apocynaceae and Myrtaceae, families with the greatest species richness. This study highlights the great medicinal potential, in addition to the need for more ethnobotanical research for the Cerrado in the state of Goiás.

**Keywords:** Cerrado; Traditional communities; Popular knowledge; Fabaceae; Medicinal plants.

## Estudios etnobotánicos del estado de Goiás

### RESUMEN

El Cerrado posee un alto potencial etnobotánico. Las revisiones bibliográficas sobre plantas medicinales son importantes para presentar el conocimiento actual sobre este tema, ya que los estudios publicados sobre el bioma aún son escasos. El objetivo de esta revisión bibliográfica fue analizar algunas publicaciones sobre el uso de plantas medicinales nativas del bioma del Cerrado. Se realizó una búsqueda bibliográfica ordenada con base en artículos científicos sobre etnobotánica en el dominio del Cerrado disponibles en Google Scholar, Web of Science y PubMed, publicados entre 2014 y 2024. Se recopilaron 19 artículos. Se catalogaron 180 taxones nativos del Cerrado, distribuidos en 140 géneros y 67 familias, de las cuales tres son helechos, con énfasis en Fabaceae, Asteraceae, Bignoniaceae, Euphorbiaceae, Malvaceae, Rubiaceae, Malpighiaceae, Anacardiaceae, Apocynaceae y Myrtaceae, familias con la mayor riqueza de especies. Este estudio destaca el gran potencial medicinal, además de la necesidad de más investigación etnobotánica para el Cerrado en el estado de Goiás.

**Palabras clave:** Cerrado; Comunidades tradicionales; Saberes populares; Fabaceae; Plantas medicinales.

### INTRODUÇÃO

O Cerrado é um bioma rico e globalmente significativo pela extensão, diversidade ecológica, estoques de carbono e função hidrológica; além de possuir uma enorme diversidade sociocultural pela presença de comunidades extrativistas, indígenas, quilombolas e de pequenos produtores agroextrativistas. Os conhecimentos tradicionais dos usos mais comuns dados aos vegetais podem ser resgatados pela etnobotânica e utilizados para a valorização das plantas do Cerrado no processo de desenvolvimento econômico (Silva; Peixoto, 2013; Reis et al., 2023).

A etnobotânica é uma ciência multidisciplinar que envolve diversas áreas do conhecimento, como a botânica, antropologia, farmacologia, fitoquímica e a medicina, sendo definida como o estudo das inter-relações ecológicas, evolucionárias e simbólicas das sociedades humanas, passadas e presentes, com as plantas (Gomes; Bandeira, 2012). O fato é que a etnobotânica tem progredido no amparo da botânica, que lhe emprestou particularidades especiais, não obstante o seu caráter interdisciplinar e sua diversidade de objetivos que permitem a atuação de pesquisadores com formações diversas. Hunn (1982) utilizou o termo etnobotânica para designar a importância ou papel que um táxon apresenta dentro de uma cultura. Segundo Albuquerque (2005) a etnobotânica é o estudo das interrelações entre pessoas de culturas viventes com as plantas do seu meio. Albuquerque et al. (2022) afirmam que existe uma tendência da etnobotânica ser incluída como subespecialidade da antropologia cultural. Esse saber ancestral, transmitido de geração em geração, também reflete uma relação profunda com a natureza, na qual a coleta e o manejo das plantas são feitos de forma a preservar os recursos naturais, garantindo a regeneração das espécies e a continuidade das práticas.

No entanto, a expansão agrícola, a urbanização e a perda de habitat ameaçam tanto a biodiversidade do Cerrado quanto o conhecimento tradicional dessas comunidades. A integração entre o saber tradicional e a ciência moderna é essencial para valorizar e preservar essas práticas, mas deve ser realizada com respeito e repartição justa dos benefícios. A conservação do Cerrado e o conhecimento sobre suas plantas dependem de iniciativas que eduquem e capacitem as comunidades locais, incentivando o uso

responsável e sustentável dessa riqueza. Além disso, políticas de conservação e regulamentações brasileiras, como a Portaria Interministerial nº 2.960, de 09 de dezembro de 2008, a qual aprovou o Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos e criou o Comitê Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos (Reis et al., 2023), são fundamentais para proteger os direitos dessas comunidades e promover o uso sustentável das plantas medicinais, garantindo a preservação cultural e ambiental.

No Brasil, o conhecimento sobre o uso dessas plantas vem sendo passado por raizeiros e benzedeiros, que utilizam ervas e raízes para tratar diversas doenças e melhorar a saúde. Os raizeiros fazem remédios naturais com partes das plantas, enquanto os benzedeiros combinam o uso de plantas com rituais de cura. Entretanto, para usar essas plantas de forma segura, é importante identificar corretamente as espécies, usar uma quantidade certa e garantir que a coleta seja sustentável. Assim, é essencial que esses saberes tradicionais sejam combinados com pesquisas científicas para garantir que os tratamentos sejam eficazes e seguros.

Grande parte da flora medicinal no Bioma Cerrado tem sido amplamente aproveitada no conhecimento popular, oferecendo subsídios para os cientistas realizarem estudos e comprovarem a ação medicamentosa das espécies pela identificação dos princípios ativos. Nesse contexto, Rigonato e Almeida (2004) afirmam que o conhecimento popular das populações tradicionais é um instrumento indispensável para a preservação da cultura, da persistência de modos de vida tradicionais e da biodiversidade do Cerrado.

Um dos principais desafios para a conservação do Cerrado é demonstrar a importância que a biodiversidade desempenha no funcionamento dos ecossistemas. Diante disso, os estudos dos usos das plantas podem vir a disseminar os dados registrados para que a falta de conhecimento e as incertezas sobre a importância da vegetação não sejam empecilho para a conservação. Desta maneira, estudos científicos que buscam conhecer, identificar, catalogar a espacialização das espécies e as potencialidades medicinais, dos diferentes tipos fitofisionômicos do Cerrado, contribuem para a sua conservação.

Analisando o incremento de espécies nativas registradas por Silva e Proença (2007) em trabalhos etnobotânicos no estado de Goiás, percebe-se que há uma ascensão e fica claro que o número de espécies medicinais em todo cerrado goiano é maior do que até o presente momento estabelecido, servindo de incentivo para a ampliação das pesquisas etnobotânicas no Estado.

Os trabalhos de revisão bibliográfica sobre plantas medicinais são importantes para apresentar o atual conhecimento desse tema. Portanto, o objetivo desta pesquisa foi realizar uma revisão bibliográfica almejando identificar os trabalhos etnobotânicos realizados em Goiás nos últimos dez anos (2014 a 2024) e compilar as espécies medicinais nativas do bioma Cerrado registradas por estes estudos.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Esta pesquisa foi subsidiada por uma revisão da literatura, mediante uma ampla busca em artigos científicos publicados em língua inglesa e portuguesa acerca de levantamentos etnobotânicos da vegetação do Cerrado do estado de Goiás. Ela apresenta caráter bibliográfico do tipo estado do conhecimento (Morosini, 2015), almejando mapear e discutir sobre os estudos etnobotânicos realizados nos últimos 10 anos (2014 a 2024) no estado de Goiás, com ênfase nos táxons botânicos em nível de família, gênero e espécie nativos do bioma Cerrado.

Foi realizada uma busca em artigos publicados em inglês e português nas bases de dados Scielo, Google Acadêmico e portal de periódicos CAPES, com o período de

publicação entre 2014 e 2024, com temas relacionadas aos levantamentos sobre as plantas medicinais realizados em Goiás, utilizando os descritores, em português e inglês: “Etnobotânica”, “Plantas Medicinais”, “Goiás”. Os critérios de inclusão foram: abranger levantamentos florísticos sobre as plantas medicinais nativas do Cerrado; conter a lista de espécies com os nomes científicos; a pesquisa ter sido realizada em Goiás; ser artigo científico (não foram incluídos resumos em eventos científicos, trabalhos de conclusão, dissertações, teses e livros). Não foram incluídos na pesquisa artigos científicos com informações apenas com nomes vulgares das espécies por não ser possível a identificação precisa da espécie; que não continham a lista das espécies amostradas ou que não era de uso específico para fins medicinais. Não foram incluídas espécies identificadas somente em nível de gênero.

Nos artigos etnobotânicos identificados, foram registradas as seguintes informações: 1) autores; 2) ano de publicação; 3) município pesquisado; 4) número de espécies nativas catalogadas; e 5) número total de espécies registradas (nativas, naturalizadas e exóticas) (adaptado de Silva e Proença, 2007). Posteriormente, foi gerada uma tabela contendo os taxa medicinais nativos do Cerrado. Não estiveram incluídas as espécies identificadas até a categoria de gênero. A grafia atualizada dos nomes científicos, nomes de autores e os dados das espécies quanto ao hábito, status de conservação, distribuição nos domínios fitogeográficos brasileiros e endemismo foram obtidos no site oficial do Flora e Funga do Brasil (2025). O sistema de classificação botânica adotado para angiospermas foi Angiosperm Phylogeny Group (APG IV, 2016) e para samambaias PPG I (2016). As informações quanto aos nomes vulgares, à parte da planta utilizada, forma de preparo e qual a finalidade de uso medicinal foram extraídas da literatura revisada.

Para a elaboração do mapa, foram utilizadas as malhas vetoriais das Unidades da Federação e dos municípios do estado de Goiás, disponibilizadas no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024) e os dados levantados sobre estudos etnobotânicos no estado de Goiás. Esse conjunto de dados foi importado para o software de geoprocessamento e análise espacial QGIS, versão 3.40.6 (QGIS Development Team, 2025), no qual foi processado e organizado para compor um mapa que destaca os municípios goianos nos quais foram realizados estudos etnobotânicos no período de 2014 a 2024.

Foi utilizado software Past 4.09 (Hammer e Harper, 2001) análise de dissimilaridade entre as espécies de cada bioma brasileiro, foi realizado um dendrograma utilizando distância euclidiana com as ocorrências das espécies por bioma. Para testar a força dos grupos formados foi realizado 10.000x as combinações dos grupos, gerando os valores de *bootstrap* por nó (Verano et al., 2023).

A partir dos dados dos artigos, as plantas foram distribuídas em onze categorias de acordo com seus usos medicinais: AD = doenças associadas ao aparelho digestivo; AR = doenças associadas ao aparelho respiratório; PD = doenças associadas à problemas dermatológicos; ID = doenças associadas à inflamação e dor; SN = doenças associadas ao sistema nervoso; SC = doenças associadas ao sistema cardiovascular; PU = doenças associadas a problemas urológicos; DP = doenças parasitárias; DG = doenças ginecológicas; PO = problemas ortopédicos; e SSG = sintomas e sinais gerais, aquelas com sintomatologia de várias doenças não específicas e ou de origem cultural (adaptado de Guimarães, Oliveira e Morais (2019) e Guimarães, Morais e Oliveira (2022)).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados 1970 resultados e, de acordo com os critérios de inclusão ou exclusão, foram incluídos apenas os artigos que continham levantamentos florísticos sobre as plantas medicinais nativas do Cerrado realizados no estado de Goiás. Após a avaliação foram excluídos 1951 resultados, sendo usados 19 artigos para a realização da compilação de dados. Dos 10 anos avaliados, em sete deles houve publicação de artigos científicos abrangendo levantamentos com plantas medicinais do Cerrado. Os 19 artigos foram realizados em 13 municípios goianos (Tabela 1, Figura 1), com destaque para Goiânia, município que teve o maior número de pesquisas no período avaliado (quatro artigos). O estado de Goiás tem 246 municípios. Logo, os artigos etnobotânicos aqui analisados amostraram apenas 5,3% do território goiano.

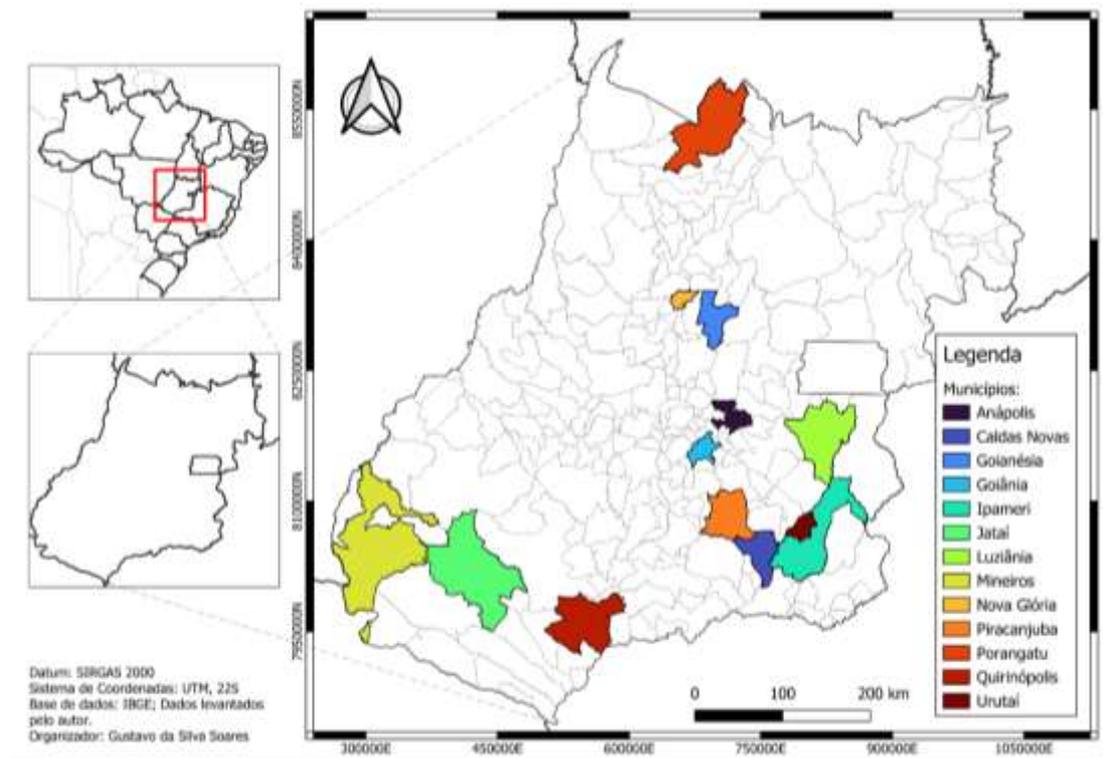
Esse resultado demonstra a escassez de publicações científicas sobre as plantas medicinais do Cerrado na última década em Goiás, o que, conseqüentemente, impacta negativamente sobre o conhecimento quanto ao uso medicinal da biodiversidade vegetal do Cerrado. A baixa representatividade de municípios goianos em estudos etnobotânicos sugere que há pouco conhecimento registrado e difundido sobre a utilização das plantas nativas distribuídas no estado para fins medicinais.

**Tabela 1** – Dados dos 19 artigos selecionados para a pesquisa com a existência de levantamentos de plantas medicinais nativas do Cerrado realizados em Goiás, seguindo a ordem alfabética dos autores das publicações por ano (das mais recentes para as menos recentes) entre 2014 e 2024. Nos anos de 2017, 2020 e 2024 não foi encontrado registro de publicação de artigo atendendo os critérios de inclusão da pesquisa.

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Município</b>	<b>nº de espécies nativas</b>	<b>nº total de espécies</b>
Lemos et al.	2023	Goiânia	3	17
Soares et al.	2023	Caldas Novas	26	72
Guimarães; Morais; Oliveira	2022	Piracanjuba	89	176
Reis	2022	Nova Glória	12	34
Arruda et al.	2021	Mineiros	9	58
Delgado et al.	2021	Luziânia	33	95
Morais et al.	2021	Quirinópolis	2	12
Guimarães; Oliveira; Morais	2019	Piracanjuba	36	91
Marcelo; Paixão; Ramos	2019	Urutaí	35	37
Silva	2019	Mineiros	32	94
Bezerra et al.	2018	Anápolis	31	120
Ventura; Costa; Bessa	2018	Goianésia, Ipameri	14	61
Mota; Lima; Vale	2016	Goiânia	9	41
Silva; Cavalcanti	2016	Goiânia	4	10
Silva; Lima; Vale	2016	Porangatu	1	8
Souza et al.	2016	Jataí	63	112
Santos; Faria; Vilhalva	2015	Goiânia	13	52
Pereira; Malafaia	2014	Urutaí	10	45
Silva; Faria	2014	Goianésia	15	54

Fonte: Elaboração pelo(s) autor(es)

**Figura 1** – Municípios com estudos etnobotânicos no estado de Goiás entre 2014 e 2024



Fonte: Elaboração pelo(s) autor(es)

Segundo Soares et al. (2023) o conhecimento tradicional, cultural e ou popular sobre as plantas medicinais está sob ameaças devido ao crescimento econômico e às mudanças culturais. O aumento do êxodo rural, a vida agitada das pessoas nos ambientes urbanos associada ao não cultivo, a eliminação dos quintais e a distância ao acesso às plantas medicinais ameaçam a tradição sobre o seu uso. Adiciona-se a isso, a grande oferta e o fácil acesso aos medicamentos convencionais, o desinteresse dos jovens pela tradição e a degradação do ambiente natural (Brito; Marin; Cruz, 2017). Neste cenário, destaca-se a importância das pesquisas científicas em Etnobotânica sobre os conhecimentos populares para investigar, documentar e perpetuar a cultura, a história e os saberes dos povos sobre as plantas, estudando a integração e interação entre elas e o ser humano (Guimarães; Oliveira; Morais, 2019; Guimarães; Morais; Oliveira, 2022). Sem o conhecimento da grandiosidade e importância da biodiversidade vegetal, a população humana que vive no Cerrado de Goiás pode contribuir para a sua destruição (Soares et al., 2023).

Foram catalogadas 180 taxa nativos do Cerrado distribuídos em 140 gêneros e 67 famílias, dos quais três são samambaias (Anexo). Dentre as angiospermas, as 10 famílias de maior riqueza em espécie foram Fabaceae, Asteraceae, Bignoniaceae, Euphorbiaceae, Malvaceae, Rubiaceae, Malpighiaceae, Anacardiaceae, Apocynaceae e Myrtaceae (Figura 2). Um total de 45 famílias (70,3%) estiveram representadas por apenas uma ou duas espécies e foram agrupadas na denominação “Outras-a” e “Outras-b”, respectivamente, como representado na Figura 1. Esse resultado quanto às famílias mais ricas em espécies é corroborado por estudo similar realizado por Silva e Proença (2007), o qual abrangeu pesquisas realizadas em Goiás entre 1980 e 2007. Estas famílias correspondem a aproximadamente 52% do total das espécies catalogadas nesta pesquisa.

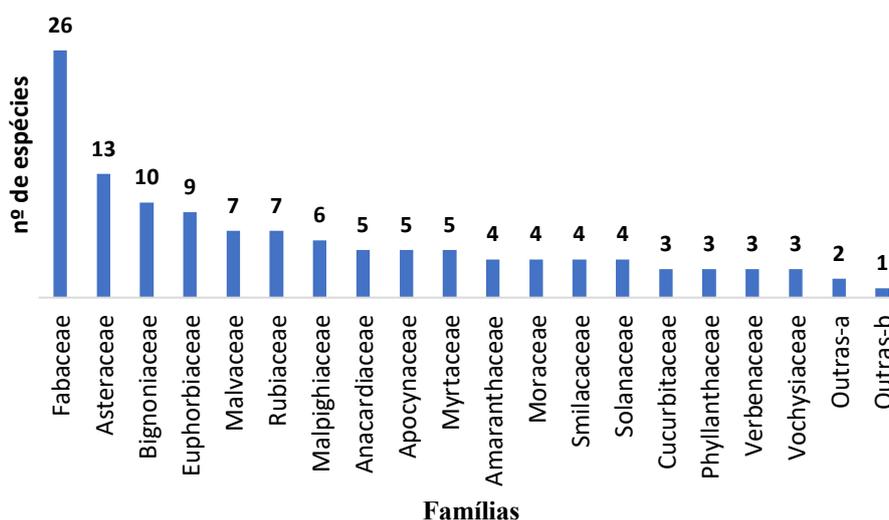
Elas estão entre as mais representativas do Cerrado em número de espécies. Isso justifica a predominância de uso medicinal de taxa destas famílias, haja vista que o maior número de espécies de uma família aumenta a probabilidade de uso pelos moradores locais (Silva; Proença, 2007).

Os gêneros estiveram representados por uma e no máximo quatro espécies, com a maioria (61%;110 spp.) deles representada por apenas uma espécie (Anexo). Esse resultado valida a existência de uma alta riqueza de gêneros.

Os gêneros mais ricos em espécies foram: *Smilax* L., *Solanum* L. (quatro spp. cada), *Alternanthera* Forssk., *Erythrina* L., *Eugenia* L., *Dorstenia* L. e *Phyllanthus* L. (três spp. cada). Dentre esses sete gêneros, *Eugenia* possui maior riqueza, com 83 spp. com ocorrência no Cerrado, das quais 47 tem registro em Goiás (Flora e Funga do Brasil, 2025). Além disso, algumas de suas espécies formam densos agrupamentos em cerrado sentido restrito. *Solanum* apresenta 74 espécies no Cerrado, das quais 47 ocorrem em Goiás (Flora e Funga do Brasil, 2024). *Phyllanthus* possui 38 spp. que ocorrem no Cerrado, das quais 17 tem distribuição em Goiás (Flora e Funga do Brasil, 2024).

Os demais gêneros possuem baixo número de espécies no Cerrado, embora algumas delas sejam abundantes. *Smilax* possui 19 espécies no Cerrado, das quais apenas seis ocorrem em Goiás (Flora e Funga do Brasil, 2024). Entretanto, existe uma alta abundância de *Smilax* em mata de galeria, mata seca e cerrado sentido restrito (observação pessoal).

**Figura 2** – Número de espécies de plantas medicinais nativas do Cerrado por família registradas nos artigos sobre etnobotânica realizados no Estado de Goiás entre 2014 e 2024



Fonte: Elaboração pelo(s) autor(es)

*Alternanthera* possui 23 espécies de ocorrência no Cerrado, das quais seis ocorrem em Goiás (Flora e Funga do Brasil, 2024). Suas espécies são abundantes em fitofisionomias mais abertas, como campestres e savânicas, e em ambientes antropizados no Cerrado (observação pessoal). *Erythrina* possui apenas nove espécies com distribuição no Cerrado, das quais apenas duas ocorrem em Goiás. *Dorstenia* também tem baixa representatividade no Cerrado, com apenas nove espécies, das quais cinco ocorrem em Goiás.

O predomínio de hábito de vida foi o arbóreo (35%, n = 63), seguido do subarbutivo (25%, n = 45), arbustivo (18,9%, n = 34), trepadeira (11,1%, n = 20), herbáceo (8,9%, n = 16) e palmeira (1,1%, n = 2). Estes resultados estão em concordância com as pesquisas bibliográficas da flora medicinal para os Estados do Mato Grosso (Guarim-Neto; Morais, 2003) e de Goiás (Silva; Proença, 2007), nos quais o hábito arbóreo também foi o mais frequente. Segundo Silva e Proença (2007), a importância das espécies arbóreas para a medicina tradicional do Cerrado deve ser enfatizada, pois devido à sazonalidade característica deste bioma, com as estações seca e chuvosa bem definidas, durante a estação seca os moradores locais dispõem dos recursos ofertados pelas árvores e a partir deles produzem medicamentos.

Entre as 180 plantas medicinais catalogadas a maioria ocorre nos domínios geográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica; seguido pelas que são de ocorrência na Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal; no Cerrado e Mata Atlântica e são exclusivas do Cerrado (Tabela 2; Anexo). Vale ressaltar que 97 plantas medicinais (53,9%) estão distribuídas em quatro, cinco ou seis domínios fitogeográficos. Diante destes resultados, pode-se inferir que a maioria das plantas medicinais catalogadas é de ampla ocorrência no Brasil.

As espécies encontradas na busca bibliométrica das espécies agruparam entre diferentes biomas de origem, mesmo que a busca tenha sido delimitada para espécies do Cerrado. A ocorrência dessas espécies por bioma formou três grandes grupos, sendo eles plantas da Amazônia, plantas da Mata Atlântica e Cerrado e plantas do Pampa e Pantanal. As plantas da Caatinga não agruparam em nenhum grupo. Os grupos destacados na análise de similaridade destacam que há maior similaridade para as plantas da Mata Atlântica e Cerrado e Pampa e Pantanal, formando os dois grupos fortes (Figura 3).

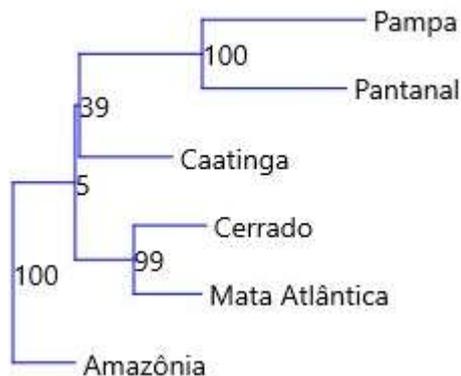
**Tabela 2** – Número de espécies de plantas medicinais catalogadas nos artigos etnobotânicos realizados em Goiás entre 2014 e 2024, de acordo com a ocorrência nos domínios fitogeográficos brasileiros

<b>Domínios fitogeográficos brasileiros</b>	<b>Nº de espécies (% do total de 180 spp.) amostradas no presente estudo de acordo com a ocorrência nos domínios fitogeográficos brasileiros</b>
Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	31 (17,2)
Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	30 (16,7)
Cerrado, Mata Atlântica	18 (10,0)
Cerrado	17 (9,4)
Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica	12 (6,7)
Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	10 (5,6)
Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	10 (5,6)
Amazônia, Caatinga, Cerrado	7 (3,9)
Amazônia, Cerrado	7 (3,9)
Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	6 (3,3)
Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	6 (3,3)
Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	5 (2,8)
Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	4 (2,2)
Amazônia, Caatinga, Cerrado, Pantanal	4 (2,2)
Caatinga, Cerrado	4 (2,2)
Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	3 (1,7)
Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	2 (1,1)
Amazônia, Caatinga, Cerrado, Pampa	1 (0,6)
Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	1 (0,6)

Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	1 (0,6)
Cerrado, Pampa	1 (0,6)

Fonte: Elaboração pelo(s) autor(es)

**Figura 3** – Dendrograma da ocorrência de espécies de plantas medicinais por biomas brasileiros utilizando distância euclidiana (10.000x *bootstraps*).



Fonte: Elaboração pelo(s) autor(es)

Dentre as espécies catalogadas 12,8% (n = 23) são endêmicas do Brasil: *Himatanthus drasticus* (Apocynaceae), *Anthurium affine*, *Thaumatococcus lundii* (Araceae), *Lychnophora ericoides*, *L. pinaster*, *Mikania smilacina* (Asteraceae), *Adenocalymma nodosum*, *Jacaranda rufa*, *Zeyheria montana* (Bignoniaceae), *Andira inermis*, *Bauhinia curvula*, *Erythrina speciosa*, *E. verna*, *Stryphnodendron adstringens*, *S. polyphyllum* (Fabaceae), *Pseudotrimezia juncifolia* (Iridaceae), *Byrsonima intermedia* (Malpighiaceae), *Pseudobombax grandiflorum* (Malvaceae), *Dorstenia cayapia* (Moraceae), *Campomanesia pubescens* (Myrtaceae), *Piper anisum* (Piperaceae), *Smilax brasiliensis* (Smilacaceae), *Solanum cernuum* (Solanaceae).

Embora os levantamentos etnobotânicos tenham apresentado a maioria das espécies com ampla distribuição no Brasil e poucas espécies endêmicas, vale ressaltar que, em território brasileiro, 17 espécies são de ocorrência exclusiva no Cerrado. Dentre estas, *Lychnophora pinaster*, *Smilax brasiliensis* e *Thaumatococcus lundii* são endêmicas do Cerrado. *Lychnophora pinaster* tem distribuição confirmada apenas nos campos rupestres de Minas Gerais (Flora e Funga do Brasil, 2024). Esta espécie foi amostrada somente no estudo realizado em um bairro da área urbana de Goiânia (Santos; Faria; Vilhalva, 2015), o qual incluía espécimes cultivados ou citados pelos moradores. Logo, pode-se inferir que a espécie tolera o cultivo ou houve equívoco quanto à identificação da espécie citada pelo morador. Já *Smilax brasiliensis* tem ampla distribuição no Cerrado, com ocorrência tanto na Região Centro-Oeste quanto na Sudeste, sendo encontrada até mesmo em ambientes antropizados. *Thaumatococcus lundii* tem distribuição na Bahia, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais. Nenhuma das três espécies tem o *status* de conservação avaliado na base de dados consultada (Flora e Funga do Brasil, 2024). Entretanto, por serem endêmicas e de uso medicinal existe a preocupação com a coleta predatória e, principalmente, a destruição do seu habitat.

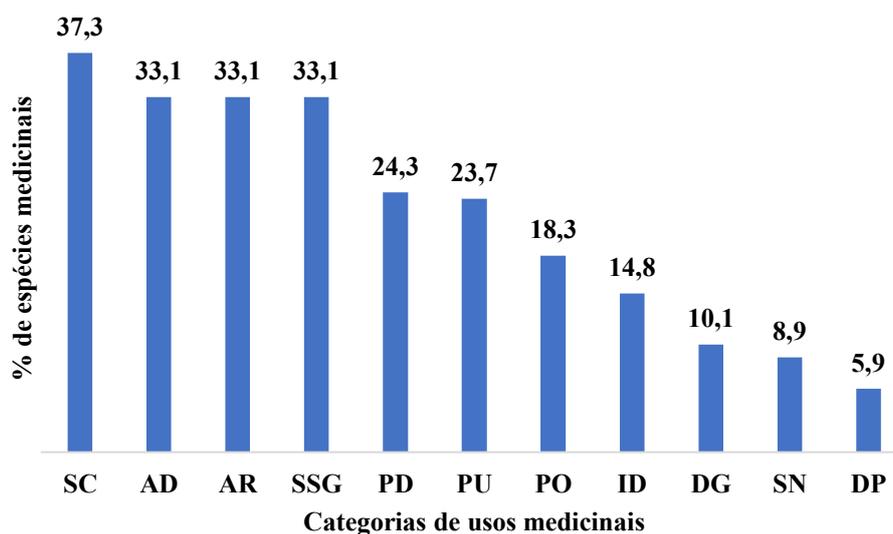
Quanto ao *status* de conservação entre as 180 plantas medicinais catalogadas, a maioria (149 spp.; 82,8 %) se encontra com *status* não avaliada quanto à ameaça (NE). Diante disso, é necessário ampliar as pesquisas em prol de avaliar o *status* de ameaça

destas plantas medicinais em prol de se estabelecer estratégias futuras de conservação das mesmas. Para 26 plantas medicinais (14,4%) o *status* é pouco preocupante (LC) (Anexo).

*Amburana cearenses*, *Bowdichia virgilioides* e *Lychnophora pinaster* se encontram na categoria de quase ameaça (NT), ou seja, estão perto de serem incluídas numa das categorias de ameaça (criticamente em perigo (CR), em perigo (EN) ou vulnerável (VU)) num futuro próximo (IUCN, 2025). Duas plantas medicinais se encontram em categorias de ameaça: *Cedrela fissilis* está na categoria vulnerável (VU) e *Anemopaegma arvense* como em perigo (EN) (Anexo). Logo, pesquisas precisam ser desenvolvidas com estas espécies para ampliar o conhecimento sobre como se encontram o tamanho de suas populações, a situação de conservação de seus habitats e sua atual distribuição no território brasileiro para que seja possível propor e realizar ações direcionadas para prevenir uma possível ameaça à existência delas. Além disso, vale ressaltar que o Cerrado apresenta fitofisionomias com características ambientais diversas, mas também vasta área ecotonal com outros biomas, o que proporciona elevado grau de endemismo (Oliveira Júnior et al., 2021).

Dentre as 169 plantas medicinais catalogadas com indicação de uso medicinal presente nos artigos etnobotânicos, houve um predomínio de uso das plantas para tratar doenças associadas ao sistema cardiovascular (37,3 %), seguido de doenças relacionadas aos sistemas digestivo, ao sistema respiratório e a sintomas e sinais gerais, aquelas com sintomatologia de várias doenças não específicas e ou de origem cultural (33,1% cada) (Figura 4). Doenças relacionadas ao sistema gastrointestinal e ao respiratório estão entre as mais citadas em outros estudos etnobotânicos no país. Nas regiões Norte e Nordeste do Brasil os distúrbios mais tratados por plantas medicinais são os gastrointestinais e das vias respiratórias (Rodrigues; Andrade, 2014; Brito; Marin; Cruz, 2017; Durão; Costa; Medeiros, 2021). A falta de saneamento básico também pode justificar a grande quantidade de citações para as categorias de transtornos dos sistemas digestório e respiratório.

**Figura 4** – Percentual de espécies medicinais de acordo com as categorias de usos medicinais. AD = doenças associadas ao aparelho digestivo; AR = doenças associadas ao aparelho respiratório; PD = doenças associadas à problemas dermatológicos; ID = doenças associadas à inflamação e dor; SN = doenças associadas ao sistema nervoso; SC = doenças associadas ao sistema cardiovascular; PU = doenças associadas a problemas urológicos; DP = doenças parasitárias; DG = doenças ginecológicas; PO = problemas ortopédicos; e SSG = sintomas e sinais gerais, aquelas com sintomatologia de várias doenças não específicas e ou de origem cultural



Fonte: Elaboração pelo(s) autor(es)

*Baccharis crispa* foi a planta com o maior número de categorias de usos medicinais, não sendo usada somente para tratamento de doenças ginecológicas. Essa espécie foi indicada para o tratamento de 21 enfermidades: diabetes, calmante, estresse, insônia, feridas, problemas hepáticos, disfunções estomacais e intestinais, anti-inflamatória, diurética, digestiva, antianêmica, antiasmática, antibiótica, antidiarreica, antidispéptica, antigripal, anti-hidrópica, antirreumática, laxante, sudorífica e vermífuga (Anexo). No Brasil ela tem distribuição na Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pampa, com ocorrência até mesmo em áreas antropizadas.

As espécies com maior número de citações nos artigos etnobotânicos foram *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão) (12 citações), *Brosimum gaudichaudii* (mamacadela) (11 citações), *Ageratum conyzoides* (mentrasto), *Mikania glomerata* (guaco), *Copaifera langsdorffii* (copaíba) e *Phyllanthus niruri* (quebra-pedra) (10 citações cada).

Dentre essas plantas, podemos destacar *Brosimum gaudichaudii* Trécul, espécie popularmente conhecida como mama-cadela, com ocorrência expressiva no Cerrado e de ocorrência secundária na Mata Atlântica. A raiz e parte inferior do caule são utilizados por comunidades locais para tratamento de vitiligo e outras doenças de pele. A utilização da planta para esses fins ocorre devido a presença de compostos como psoraleno e bergapteno, que promovem a repigmentação (Cunha et al., 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo principal realizar uma revisão bibliográfica sobre os estudos etnobotânicos realizados no estado de Goiás, com foco no uso de plantas medicinais nativas do bioma Cerrado. A análise dos 19 artigos selecionados, publicados entre 2014 e 2024, permitiu identificar 180 espécies de plantas medicinais nativas do Cerrado, distribuídas em 140 gêneros e 67 famílias botânicas. As famílias Fabaceae, Asteraceae, Bignoniaceae, Euphorbiaceae, Malvaceae, Rubiaceae, Malpighiaceae, Anacardiaceae, Apocynaceae e Myrtaceae destacaram-se como as mais

ricas em espécies, corroborando estudos anteriores que também apontam essas famílias como as mais representativas no Cerrado.

Os resultados evidenciaram que a maioria das espécies catalogadas possui ampla distribuição geográfica, ocorrendo em diversos domínios fitogeográficos brasileiros, como Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. Esse padrão de distribuição sugere que muitas dessas plantas são amplamente utilizadas em diferentes regiões do país, reforçando a importância do conhecimento tradicional associado ao uso de plantas medicinais.

O hábito arbóreo foi o mais frequente entre as espécies catalogadas, seguido pelo subarbustivo e arbustivo. Esse predomínio de espécies arbóreas reflete a importância dessas plantas para as comunidades locais, especialmente durante a estação seca, quando os recursos oferecidos pelas árvores são essenciais para a produção de medicamentos tradicionais. Além disso, a alta riqueza de gêneros, com a maioria representada por apenas uma espécie, indica a diversidade de plantas medicinais disponíveis no Cerrado goiano.

Apesar da relevância dessas espécies para a medicina popular, os resultados também apontam para a escassez de estudos etnobotânicos no estado de Goiás, com apenas 5,3% dos municípios goianos representados nas publicações analisadas. Essa lacuna no conhecimento científico sobre a flora medicinal do Cerrado pode comprometer a preservação e o uso sustentável desses recursos, especialmente diante das ameaças impostas pela expansão agrícola, urbanização e perda de habitat.

Por fim, este trabalho contribui para o avanço do conhecimento sobre a flora medicinal do Cerrado goiano, destacando a importância da etnobotânica como ferramenta para a conservação da biodiversidade e a valorização dos saberes tradicionais. Espera-se que os resultados desse estudo sirvam como base para futuras pesquisas e para o desenvolvimento de estratégias de conservação e uso sustentável das plantas medicinais no estado de Goiás.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. et al. **Introdução à etnobotânica**. 3ª edição. Recurso eletrônico. Rio de Janeiro: Interciência. 2022.
- ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à Etnobotânica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência. 2005.
- APG IV (Angiosperm Phylogeny Group). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, n. 1, p. 1-20, 2016. DOI: 10.1111/boj.12385
- ARRUDA, A.S.; Silva, E.L.G.; Freire, N.K.G.; Gouveia, N.M. Levantamento etnofarmacológico de plantas medicinais utilizadas pela população em dois bairros de Mineiros–Goiás. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, p. 72870-72881, 2021.
- BEZERRA, D.G. et al. Ethnobotanical survey of medicinal plants used by the population in the neighborhoods South of the city of Anápolis, Goiás State, Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 20, p. 10-27, 2018.
- BRITO, M.F.M.; MARÍN, E.A.; CRUZ, D.D. Plantas medicinais nos assentamentos rurais em uma área de proteção no litoral do nordeste brasileiro. **Ambiente & Sociedade**, v. 20, p. 83 – 104, 2017.
- CUNHA, L.C.; PAULA, J.R.; SÁ, V.A.; AMORIM, M.E.P.; BARROS, I.C.M.; BRITO, L.A.B.; SILVEIRA, N. Acute toxicity of *Brosimum gaudichaudii* Trécul. root extract in

- mice: determination of both approximate and median lethal doses. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, p. 532–538, 2008.
- DELGADO, M.N.; GOMES, J.P.; CASTRO, R.B. de; SOUSA, J.A. de. Plantas medicinais usadas pelos moradores das áreas urbana e rural de Luziânia, Goiás, Brasil. **Revista Agrogeambiental**, v. 13, n. 4, p. 809-823, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18406/2316-1817v13n420211662>
- DURÃO, H. G.; COSTA, K.; MEDEIROS, M. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade quilombola de Porto Alegre, Cametá, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Naturais**, v. 16, n. 2, 245-258, 2021.
- FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br>. Acesso em: 29 dez. 2024.
- GOMES, T.B.; BANDEIRA, F.P.S.F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, p. 796-809, 2012.
- GUARIM NETO, G.; MORAIS, R.G. de. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**, v.17, p. 561-584, 2003.
- GUIMARÃES, B. O., MORAIS, I. L. de, OLIVEIRA, A. Medicinal plants and their popular use in Boa Esperança Settlement, Piracanjuba, Goiás, Brazil. **Boletim Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales Aromáticas**, v. 21, n. 4, p. 485-513, 2022.
- GUIMARÃES, B.O.; OLIVEIRA, A.P.; MORAIS, I.L. de. Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba-Ana Laura, Piracanjuba, GO. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 8, n. 3, p. 196-220, 2019.
- HUNN, E. O fator utilitário na classificação biológica popular. **Antropólogo americano**, v. 84, n. 4, p. 830-847, 1982.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Malha Municipal. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html>. Acesso em: 1 mai. 2025.
- IUCN 2025. A Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN. Versão 2024-2. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org>. Acesso em: 22 jan. 2025.
- LEMONS, B.P.; SILVA, L.L. da; SILVA, L.B. da; PEREIRA JÚNIOR, L.A.; ESPÍRITO SANTO, C.A.F. do; AYRES, F.M.; CALDEIRA, A.J.R. A perspectiva do consumo de plantas medicinais por pacientes idosos em tratamento quimioterápico. **Semin. Cienc. Biol. Saúde**, v. 44, n. 2, p. 183-98, 2023.
- MARCELO, V.G.; PAIXÃO, C.F.C.; RAMOS, M.V.V. Uso de plantas do domínio Cerrado com fins medicinais em Urutaí, GO, Brasil. **Multi-Science Journal**, v. 2, n. 1, p. 61-64, 2019.
- MORAIS, I. L. de; NASCIMENTO, L. A. do; SANTOS, A. B. S.; GUIMARÃES, B. O. High School students' perception of the use of Medicinal Plants: a teaching tool in the disciplines of Biology and Chemistry in Quirinópolis, Goiás, Brazil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 17, p. e202101724729, 2021.
- MOROSINI, M.C. Estado de conhecimento e questões do campo científico. **Revista da Educação**, v. 40, n. 1, p. 101-116, 2015.
- MOTTA, A.O.; LIMA, D.C.S.; VALE, C.R. Levantamento do uso de Plantas Medicinais em um Centro de Educação Infantil em Goiânia–GO. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 14, n. 1, p. 629-646, 2016.

- OLIVEIRA JÚNIOR, V.D.; SOUZA, A.G.V.; PADILHA, R. C.; VALE, V.S. Meta-análise em diferentes fitofisionomias do Cerrado e áreas da Mata Atlântica. **Advances in Forestry Science**, v. 8, n. 2, p. 1445–1453, 2021.
- PEREIRA, I.R.; MALAFAIA, G. Conhecimentos sobre plantas medicinais entre estudantes do Instituto Federal Goiano-Câmpus Urutaí, GO. **Saúde e Pesquisa**, v. 7, n. 2, 2014.
- PPG (Pteridophyte Phylogeny Group) I. A community-derived classification for extant lycophytes and ferns. **Journal of Systematics and Evolution**, v. 54, n. 6, p. 563-603, 2016. DOI: 10.1111/jse.12229.
- QGIS DEVELOPMENT TEAM. QGIS Geographic Information System. QGIS Association, 2025. Disponível em: <https://www.qgis.org>. Acesso em: 1 mai. 2025.
- REIS, H.S. dos; PAZ, C.D. da; COCOZZA, F. D. M.; OLIVEIRA, J.G.A. de; SILVA, M.A.V. Plantas medicinais da Caatinga: uma revisão integrativa dos saberes etnobotânicos no semiárido nordestino. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 2, p. 874–900, 2023. DOI: 10.25110/arqsaude.v27i2.2023-020.
- REIS, N.P. Arte de cuidar de raizeiros/as. **Revista Diálogo e Interação**, v. 16, n. 1, p. 237-259, 2022.
- RIGONATO, V.D; ALMEIDA, M.G. de. Cerrado: as fitofisionomias e a inter-relação com as populações tradicionais. **Revista Cerrados**, v. 2, n. 01, p. 39-54, 2004.
- RODRIGUES, A.P.; ANDRADE, L.H.C. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Inhamã, Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 16, p. 721-730, 2014.
- SANTOS, E.D. dos; FARIA, M.T.; VILHALVA, D.A.A. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela população do residencial Goiânia Viva, Região Noroeste-Goiânia, Goiás, Brasil. **Revista Uniaraguaia**, p. 13-40, 2016.
- SILVA, C. S. P.; PROENÇA, C. E. B. Flora medicinal nativa do Bioma Cerrado catalogada por estudos etnobotânicos no Estado de Goiás, Brasil. **Revista Anhangüera**, v. 8, n. 1, p. 67-88, 2007.
- SILVA, É.E.V.; CAVALCANTI, D.S.P. As principais plantas medicinais comercializadas nos mercados populares de Goiânia-Goiás. **Saúde & Ciência em Ação**, v. 2, n. 2, p. 44-57, 2016.
- SILVA, E.G.; LIMA, D.C.S.; VALE, C.R. Avaliação do uso consciente das plantas medicinais por frequentadores de uma unidade básica de saúde de Porangatu-GO. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 14, n. 2, p. 975-986, 2016.
- SILVA, J.S. Saber tradicional etnobotânico na comunidade Quilombola do Cedro no Sudoeste de Goiás. **Extensão Rural**, v. 26, n. 2, p. 17-36, 2019.
- SILVA, R.M.; FARIA, M.T. Caracterização etnobotânica e histoquímica de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do bairro Carrilho, Goianésia (GO). **Enciclopédia Biosfera**, v. 10, n. 19, 2014.
- SILVA, R.S.G. da; PEIXOTO, J.C. Acanthaceae do bioma Cerrado: identificação dos fitoquímicos das folhas da espécie *Justicia thunbergioides* (Lindau) Leonard (Acanthaceae) ocorrente no Parque Estadual Serra dos Pireneus, Pirenópolis, GO. **Fronteiras**, v. 2, n. 1, p. 16-27, 2013.
- SOARES, S. B.; MORAIS, I. L. de; CAES, A. L.; GUIMARÃES, B. O. Plantas medicinais de uso popular pelos familiares de alunos da Escola Geraldo Dias, Caldas Novas, Goiás. **Vivências**, v. 19, n. 39, p. 181–202, 2023.
- SOUZA, L. F.; Dias, R. F.; Guilherme, F. A. G.; Coelho, C. P. Plantas medicinais referenciadas por raizeiros no município de Jataí, estado de Goiás. **Revista brasileira de plantas medicinais**, v. 18, n. 2, p. 451-461, 2016.

VENTURA, M.V.A.; COSTA, E.M.; BESSA, M.M. Ethnobotanical survey of medicinal plants in the cities of Goianésia and Ipameri, in Goiás, Brazil. **Biomedical Journal**, v. 1, p. 5, 2018.

### **HISTÓRICO**

**Submetido:** 20 de março de 2025.

**Aprovado:** 13 de maio de 2025.

**Publicado:** 08 de junho de 2025.

### **COMO CITAR O ARTIGO - ABNT**

LOPES NETO, José Ferreira; HIRDES, Yasmin Tavares; SILVA NETO, Carlos do Melo e; SOARES, Gustavo da Silva; CAES, André Luiz; MORAIS, Isa Lucia de. Estudos etnobotânicos do estado de Goiás. **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, Cuiabá (MT), v. 3, n. 14, e2025013, 2025.

**Tabela 2** – Famílias botânicas, taxa nativos, nome vulgar, hábito, domínio fitogeográfico, *status* de conservação, tratamento medicinal, parte da planta usada, forma de uso e citação dos artigos que possuem dados de espécies medicinais para o Estado de Goiás, Brasil, entre 2014 e 2024.

Família	Espécie	Nome vulgar	hábito	Domínio fitogeográfico	Status de Conservação	Tratamento medicinal	Parte usada	Forma de uso	Citação
<b>SAMAMBAIAS</b>									
Equisetaceae	<i>Equisetum giganteum</i> L.	cavalinha	H	Ce, MA, Pa	NE	problemas renais	planta inteira	infuso	14, 16
Polypodiaceae	<i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J.Sm.	samambaia	H	A, Ce, MA, Pn	NE	infecção de garganta	rizoma, raiz	infuso	10
Pteridaceae	<i>Adiantum raddianum</i> C.Presl	avenca	H	Ce, MA, Pa	NE	Hidratação de cabelos	Folha	Chá (infusão) e enxagua o cabelo	19
<b>ANGIOSPERMAS</b>									
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	anador-de-folha	Sb	A, Ca, Ce, MA	NE	dor de cabeça, analgésico, antitérmico, gripe, vertigem	folha	decocto, infuso, macerado	2, 8, 9, 16
Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltr.) Micheli	chapéu-de-couro	H	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	depurativo, problemas renais e hepático, anti-inflamatório	folha	infuso	1, 3, 11, 16
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	terramicina, anador	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	resfriado, dor de garganta, infecção, inflamação geral, asma, antibiótico, anti-inflamatório, gripe, pneumonia, febrífugo	folha	infuso, decocto	8, 13, 14, 16, 19
Amaranthaceae	<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuchlík ex R.E.Fr.	terramicina	Sb	A, Ca, Ce, MA	NE	feridas externas, gripe, inflamação ocular	folha	-	9
	<i>Alternanthera philoxeroides</i> (Mart.) Griseb.	terramicina	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE				14
Anacardiaceae	<i>Gomphrena arborescens</i> L.f.	panaceia, paratudo	Sb	Ce	NE	febre, diarreia	raiz	decocto	10, 16
	<i>Anacardium humile</i> A.St.-Hil.	caju	Sb	A, Ca, Ce, MA	LC	úlceras gástricas nervosas, antidiabético, antirreumático, diarreia, gastrite	raiz	pó, infuso, suco, ingestão <i>in natura</i>	1, 8, 12
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	cajueiro	Ar	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	digestivo, úlceras gástricas e nervosas, hemorragia, desintéria	raiz, casca	pó da raiz, decocto, macerado	1, 12, 15, 19
	<i>Astronium urundeuva</i> (M.Allemão) Engl.	aroeira	Ar	Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	disenteria, úlceras no estômago, gripe ciático, gota, reumatismo, antimicrobiana, micoses, câncer, limpeza de pele, coceiras, acne, manchas, desinfecção de ferimentos e fraturas, erisipela, depurativo do sangue	casca, entrecasca	beber o decocto ou banho na parte afetada, garrafada, aplicação externa na forma de antisséptico para o caso de fraturas e feridas expostas, loções, géis, sabonetes	1, 10, 11, 14, 16

	<i>Lithraea molleoides</i> (Vell.) Engl.	aroeira-branca	Ar	Ce, MA, Pa, Pn	NE	antirreumático	caule	banho do decocto	1
	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	aroeira	Ar	Ca, Ce, MA, Pa	NE	antirreumático	casca	infuso, macerado	8
Annonaceae	<i>Duguetia furfuracea</i> (A.St.-Hil.) Saff.	sofre-dos-rins-quem-quer	Sb	A, Ca, Ce, MA	NE	Problemas renais	raiz	decocto	1, 2, 9
	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	pimenta-de-macaco	Ar	A, Ce	LC	inflamação de garganta, má digestão, gases, flatulência, prisão de ventre, impotência sexual	fruto, semente, entrecasca	infuso, macerado, emplasto	1, 16
Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	coentro-do-pará	H	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	digestivo, infecção	planta inteira	tempero	16
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	mangaba	Ar	A, Ca, Ce, MA	NE	gripe, antiespasmódico, problemas renais	casca, resina, fruto	infuso, ingestão do fruto e resina	8, 11, 16
	<i>Himatanthus drasticus</i> (Mart.) Plumel*	tiborna	Ar	A, Ca, Ce	NE	verminoses, febre, infertilidade feminina, úlcera gástrica, luxação de qualquer articulação	látex	garrafada com o látex e água	10
	<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson	tiborna	Ar	A, Ca, Ce	NE	Pneumonia, depurativo	raiz, látex	infuse, tomar gotas na água, alimentação	1, 16
	<i>Mandevilla velame</i> (A.St.-Hil.) Pichon	velame-branco	Sb	Ce, Pa	NE	depurativo, anti-inflamatória, infecção	folha, raiz	infuso, decocto	1, 5, 10, 11, 12, 16
	<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) K. Schum	chapéu-de-napoleão	Ab	A, Ce	NE	caspa, seborreia	fruto	cosmético	16
Araceae	<i>Anthurium affine</i> Schott*	salsa-paredão	H	Ca, Ce, MA	NE	depurativo	batata	infuso	1
	<i>Thaumatococcus lundii</i> (Warm.) Sakur., Calazans & Mayo*	cipó-imbé	H	Ce	NE	dor na coluna, reumatismo	folha, fruto seco	infuso no álcool, creme, emplasto	1, 11, 16
Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	buriti	Pa	A, Ca, Ce	NE	vermífugo, energético, picada de serpente	fruto, talo, sumo	óleo, doce, aplicação do sumo no local (picada de serpente)	12, 16
	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	guariroba, gueiroba	Pa	Ca, Ce	NE	problemas urinários	folhas	decocto	10
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia esperanzae</i> Kuntze	jarrinha	Tr	Ce	NE	má digestão, próstata, queimação, azia	raiz, caule, folha	decocto, infuso	1, 16
	<i>Aristolochia triangularis</i> Cham. & Schltdl.	guaco	Tr	A, Ce, MA	NE	dores musculares, gripe e sinusite	folha	-	2
Asteraceae	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	marcela	Sb	Ce, MA, Pa	NE	anti-inflamatório, antimicrobiano, infecções intestinais, antidiarreico, distúrbios digestivos, antiespasmódico, cefaleia, febrífugo	flor	infuso, decocto, macerado	7, 8, 10, 14, 16, 17

	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	mentrasto	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	calmante; insônia; cólica menstrual; depressão; dor em geral (crianças); labirintite; distúrbios digestivos, anti-diarreico, antiespasmódico, gripe, condições pós-operatórias, anti-inflamatório, analgésico, flatulência em bebês, brotoeja	folha e raiz sem estarem no período floral	infuso, macerado	2, 3, 4, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 19
	<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	carqueja	Sb	Ca, Ce, MA, Pa	NE	diabetes, calmante, estresse, insônia, feridas, problemas hepáticos, disfunções estomacais e intestinais, anti-inflamatória, diurética, digestiva, antianêmica, antiasmática, antibiótica, anti-diarreica, antidispéptica, antigripal, anti-hidrópica, antirreumática, laxante, sudorífica, vermífuga	folha	infuso, pó, comprimido	2, 3, 4, 10, 14, 16, 19
	<i>Dasyphyllum brasiliense</i> (Spreng.) Cabrera	espinho-agulha	Ab	Ce, MA	NE	problemas renais	folha	infuso	16
	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	marcelinha	Sb	A, Ca, Ce, MA	NE	diarreia, febre intestinal	folha	-	2, 9, 14
	<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.*	arnica-da-serra	Ar	Ca, Ce	NE	contusões, aliviar inchaço e dores nas pernas, repelente, anti-inflamatório	folha, planta inteira	alcoolatura, infusão no álcool, sabonete, creme, gel	1, 16
	<i>Lychnophora pinaster</i> Mart.*	arnica	Ab	Ce	NT	cicatrização de feridas, lesões desportivas, roturas de ligamentos, hematomas, contusões, fibromialgia, verminoses, flatulência, inchaço	folha	-	4
	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	guaco	Tr	Ce, MA, Pa	LC	expectorante, broncodilatador, digestivo, febrífugo, gripe, bronquite, perturbações hepáticas, infecção de urina, tosse, rouquidão, dores musculares, sinusite	folha, raiz	infuso, macerado, suplemento alimentar, xarope	4, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 19
	<i>Mikania smilacina</i> DC.*	guaco	Tr	Ce, MA	NE	bronquite, expectorante, asma, febre	caule, folha	infuso, xarope	12
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	arnica	Sb	Ca, Ce, MA, Pa	NE	contusões, aliviar inchaço e dores nas pernas, repelente, anti-inflamatório	planta inteira	infusão no álcool, sabonete, creme, gel	14, 16
	<i>Stevia rebaudiana</i> (Bertoni) Bertoni	estévia	Sb	Ce	NE				14
	<i>Vernonanthura ferruginea</i> (Less.) H. Rob.	assa-peixe	Ab	Ce	NE	bronquite asmática e simples, expectorante, gripe, pneumonia, problemas pulmonares, asma	folha	infuso	1, 11, 19
	<i>Vernonanthura polyanthes</i>	assa-peixe branco	Ab	Ce, MA	NE	bronquite, gripe, tosses, expectorante, anemia, pneumonia,	folha	infuso, macerado, xarope	2, 4, 7, 8, 9, 12, 14, 16

	(Sprengel) Vega & Dematteis					febrífugo, asma, hematomas e purificador de sangue pediátrico			
Begoniaceae	<i>Begonia cucullata</i> Willd.	azedinha	Sb	Ce, MA, Pa	NE		folha	macerado	13
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma nodosum</i> (Silva Manso) L.G.Lohmann*	cigana	Ab	Ca, Ce, MA	NE	depurativo, laxante, purgativa	raiz, folha desidratada	Decocto, infuso	1, 16
	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld ex de Souza	alecrim-do-campo	Sb	A, Ce, MA	EN	energético, tônico, impotência sexual, estimulante do sistema nervoso, insônia, falta de memória, afrodisíaco, problemas renais	folha, raiz, planta inteira	infuso, comprimido, garrafada	1, 6, 16
	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	ipê-verde	Ar	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	problemas no fígado	caule	decocto	1
	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	carajiru	Tr	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	câncer, febrífugo	folha, toda a planta	decocto, infuso	1, 8
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	ipê-roxo	Ar	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	anti-infeccioso, infecções de feridas, diurético, anti-inflamatório, antibacteriana, bronquite, asma	casca, entrecasca	infuso, decocto, banho	1, 10, 11, 12, 14, 16
	<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	carobinha	Ab	Ce	NE	depurativo	raiz	decocto, tintura	1, 11, 12
	<i>Jacaranda rufa</i> Silva Manso*	carobinha, caroba-do-cerrado	Sb	Ce, MA	NE	escaras, feridas, cicatrizante, depurativo	folha, raiz, planta inteira	banho, garrafada	16
	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	caraiíba	Ar	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	depurativo, gripe, tosse	caule, raiz	decocto, macerado na pinga	1
	<i>Tabebuia roseoalba</i> (Ridl.) Sandwith	ipê-branco	Ar	Ca, Ce, MA	NE	infecções de feridas	caule	banho	1
	<i>Zeyheria montana</i> Mart.*	mandioquinha-do-campo	Ab	A, Ca, Ce, MA	LC	infecção	folha, planta inteira, exceto raiz	infuso	11, 16
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	urucum	Ab	A, Ce, MA	NE	gripe, expectorante, bronquite, pneumonia, anti-inflamatório, depurativo, diminuir o colesterol, antianêmico	semente, fruto, folha	macerado, decocto, suplemento alimentar, infuso, pó, xarope com açúcar e água	4, 8, 12, 14, 16, 19
	<i>Cochlospermum regium</i> (Mart. ex Schrank) Pilg.	algodãozinho-do-campo	Ab	A, Ca, Ce, Pa	LC	dores, inflamação ou infecção do útero e ovário, infecção no fígado, depurativo, hipertensão, antibiótico	folha, raiz	decocto, garrafada, rapadura, macerado, raspar a raiz e curtir no vinho branco	1, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 19
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	abacaxi	H	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	vermífugo, catarro nos pulmões, tosse, diurético, problemas renais	fruto	suco, suplemento alimentar	1, 8

Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	amescla	Ar	A, Ca, Ce, MA	NE	-	-	-	14
Cactaceae	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	ora-pró-nobis	Tr	Ca, Ce, MA, Pa	LC	diabetes, intestino preso	folha	mastigar a folha crua	19
Calophyllaceae	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	mangue	Ar	A, Ca, Ce, MA	NE	-	-	-	14
Cannabaceae	<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.	esporão	Ab	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	problemas renais	folha	infuso	11, 16
Caricaceae	<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) A.DC.	jacaratiá	Ar	A, Ce, MA	LC	-	-	-	11
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	pequi	Ar	A, Ca, Ce, MA	LC	resfriado, bronquite e asma	castanha, folha	óleo da castanha, infuso	11, 12
Celastraceae	<i>Monteverdia ilicifolia</i> (Mart. ex Reissek) Biral	espinheira-santa	Ab	Ce, MA, Pa, Pn	LC	gripe, gastrite, úlcera, gases, digestão, problemas renais	folha	infuso, extrato seco em cápsulas ou em forma de tinturas, as quais são diluídas na água	3, 6, 8, 16
Combretaceae	<i>Terminalia argentea</i> Mart. & Zucc.	capitão	Ar	A, Ca, Ce, MA	LC	gripe, problemas respiratórios	casca, entrecasca, folha	xarope, garrafada	1, 10, 16
Connaraceae	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	tropeiro	Ab	Ce	NE	problemas no coração	folha	infuso	1
Convolvulaceae	<i>Operculina hamiltonii</i> (G.Don) D.F.Austin & Staples	amaro-leite	Tr	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	depurativo	tubérculo, raiz	doce, garrafada, macerado, polvilho	1
	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	batata-de-purga	Tr	A, Ca, Ce, MA	LC	verminose, depurativa	tubérculo	suplemento alimentar	3, 10, 16
Costaceae	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	cana-de-macaco	H	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	problemas renais, tumores	Caule, folha, flor	decocto, infuso	1, 11, 16
Cucurbitaceae	<i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.	cipó-azugo, azogue-do-brasil	Tr	A, Ca, Ce, MA	NE	dores em geral, depurativo	raiz	decocto	10, 16
	<i>Cucumis anguria</i> L.	maxixe	Tr	A, Ce, MA	NE	afrodisíaco	fruto, folha	alimentação	16
	<i>Luffa operculata</i> L. Cogn.	buchinha	Tr	A, Ce, MA	NE	sinusite	bucha fibrosa do fruto	Descascar a buchinha e cortar um pedaço com 2 cm e colocar numa xícara de água e sal (usar a medida de uma colher de café), deixando em descanso por cinco dias e coar. Pingar duas gotas em cada narina, pela manhã e à	1, 10, 16

								noite, sem assoar o nariz, deixando escorrer naturalmente. alcoolatura	
Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	lixreira	Ar	A, Ca, Ce, MA	NE	infecção nos rins	folha	infuso	16
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea trifida</i> L.f.	inhame, cará	Tr	A, Ce	LC	depurativo, fertilidade feminina	rizoma	alimentação	16
Ebenaceae	<i>Diospyros lasiocalyx</i> (Mart.) B.Walln.	olho-de-boi	Ar	Ce, MA	NE	mau olhado	semente	colocar atrás da porta da casa	1
Euphorbiaceae	<i>Cnidocolus albomaculatus</i> (Pax) I.M.Johnst.	urtiguinha	Sb	Ce	NE	depurativo, coluna, próstata	raiz	infuso	1
	<i>Cnidocolus urens</i> (L.) Arthur	cansação	Sb	A, Ca, Ce, MA	NE	inflamação do útero	folha	-	4
	<i>Croton antisyphiliticus</i> Mart.	pé-de-perdiz	Sb	A, Ca, Ce, MA	NE	depurativo, úlceras no estômago, erupções da pele, DST/sífilis, infecção no ovário, antibiótico	raiz, folha, planta inteira	garrafada, decocto, infuso	1, 10, 12, 14, 16, 17
	<i>Croton urucurana</i> Baill.	sangra-d'água	Ar	A, Ce, MA	NE	infecção em geral, infecção uterina, no ovário, cisto, mioma, corrimento, cicatrizante, erisipelas, erupções da pele, anti-inflamatório, antirreumático, antisséptico, gastrite, úlcera, hemorroida, diarreia, depurativo	casca, látex, seiva	macerado, infuso, garrafada, beber o decocto das cascas do caule ou o látex diluído na água	1, 4, 8, 10, 11, 16
	<i>Euphorbia hirta</i> L.	santa-luzia, poaio	H	A, Ca, Ce, MA, Pa	NE	infecções na boca, hemorragia, verruga	folha, flor, raiz, látex	infuso, garrafada, aplicação do látex na verruga	8, 16
	<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken	jalapa	Sb	A, Ca, Ce, Pn	NE	-	-	-	11
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	verminoses	folha, fruto	infuso	10
	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	mandioca	Ab	A, Ce	NE	antianêmico, problemas dermatológicos em bebês, fortalecimento ósseo	folha	pó ou farinha na comida	1, 8, 16
	<i>Microstachys corniculata</i> (Vahl) Griseb.	velamino	Sb	A, Ca, Ce, MA	NE	distúrbios do sangue e da pele, infecções em geral	raiz	destilado	8
Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.	imburana	Ar	Ca, Ce, MA, Pn	NT	problemas circulatórios	entrecasca, semente	infuso	14, 16
	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	angico-branco	Ar	Ca, Ce, MA	NE	bronquite, alergias, diarreia, pneumonia, asma	entrecasca, resina	decocto, garrafada, xarope, consumo <i>in natura</i> da resina	1, 10, 14, 16
	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.)	angico-vermelho	Ar	Ca, Ce, MA	NE	gripe, resfriado, tosse, vermes e expectorante	entrecasca	infuso, garrafada	12

Brenan var. <i>colubrina</i>									
<i>Anadenanthera peregrina</i> var. <i>falcata</i> (Benth.) Altschul	angico-do-cerrado	Ar	Ca, Ce, MA	NE	bronquite, problemas pulmonares, gripe	casca, resina	decocto, macerado na pinga ou vinho, xarope	1	
<i>Andira inermis</i> (W.Wright) DC.*	quina	Ar	A, Ce, MA	LC	anemia	casca	-	2, 9	
<i>Bauhinia curvula</i> Benth.*	pata-de-vaca	Ar	A, Ce	LC	infecção, diurético	folha	infuso	17	
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	maleiteira	Ar	A, Ca, Ce, MA, Pa	NT	antidiabético, depurativo, fortificante, antirreumático	casca, semente	decocto, macerado	1, 7	
<i>Calliandra dysantha</i> Benth.	ciganinha	Ab	Ca, Ce	NE	regular o ciclo menstrual, problemas dermatológicos	flor, raiz	decocto	10, 11	
<i>Centrosema bracteosum</i> Benth.	rabo-de-tatu	Tr	Ca, Ce, MA	LC	dor no estômago, tratamento do sistema hepático	raiz	macerado	17	
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	copaiba	Ar	A, Ca, Ce, MA	NE	antidiabético; cicatrizante para curar umbigo de recém-nascido; próstata; antibiótico, contusões, bronquite, reumatismo, artrose, artrite, dor nas pernas e na coluna, anti-inflamatório, pneumonia	óleo, resina, casca	gotas na água, pingar no local, pó na comida, decocto, macerado, queimar o óleo na pinga e aplicar no local da dor, tintura	1, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19	
<i>Desmodium incanum</i> DC. Voucher	carrapichinho, cara-de-vaca, carrapichinho, beíço-de-boi	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	problemas renais	folha	infuso	16	
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	baru	Ar	Ce	NE	coluna, regulador menstrual, reumatismo, problemas renais, diminuir o colesterol, bronquite	entrecasca, fruto, semente (castanha)	decocto, garrafada, infuso, macerado, ingestão da castanha	1, 10, 14, 16, 19	
<i>Erythrina mulungu</i> Mart.	mulungu	Ar	Ce	NE	problemas hepáticos	casca	-	3	
<i>Erythrina speciosa</i> Andrews*	mulungu	Ar	Ce, MA	LC	calmante, insônia	folha	infuso	17	
<i>Erythrina verna</i> Vell.*	mulungu	Ar	A, Ce, MA	LC	hepatite, calmante	entrecasca, casca	infuso, garrafada	16	
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá-da-mata	Ar	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	próstata, bronquite, cicatrizar feridas, asma, blenorragia, cistite, cólicas, vermes, doenças respiratórias, feridas na boca ou no estômago, como laxante, coqueluche, disenteria, má digestão, fraqueza, tosse, laringite, hemorragia, infecção de garganta, fortalecimento ósseo, próstata, sinusite	casca, entrecasca, epicarpo, fruto, resina	decocto, macerado no vinho, infuso, garrafada, ingestão da farinha do fruto	1, 4, 7, 10, 11, 12, 16, 18	

<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	jatobá	Ar	A, Ca, Ce, Pn	NE	expectorante, gripe	folha, raiz	infuso, decocto	8, 14
<i>Myroxylon peruiferum</i> L.f.	bálsamo	Ar	Ce, MA	NE	inchaço, gripe, dores, gastrite	caule, folha, semente	decocto	1, 9, 14
<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub.	alcaçuz	Ab	A, Ca, Ce, MA	NE	infecção de garganta, gripe	raiz, rizoma	xarope	10, 16
<i>Plathymenia reticulata</i> Benth	vinhático	Ar	A, Ca, Ce, MA	LC	gastrite, úlcera, infecção estomacal	entrecasca	infuso, pó, comprimido	16
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	sucupira	Ar	A, Ca, Ce, Pn	NE	gripe, combater a artrite, artrose, reumatismo, inibir a dor, excesso de ácido úrico, amigdalite, dor de garanta, feridas, diabetes, cisto no útero, inflamações, sífilis, má digestão, infecção ginecológica	casca, fava, folha, semente	maceração da casca, fava e semente e depois faz-se o chá por infusão, infuso da folha, semente no álcool	2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 14, 16
<i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth.	sucupira	Ar	A, Ca, Ce, Pn	NE	má digestão, infecção ginecológica, problema uterino, inflamação de garganta, gripe, reumatismo	caule, semente	decocto, macerado no vinho ou na água	1, 8
<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S.Irwin & Barneby	fedegoso, seno	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	gripe, problemas renais	raiz, folha	decocto	3, 13
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	fedegoso	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	icterícia, anemia, bronquite, complicações menstruais, dor de cabeça, dores gastrointestinais, febre, doenças hepáticas, nevralgias, queimaduras, sarampo, sarnas, amenorreia, antimicrobiano, distúrbios pós-operatório, gripe, resfriado, tosse, pneumonia	folha, semente, raiz	macerado, infuso, decocto	4, 8, 12, 13, 14, 16
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville*	barbatimão	Ar	Ca, Ce	NE	dor no estômago; infecção de útero e vaginal, úlceras, feridas, doenças de pele, corrimento vaginal, gonorreia, diarreia, hemorragia, câncer, afecções hepáticas, hérnia, dor de garganta, diabetes, gastrite, cicatrizante, infecções externas, antisséptico externo, adstringente, anti-inflamatório, impinge, leucorreia, bactericida e fungicida	casca, entrecasca, folha	pó, infuso, banho, garrafada, macerado	2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 19
<i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart*	barbatimão	Ar	Ce, MA	NE	infecções em geral, cicatrizante, infecção uterina, leucorreia, problemas vaginais	folha, casca	banho; garrafada; decocto: ducha vaginal; banho de assento	1

Heliotropiaceae	<i>Heliotropium elongatum</i> (Lehm.) I.M.Johnst.	fedegoso	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	anti-inflamatório; febrífugo; cicatrização	casca, folha	infuso, emplasto	17
Iridaceae	<i>Pseudotrimezia juncifolia</i> (Klatt) Lovo & A.Gil*	ruibarbo	H	Ce, MA	NE	calmante, hipertensão	folha	infuso	19
	<i>Sisyrinchium vaginatum</i> Spreng.	capim-reis	H	Ce, MA	NE	Pressão alta, febrífugo	folha	colocar no suco ou vinho e deixar curtir	10, 11
Lamiaceae	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	favaquinha	Sb	A, Ca, Ce, MA	NE	febrífugo	folha	infuso, xarope	19
Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	quina	Ar	Ca, Ce, MA, Pa	NE	queda de cabelo, infecção urinária, problemas hepáticos e gástricos, antidiabético,	folha, raiz	lavar o cabelo com o decocto, infuso, comprimido	1, 10, 11, 16
Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A.St.-Hil.	pacari	Ar	Ce	LC	diarreia, problemas intestinais	casca, entrecasca	infusão, garrafada	11, 16
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis argyrophylla</i> (A.Juss.) B.Gates	Cipó-dor	Ab	Ce	NE	dores em geral; tratamento reumático; anti-inflamatório	caule	-	17
	<i>Byrsonima intermedia</i> A.Juss.*	murici	Ab	A, Ce, MA, Pn	NE	hemorroida, disenteria, diarreia	folha	infuso	12
	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	murici-do-cerrado	Ar	A, Ca, Ce, MA	NE	resfriado, antioxidante	fruto	alimentação	16
	<i>Camarea affinis</i> A.St.-Hil.	perdiz	Sb	Ce	LC	infecções gerais e no útero	raiz	destilado, infuso	8, 11
	<i>Galphimia australis</i> Chodat	quininha	Sb	Ce, MA, Pa	NE	má digestão	raiz	decocto	1
	<i>Heteropterys tomentosa</i> A.Juss.	nó-de-cachorro	Sb	Ce	NE	afrodisíaco	raiz	garrafada	1
Malvaceae	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	barriguda, paineira	Ar	A, Ca, Ce, MA	NE	A flor é usada como diurético e analgésico e a casca para aliviar hérnias e inguas	flor, casca	Chá da flor por infusão. A casca é usada em garrafada	10
	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	açoita-cavalo	Ar	Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	antiglicerídios	caule	infuso	1
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	mutambo	Ar	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	problemas na coluna, tônico capilar, adstringente, sudorífera	seiva	shampoo, creme	16
	<i>Helicteres brevispira</i> A.St.-Hil.	velame-de-rosquinha, velame-vermelho	Ab	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	depurativo	folha, raiz	infuso	16
	<i>Pseudobombax grandiflorum</i> (Cav.) A.Robyns*	imbiuruçu	Ar	Ce, MA	NE	calmante	caule	decocto	1
	<i>Waltheria communis</i> A.St.-Hil.	douradinha	Sb	Ca, Ce, MA, Pa, Pn	LC	reumatismo, ácido úrico, gota, estimulante, doenças da pele (erupções, coceiras, furúnculos,	casca, folha	infusão	6, 10, 14

						feridas, eczemas, úlceras externas), cólicas renais, abaixar a pressão arterial, furunculose, afecções dos rins e bexiga, cistite crônica, dificuldades em urinar, disenteria, catarro crônico, afecções pulmonares, blenorragia, tosse, bronquite, sífilis, amolecer tumores			
	<i>Waltheria indica</i> L.	douradinha	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	problemas renais	folha	-	2, 9
Melastomataceae	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	canela-de-velho, pixurí	Ab	A, Ca, Ce, MA	NE	anti-inflamatório, dores na coluna, articulações, para artrite, artrose, infecção de urina, dor muscular	folha, raiz	maceração, creme	16
Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	cedro	Ar	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	VU	ferida	folha, entrecasca	emplasto	12
	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	marinheiro	Ar	A, Ca, Ce, MA	NE	problemas gástricos	folha, fruto	decocto, garrafada	10, 16
Moraceae	<i>Brosimum</i> <i>gaudichaudii</i> Trécul	mamacadela	Ab	A, Ca, Ce, MA	NE	acne, vitiligo, manchas na pele; úlceras gástricas; resfriado; bronquite; má circulação, antisséptico, depurativo, infecção	casca, raiz, toda a planta, seiva	destilado, infuso, decocto, banho no local, garrafada, seiva direta na ferida ou fazer fumo	2, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 12, 16, 17, 19
	<i>Dorstenia</i> <i>brasiliensis</i> Lam.	carapiá	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	sinusite, obstrução nasal, febre, pneumonia	raiz	infuso	12
	<i>Dorstenia cayapia</i> Vell.*	carapiá	H	Ca, Ce, MA	LC	anti-inflamatório, diarreia	raiz	comida, alimentação	14, 16
	<i>Dorstenia vitifolia</i> Gardner	carapiá	H	Ce, MA, Pn	NE	-	-	-	11
Myrtaceae	<i>Campomanesia</i> <i>adamantium</i> (Cambess.) O.Berg	gabirola	Ab	Ce, MA	NE	diabetes	folha	maceração	19
	<i>Campomanesia</i> <i>pubescens</i> (Mart. ex DC.) O.Berg*	gabirola-peluda	Sb	Ca, Ce, MA	LC	problemas renais	folha	infuso	1
	<i>Eugenia</i> <i>dysenterica</i> (Mart.) DC.	cagaita	Ar	Ca, Ce, MA	NE	suprir deficiência de vitaminas do complexo B, vitamina C, niacina, glicídios e proteínas	fruto	ingestão <i>in natura</i>	4
	<i>Eugenia</i> <i>involuta</i> DC.	pitanga	Sb	Ce	NE	-	-	-	11
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitangueira	Ar	Ca, Ce, MA, Pa	NE	Gripe	Fruto	Xarope com limão, cebola, alho, açafrão, gengibre, H doce e mel	19
Orchidaceae	<i>Cyrtopodium</i> <i>saintlegerianum</i> Rchb.f.	rabo-de-tatu	H	A, Ca, Ce	NE	problemas no estômago, furúnculo	seiva, pseudobulbo, raiz	xarope	10, 16

Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujá	Tr	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	LC	calmante, insônia, hipertensão	fruto, folha, flor	infuso, ingestão do fruto, suco do fruto batido com limão, cenoura couve e laranja	12, 16, 19
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus acuminatus</i> Vahl	para-tudo	Ab	A, Ca, Ce, MA	NE	gastrite	caule, raiz	extrato, garrafada	18
	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	problemas renais, infecções respiratórias, catarro, ácido úrico elevado, amenorreia, desinteira, inchaços, gota, gangrena, problemas na próstata, hepatite B, falta de apetite, cálculos biliares e renais, diurético	planta inteira, folha	infuso, pó, comprimido	2, 3, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 16, 17
	<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	quebra-pedra	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa	NE	problemas renais	folha	infuso	19
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i> L.	jaborandi	Ab	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	inflamação de garganta, limpeza de pele, feridas, cicatrização	folha, inflorescência e ou infrutescência	infuso, macerado, tempero	1, 16
	<i>Piper anisum</i> (Spreng.) Angely*	jaborandi	Sb	Ce, MA	NE	-	-	-	11
Plantaginaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassourinha	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	diarreia	folha, raiz	infuso	12
Polygalaceae	<i>Polygala longicaulis</i> Kunth	poliga	H	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	resfriado, gripe	raiz	infuso	16
Polygonaceae	<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	H-de-bicho	Sb	Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	infecções em geral	folha	infuso	1, 14
Proteaceae	<i>Roupala montana</i> var. <i>brasiliensis</i> (Klotzsch) K. S. Edwards	carne-de-vaca	Ar	Ce, MA	NE	diarreia, reumatismo, anti- inflamatório, depurativo	folha, entrecasca	infuso	16
Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A.Rich.	bosta-de- cachorro, marmelada-de- cachorro	Ar	A, Ce	NE	anti-inflamatório das vias urinárias, diarreia, hemorroida	folha	infuso, xarope	16
	<i>Genipa americana</i> L.	genipapo	Ar	Ca, Ce, MA, Pa, Pn	LC	infecção renal, expectorante, vermífugo	fruto, entrecasca	<i>in natura</i> , xarope com rapadura, infuso	12, 16
	<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schltdl.	veludo-branco, angélica	Ar	A, Ca, Ce, MA	LC	diurética; tratamentos estomacais e hepáticos	caule, casca	curtir na água ou vinho	17, 19
	<i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) K.Schum.	douradinha	Sb	A, Ca, Ce	NE	problemas renais, antisséptico renal, bexiga presa, sífilis, hipertensão, doenças epidérmicas	folha, caule	decocto, infuso, macerado, tintura, garrafada	1, 8, 11, 12, 16

	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	bate-caixa, congonha-de- bugre, folha-fina, congonha-bate- coxa, douradão	Ab	A, Ca, Ce, MA, Pa	NE	depurativo, problemas cardíacos, circulação, chagas, prevenção de estrias	folha	infuso, decocto	8, 16
	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	congonha-de- bugre	Ab	A, Ca, Ce	NE	problemas renais, prevenção de estrias, pressão alta, problemas arteriais	folha	infuso, comprimido	1, 16
	<i>Uncaria guianensis</i> (Aubl.) J.F.Gmel.	unha-de-gato	Tr	A, Ce	NE				14
Rutaceae	<i>Spiranthera</i> <i>odoratissima</i> A.St.- Hil.	manacá-do- cerrado	Sb	A, Ca, Ce	NE	reumatismo	raiz	infuso	1, 11
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	H-de-lagarto	Ab	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	úlceras gástricas e dérmicas, reumatismo, bronquite, pneumonia, enfisema pulmonar, gastrite, problemas na coluna, diarreia, hemorroida	folha, casca	infuso, xarope, macerado, decocto	1, 8, 10, 11, 16
Sapindaceae	<i>Dilodendron</i> <i>bipinnatum</i> Radlk.	maria-pobre	Ar	A, Ce, MA	NE	dor no corpo, lombalgia, problemas na coluna	folha, casca	decocto	10, 16
Sapotaceae	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz Pav.) Radlk.	abriu	Ar	A, Ce, MA	NE	diabetes	fruto	alimentação	16
Siparunaceae	<i>Siparuna</i> <i>guianensis</i> Aubl.	negramina	Ab	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	erisipela, problemas na pele, banho de descarrego	folha	banho, creme, sabonete, infuso	1, 16
Smilacaceae	<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng*	japecanga	Tr	Ce	NE	infecção, picada de serpente	raiz, sumo	creme, garrafada	16
	<i>Smilax fluminensis</i> Steud.	salsa-nania	Tr	A, Ce, MA, Pn	NE	Depurativo, infecção no couro cabeludo, lepra	batata	Garrafada, infuso, banho do decocto	1
	<i>Smilax japicanga</i> Griseb.	salsa-parrilha	Tr	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	infecção, depurativo	raiz	decocto	10
	<i>Smilax polyantha</i> Griseb.	japecanga, salsaparrilha	Tr	Ce, MA	NE	depurativo, gonorreia	raiz	decocto	1
Solanaceae	<i>Solanum</i> <i>americanum</i> Mill.	H-moura ou maria-pretinha	Ab	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	dor de dente	folha	infuso	19
	<i>Solanum cernuum</i> Vell.*	panaceia	Ab	Ce, MA	NE	diurética; anti-hemorrágica, gonorreia, doenças dermatológicas, infecção, pós-cirúrgico	folha	infusão da folha tostada	10, 16
	<i>Solanum</i> <i>lycocarpum</i> A.St.- Hil.	lobeira	Ab	Ce, MA	NE	má digestão, dor renal e abdominal, anticoolesterolêmico, azia, úlcera, antidiabético, infecção pulmonar, expectorante, bronquite, pneumonia, hepatite, gastrite e úlceras, câncer de pele	folha, flor, fruto seco	polvilho, infuso, macerado, comprimido, creme, shampoo, sabonete	1, 8, 11, 12, 16

	<i>Solanum paniculatum</i> L.	jurubeba	Ab	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	problemas no fígado, antidiabético, infecções em geral, reumatismo, gripe	fruto, raiz	decocto, macerado na pinga ou vinho, xarope, alimentação. Faz o chá da raiz, bate a gema, açúcar com cravo e canela, junta e faz o “chocolate” e pode acrescentar leite.	1, 8, 13, 16
Styracaceae	<i>Styrax ferrugineus</i> Nees & Mart.	laranja-do-cerrado	Ar	Ce, MA	NE	-	-	-	11
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	embaúba	Ar	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	antidiabético, problemas renais ou cardíacos, bronquite, pneumonia, asma, dor em geral, câncer, inchaço	broto, seiva, folha, entrecasca	creme, infuso, decocto, <i>in natura</i>	1, 12, 16, 19
	<i>Laportea aestuans</i> (L.) Chew	urtiga	Sb	A, Ca, Ce, MA	NE	ferimento	folha	infuso	12
Verbenaceae	<i>Lantana trifolia</i> L.	unha-de-gato, milho-de-grilo	Ab	A, Ce, MA	NE	dor de barriga com infecção, tosse	planta inteira	infuso	16
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	H-cidreira	Ab	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	pressão alta, calmante, dor de cabeça, gripe, resfriado, hemorragia, infecção urinária, sedativo, digestivo	folha, caule	infuso, macerado, decocto, xarope	1, 2, 7, 8, 13, 14, 19
	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	gervão	Sb	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	cicatrizante, contusões, infecção, barulho na cabeça	folha, flor	sumo, macerado, infuso, decocto, banho	1, 11, 12, 13, 19
Vitaceae	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis	insulina	Tr	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE				14
Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	pau-terra	Ar	A, Ca, Ce, MA	NE	problemas intestinais e no fígado, tosse, gripe	entrecasca, folha	decocto, garrafada, infuso	1, 16, 19
	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	pau-terra	Ar	A, Ca, Ce, MA	NE	dor de dente (ao nascer os dentes de leite), bronquite, tosse	raiz, semente	infuso	2, 9, 16
	<i>Vochysia elliptica</i> Mart	pau-doce	Ar	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	problemas cardíacos, hipertensão arterial, má circulação, varizes, gastrite, úlceras, diabetes, bronquites, pneumonia	casca, entrecasca	pó, comprimido, garrafada	16

Célula com preenchimento verde = sp. endêmica. Hábito: Hábito: H = erva; Ar = árvore; Ab = arbusto; Sb = subarbusto; Tr = trepadeira; Pa = palmeira. Domínio fitogeográfico: A = Amazônia; Ce = Cerrado; Ca = Caatinga; MA = Mata Atlântica; Pa = Pampa; Pn = Pantanal. Status de conservação: NE = não avaliado; LC = pouco preocupante; EN = em perigo; NT = quase ameaçada; VU = vulnerável (para os três últimos status de conservação a célula tem preenchimento laranja para ressaltar a importância de conservação da sp.). Citação = artigos em que houve a citação da planta medicinal: 1 = Souza et al. (2016); 2 = Silva; Faria (2014); 3 = Pereira; Malafaia (2014); 4 = Santos; Faria; Vilhalva (2015); 5 = Silva; Lima; Vale (2016); 6 = Silva; Cavalcanti (2016); 7 = Mota; Lima; Vale (2016); 8 = Bezerra et al. (2018); 9 = Ventura; Costa; Bessa (2018); 10 = Guimarães; Oliveira; Morais (2019); 11 = Marcelo; Paixão; Ramos (2019); 12 = Silva (2019); 13 = Arruda et al. (2021); 14 = Delgado et al. (2021); 15 = Morais et al. (2021); 16 = Guimarães; Oliveira; Morais (2022); 17 = Reis (2022); 18 = Lemos et al. (2023); 19 = Soares et al. (2023).

Fonte: os autores.

## Capítulo 2:

### **RAIZEIROS DE INACIOLÂNDIA, GOIÁS: DADOS E CARACTERÍSTICAS DA MEDICINA POPULAR**

**Resumo:** Os estudos sobre plantas medicinais desempenham um papel fundamental na preservação e transmissão de conhecimentos tradicionais, que oferecem uma alternativa para o tratamento de diversas doenças. Neste contexto, essa pesquisa objetivou identificar os raizeiros que residem em Inaciolândia, GO, analisando o etnoconhecimento deles quanto ao saber e uso de plantas medicinais. A pesquisa seguiu uma abordagem mista: qualitativa, descritiva e quantitativa, utilizando questionários semiestruturados. Entre os 11 raizeiros houve maior representatividade feminina, a qual é majoritária em outros estudos etnobotânicos brasileiros. O presente estudo corrobora uma preocupação quanto à perpetuação do conhecimento popular inerente ao uso das plantas medicinais, haja vista que a idade dos raizeiros está na faixa de 40 a 83 anos. Os raizeiros indicaram 67 espécies de plantas medicinais, as quais estão distribuídas em 36 famílias e 58 gêneros. Lamiaceae e Asteraceae estiveram entre as famílias com a maior riqueza de espécies. *Mentha spicata* (hortelã), *Aloe vera* (babosa), *Ruta graveolens* (arruda) e *Plectranthus barbatus* (boldo) foram recorrentes nas entrevistas, indicando alto grau de concordância de uso entre os participantes. O uso predominante foi o das folhas e o tipo de preparo o de infusão. Houve uma diversidade de tratamentos de enfermidades indicadas pelos raizeiros com o uso das plantas medicinais, com o predomínio de doenças associadas ao aparelho digestivo, inflamação e dor.

**Palavras-chave:** Asteraceae, Etnobotânica, Lamiaceae, Medicina Tradicional.

**Abstract:** Studies on medicinal plants play a fundamental role in the preservation and transmission of traditional knowledge, offering an alternative for the treatment of various diseases. In this context, this research aimed to identify the traditional healers ("raizeiros") residing in Inaciolândia, GO, analyzing their ethnoknowledge regarding the knowledge and use of medicinal plants. The research followed a mixed approach: qualitative, descriptive, and quantitative, using semi-structured questionnaires. Among the 11 healers, there was a higher female representation, which is also common in other Brazilian ethnobotanical studies. This study highlights a concern regarding the perpetuation of popular knowledge related to the use of medicinal plants, given that the age of the healers ranges from 40 to 83 years. The healers

indicated 67 species of medicinal plants, distributed across 36 families and 58 genera. Lamiaceae and Asteraceae were among the families with the greatest species richness. *Mentha spicata* (mint), *Aloe vera* (aloe), *Ruta graveolens* (rue), and *Plectranthus barbatus* (boldo) were frequently mentioned in the interviews, indicating a high level of usage agreement among participants. The predominant use was of the leaves, and the most common preparation method was infusion. A wide variety of treatments for diseases were indicated by the healers through the use of medicinal plants, mainly for conditions related to the digestive system, inflammation, and pain.

**Keywords:** Asteraceae, Ethnobotany, Lamiaceae, Traditional Medicine.

## INTRODUÇÃO

A utilização de partes vegetais, para fins medicinais, seja por populações tradicionais rurais ou urbanas propicia a busca pelo conhecimento empírico para produção de novos medicamentos e para descoberta de novos princípios bioativos. Nesse contexto, a etnobotânica possibilita a compreensão da forma de utilização das plantas como um meio para apurar, compreender e registrar as informações sobre o entendimento popular do uso dos vegetais (Silva et al., 2003; Martins et al., 2005).

O hábito de usar plantas com efeitos fitoterápicos é uma das descobertas mais antigas da humanidade para tratamento de doenças (Ichim; Häser; Nick, 2020) e vem retomando cada vez mais espaço, sendo ainda mais valorizado como fonte natural de cura e melhor qualidade de vida, uma vez que alguns medicamentos alopáticos aumentam a resistência dos microrganismos (Silva; Nogueira, 2021)

Devido ao constante uso de drogas farmacêuticas convencionais, as patogenicias desenvolveram resistência a certos medicamentos, aumentando a procura por remédios naturais, o que acaba despertando muito interesse por parte dos pesquisadores e ampliando a necessidade de estudos nessa prática (Duarte, 2006; Barbosa et al., 2012; Pedroso; Andrade; Pires, 2021). Desde a década de 1970 a Organização Mundial da Saúde (OMS), reconhece a medicina tradicional como uma prática de saúde, principalmente para as populações que possuem acesso limitado aos sistemas de saúde. A comercialização de plantas medicinais continua sendo motivo de muito reconhecimento e discussão no mundo todo, devido à grande variabilidade na procura de diferentes consumidores. Isso inclui ervanários, empresas e

mercados populares (Monteiro; Brandelli, 2017). Devido ao progresso da ciência e da biotecnologia o potencial medicinal dos vegetais vem sendo pesquisados e reconhecidos cientificamente (Nascimento et al., 2016).

Neste contexto, os estudos sobre plantas medicinais desempenham um papel fundamental na preservação e transmissão de conhecimentos tradicionais, que oferecem uma alternativa para o tratamento de diversas doenças (Dantas; Torres, 2019). Constitui-se um dos recursos mais antigos utilizados pelo homem, tanto na alimentação, quanto no tratamento de suas enfermidades, sendo esse conhecimento repassado ao longo das gerações (Silva; Proença, 2007). Além disso, entender os potenciais aplicações, os locais de obtenção e a parte da planta empregada, contribui significativamente para a preservação das espécies nativas (Gomes et al., 2008). As plantas medicinais possuem princípios ativos em sua composição que conferem ação terapêutica; são usadas no alívio e cura de doenças e contribuem para a produção de medicamentos (Jales et al., 2023)

A utilização de plantas medicinais e seus produtos derivados está enraizada em um conhecimento ancestral ligado a diversas culturas em diferentes regiões e territórios do mundo, abrangendo uma ampla diversidade de povos e comunidades tradicionais. A história do uso de plantas medicinais tem mostrado que elas fazem parte da evolução humana, e que foram os primeiros recursos terapêuticos utilizados pelos povos. As antigas civilizações têm suas próprias referências históricas acerca das plantas medicinais de modo que, muito antes de aparecer qualquer forma de escrita, o homem já utilizava as plantas, seja como alimento ou remédio. Nas suas experiências com ervas, os usuários tiveram sucessos e fracassos, sendo que, muitas vezes, as plantas curavam e, em outras, matavam ou produziam efeitos colaterais severos. Devido às condições sociais precárias e à falta de acesso a serviços de saúde e medicamentos industrializados, muitas comunidades dependem principalmente do uso de plantas para os primeiros cuidados de saúde (Dantas; Torres, 2019).

Raizeiros e raizeiras, como são chamados pelos brasileiros, são pessoas que geralmente sobrevivem comercializando plantas medicinais. Apresentam conhecimentos empíricos para identificar, coletar, preparar e indicar vegetais, como forma de tratamento para algum mal ou enfermidade. Entretanto, existem também aqueles que assimilaram esses conhecimentos de seus antepassados, posto que sabem cultivar, coletar as espécies vegetais que necessitam, preparar e indicar quais delas podem ser ou não comercializadas.

Raizeiros são figuras representativas que conhecem, preparam e indicam o uso de plantas para a promoção da saúde (Nery; Silva, 2021). Como dependem da exploração das plantas medicinais eles usualmente desempenham um papel crucial na preservação da

biodiversidade, são detentores de um conhecimento profundo das propriedades das plantas medicinais e contribuem para a conservação da flora local, já que frequentemente utilizam métodos sustentáveis de coleta e cultivo, evitando a exploração predatória das plantas.

De acordo com França et al. (2008), os raizeiros enfrentam desafios devido às transformações na medicina, uma vez que seu conhecimento acaba sendo preterido no âmbito da saúde. Trata-se de um território com múltiplos atores envolvidos em busca de espaço em um campo permeado por contornos específicos. Nesse território, com base nas ideias de Saquet (2019), raizeiros assumem uma posição de contra hegemonia, na medida em que as relações de poder dentro do território da saúde são desarmônicas e dificultam a conquista de seu espaço.

Neste contexto, essa pesquisa objetivou identificar os raizeiros que residem em Inaciolândia, GO, analisando o etnoconhecimento deles quanto ao saber e uso de plantas medicinais, seus modos de vida, como manuseiam as plantas medicinais e para que fins as mesmas são mais utilizadas no município.

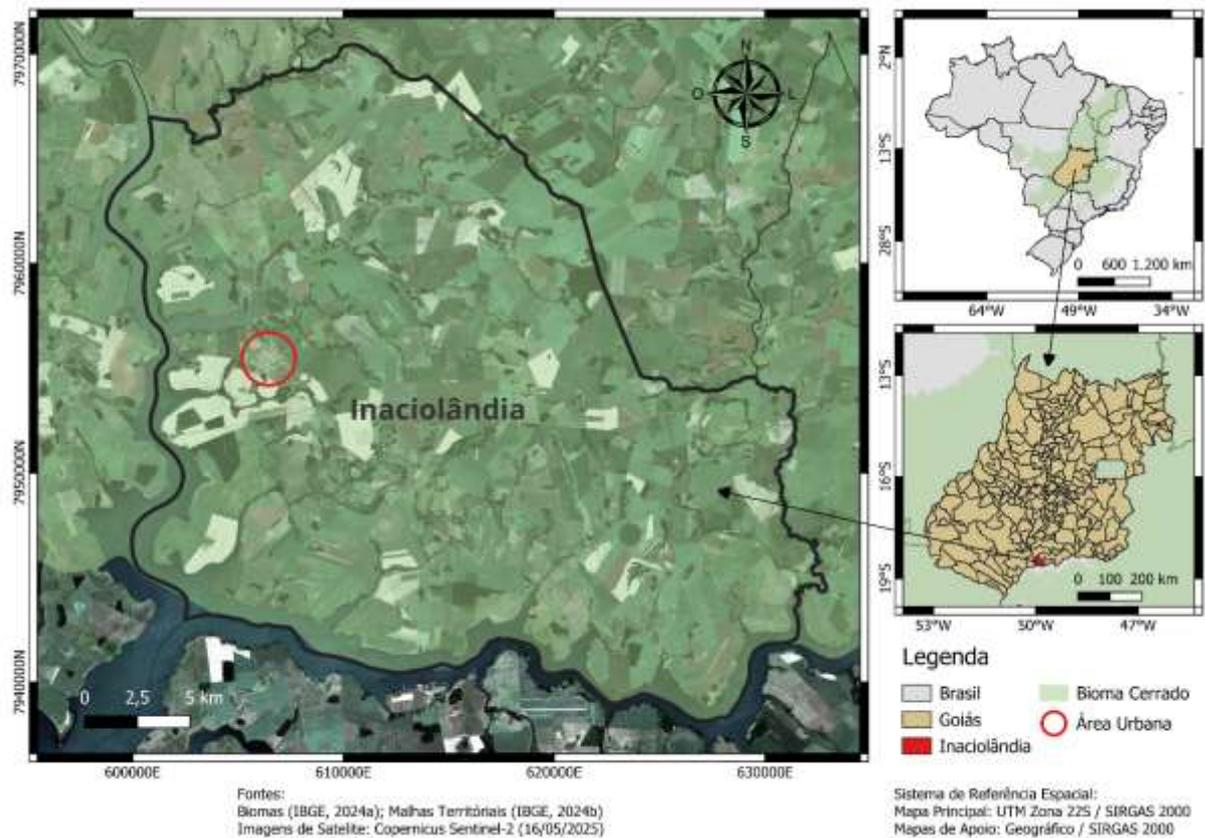
## **MATERIAL E MÉTODOS**

### **Área de Estudo**

A presente pesquisa foi realizada no município de Inaciolândia, localizado no estado de Goiás, Região Centro-Oeste do Brasil (Figura 1). Esse município encontra-se a 286 km de Goiânia e tem área aproximada de 689,201 km<sup>2</sup>. Em 2022, a população era de 5.954 habitantes e a densidade demográfica era de 8,64 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2025). O nome do município é uma homenagem ao seu fundador, José Inácio, responsável por doar terras para o desenvolvimento local e pela criação da primeira escola e igreja católica na região (Inaciolândia, 2017).

Inaciolândia pertence ao domínio fitogeográfico do Cerrado, onde a exploração agrícola substituiu grande parte da vegetação nativa por culturas de cana-de-açúcar, atividade que sustenta a economia local e emprega a maioria dos moradores na indústria sucroalcooleira (observação pessoal).

Figura 1. Mapa de localização da área de estudo: área urbana (círculo vermelho) de Inaciolândia, GO



Fonte: Autor

## Coleta de Dados

A Lei Federal nº 13.123/2015 regulamenta o acesso e a utilização do patrimônio genético brasileiro e do conhecimento tradicional associado (CTA), com o propósito de assegurar a proteção dos direitos das comunidades indígenas, quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais. Essa legislação define o conhecimento tradicional associado como o conjunto de informações ou práticas oriundas de populações indígenas, comunidades tradicionais ou agricultores tradicionais, relacionadas às propriedades ou aos usos, diretos ou indiretos, do patrimônio genético (Brasil, 2015). Em conformidade com essa normativa, a presente pesquisa foi registrada no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen), sob o código A05B94A.

De acordo com as Resoluções CNS nº 510/2016 e nº 738/2024, pesquisas que envolvem seres humanos precisam ser avaliadas pelo sistema CEP/CONEP (Comitês de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) (CNS, 2016, 2024). Assim, esta pesquisa foi realizada sob os preceitos éticos destas resoluções e submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer n. 6.894.011).

Os raizeiros foram identificados por meio da técnica "bola de neve" (Albuquerque et al., 2008), processo em que cada participante indica outros potenciais colaboradores. O consentimento foi formalizado por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando anonimato e explicando os objetivos da pesquisa.

A pesquisa seguiu uma abordagem mista: qualitativa, descritiva e quantitativa, utilizando questionários semiestruturados (Pereira et al., 2018). Questionários aplicados em entrevistas pré-agendadas investigam as práticas da medicina popular, uso e recomendações de plantas medicinais e doenças tratadas (Apêndice 1). Foi aplicado um roteiro de entrevista semiestruturada composto por questões abertas e fechadas, voltadas para raizeiros do município de Inaciolândia, GO. Foram abordados dados como idade, local de nascimento, tempo de residência no município, estado civil, escolaridade, número de filhos e vínculo com a comunidade. Houve questionamento sobre a espécie vegetal usada, partes da planta usadas, forma de preparo e doenças tratadas.

A coleta de plantas, realizada com autorização dos participantes, incluiu apenas espécimes em estágio reprodutivo. A herborização do material seguiu a metodologia usual e as amostras foram inseridas no acervo do Herbário José Ângelo Rizzo (JAR) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). As angiospermas foram classificadas de acordo com o APG IV (2016). A identificação das espécies foi realizada mediante consulta de literatura específica, sendo a principal fonte Lorenzi e Matos (2008).

Os dados de distribuição geográfica, endemismo, *status* de conservação e nomenclatura científica foram obtidos através de consultas individuais de cada espécie no endereço eletrônico <http://www.floradobrasil.jbrj.gov.br/> (Flora e Funga do Brasil, 2025). Para as espécies exóticas foram utilizadas as informações do Missouri Botanical Garden (MOBOT, 2025).

Com base nos questionários, as espécies foram distribuídas em onze categorias de usos medicinais: AD = doenças associadas ao aparelho digestivo; AR = doenças associadas ao aparelho respiratório; PD = doenças associadas à problemas dermatológicos; ID = doenças associadas à inflamação e dor; SN = doenças associadas ao sistema nervoso; SC = doenças associadas ao sistema cardiovascular; PU = doenças associadas a problemas urológicos; DP = doenças parasitárias; DG = doenças ginecológicas; PO = problemas ortopédicos; e SSG = sintomas e sinais gerais, aquelas com sintomatologia de várias doenças não específicas e ou de origem cultural (adaptado de Guimarães, Oliveira e Morais (2019)).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No presente trabalho foram entrevistados 11 raizeiros(as) a fim de entender melhor seus costumes e origens. Houve predominância feminina entre os raizeiros(as), representando 82% do total (nove mulheres). Esse resultado pode ser atribuído à tradicional associação das práticas de cuidado com a saúde, especialmente por meio de saberes populares e do uso de plantas medicinais, ao gênero feminino dentro de contextos familiares e comunitários (Pasa et al., 2015). A maior representatividade feminina também foi registrada em outros estudos etnobotânicos (Guimarães; Oliveira; Morais, 2019; Silva et al., 2021; Guimarães; Morais; Oliveira, 2022; Soares et al., 2023).

A idade dos raizeiros variou de 40 a 83, o que indica que se trata de um saber enraizado em gerações mais antigas. A ausência de representantes mais jovens nesse ofício é um indicativo preocupante de que essa tradição se encontra em processo de desaparecimento, à medida que não ocorre sua renovação entre as novas gerações. Isso reflete uma possível ruptura na transmissão intergeracional dos conhecimentos tradicionais, o que compromete a preservação cultural desse importante patrimônio imaterial (Rêgo et al., 2023; Nunes; Ferreira; Silva, 2023). Segundo Oliveira (2015), a desvalorização do uso de plantas medicinais entre indivíduos mais jovens decorre de uma inversão de valores socioculturais, impulsionada pela ampla acessibilidade aos medicamentos industrializados. Esse cenário contribuiu para a marginalização dos saberes tradicionais, os quais passaram a ser percebidos como ultrapassados frente às práticas terapêuticas modernas.

Houve predominância de raizeiros oriundos da região Centro-Oeste do Brasil, totalizando cinco participantes, seguidos pelas regiões Sudeste, com três, Nordeste, com dois, e Sul, com um. Esse resultado corrobora estudos prévios que destacam a forte presença e atuação de raizeiros no Centro-Oeste, associada à ampla diversidade vegetal do bioma Cerrado e ao profundo conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais (Vargem et al., 2022; Silva, 2022; Dias; Ramos; Bosquetti, 2023). Além disso, fatores históricos, como os processos de migração interna e a formação de comunidades tradicionais, bem como questões socioeconômicas, como o limitado acesso a serviços formais de saúde, têm favorecido a manutenção e valorização dessa prática na região (Guimarães; Oliveira; Morais, 2019). Esses aspectos evidenciam a relevância cultural e ecológica dos raizeiros no contexto centro-oestino, reforçando a necessidade de políticas públicas voltadas à preservação desse saber tradicional.

Dentre os onze raizeiros, nove se identificaram pertencentes à religião Católica e frequentam a igreja de forma frequente. Queiroz (1968) lembra que o sincretismo com as religiões indígenas não foi muito significativo, ou seja, ficaram silenciadas na memória coletiva do povo brasileiro. Por outro lado, as religiões de origem africana sobressaíram em várias

regiões, principalmente no Nordeste. Para a autora, nas regiões afastadas das grandes cidades, o catolicismo popular do colonizador foi mais preservado, apesar de também misturar-se com outras crenças. Tanto os benzedeiros quanto os raizeiros possuem origem social marcada pela religião, mas praticam as suas crenças de maneira singular, diferente daquelas que foram propostas pela Igreja Católica Romana. Isso se dá por causa da transculturação entre os povos de origem europeia, de matriz cristã, e os povos indígenas e de origem africana.

Foram citadas pelos raizeiros 67 espécies de plantas medicinais, as quais estão distribuídas em 36 famílias e 58 gêneros (Quadro 1). As famílias botânicas mais recorrentes foram Lamiaceae, com onze espécies mencionadas, e Asteraceae, com nove espécies. As demais famílias estiveram representadas com quatro espécies ou menos. Lamiaceae e Asteraceae estiveram entre as famílias com a maior riqueza de espécies em outras pesquisas etnobotânicas (Lima; Magalhães; Santos, 2011; Guimarães; Oliveira; Morais, 2019; Guimarães; Morais; Oliveira, 2022; Soares et al., 2023; Lopes Neto et al., 2025), corroborando os resultados deste estudo.

Dentre as espécies, a maioria tem origem cultivada (43,28%, n = 29) seguida por nativa (32,84%, n = 22) e naturalizada (23,88%, n = 16). O predomínio de uso de espécies cultivadas pode ser explicado pela tradição local quanto à permanência de quintais com o plantio de espécies tanto para usos alimentícios, ornamentais, quanto medicinais, situação comum em cidades interioranas e pequenas. Além disso, Inaciolândia se encontra em uma região com intensa conversão de áreas nativas para as monoculturas, em especial cana-de-açúcar.

Quanto à ocorrência a maioria das espécies nativas e naturalizadas (76,31%, n = 29) possui ampla distribuição no Brasil, apresentando distribuição em seis a quatro domínios fitogeográficos (Quadro 1). Esse resultado em que a maioria das plantas medicinais é de ampla ocorrência no Brasil é corroborado por uma compilação de plantas medicinais catalogadas nos artigos etnobotânicos realizados em Goiás entre 2014 e 2024 (Lopes et al., 2025). Embora nenhuma destas espécies sejam endêmicas, *Vernonanthura ferruginea* tem distribuição no Brasil apenas para o Cerrado. A maioria destas espécies ocorre nos domínios fitogeográficos do Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga (Figura 2).

**Quadro 1.** Lista e informações das espécies medicinais citadas pelos raizeiros de Inaciolândia, GO, organizadas por família em ordem alfabética. Origem: cult = cultivada; n = nativa; natu = naturalizada. Domínio fitogeográfico: A = Amazônia; Ca = Caatinga; Ce = Cerrado; MA = Mata Atlântica; Pa = Pampa; Pn = Pantanal. *Status* de Conservação: NE = não avaliado; LC = pouco preocupante.

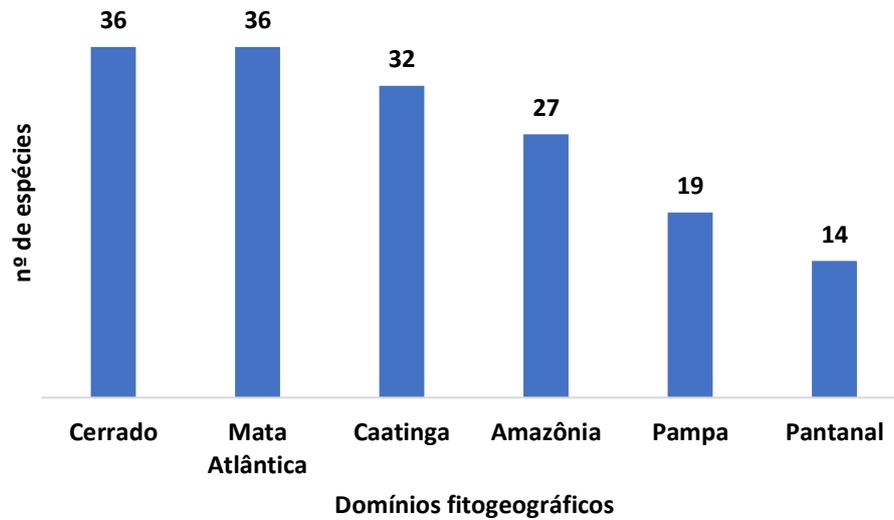
Família	Espécie	Nome vulgar	Voucher	Origem	Domínio fitogeográfico	Status de conservação	nº de citações	Parte usada da planta	Forma de preparo	Indicada para:
<b>Acanthaceae</b>	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	pari-pari		n	A, Ca, Ce, MA	NE	1	Folhas e ramos	Infusão ou chá	Problemas respiratórios, relaxante muscular, e dores de cabeça
<b>Adoxaceae</b>	<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro		natu	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	1	Flores e frutos	Infusão, xarope ou tintura	Resfriados, gripe, febre e propriedades expectorantes
<b>Amaranthaceae</b>	<i>Beta vulgaris</i> L.	beterraba		cult		NE	1	Raiz	Suco ou cozimento	Anemia, distúrbios digestivos e fortalecimento imunológico
	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	erva-de-santa-maria	1	natu	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	3	Folhas	Infusão ou decocção	Vermífugo, distúrbios gastrointestinais e cólicas
<b>Amaryllidaceae</b>	<i>Allium sativum</i> L.	alho		cult		NE	2	Bulbo	Consumo cru, óleo ou tintura	Hipertensão, colesterol alto e propriedades antimicrobianas
<b>Anacardiaceae</b>	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	aroeira		n	Ca, Ce, MA, Pa	NE	2	Casca e folhas	Decocção ou infusão	Inflamações, infecções urinárias e cicatrização de feridas
<b>Apiaceae</b>	<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentro	26	cult		NE	2	Frutos (sementes) e folhas	Infusão ou tempero	Problemas digestivos, flatulência e como antioxidante
	<i>Pimpinella anisum</i> L.	erva-doce	25	cult		NE	1	Frutos (sementes)	Infusão ou óleo essencial	Distúrbios digestivos, cólicas e propriedades expectorantes
<b>Araliaceae</b>	<i>Polyscias fruticosa</i> (L.) Harms	arvore-da-felicidade		cult		NE	1	Folhas	Infusão ou decocção	Reumatismo, estresse e distúrbios nervosos
<b>Asphodelaceae</b>	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	babosa		cult		NE	4	Folha (gel interno)	Uso tópico ou suco	Cicatrização de feridas, queimaduras e problemas digestivos
<b>Asteraceae</b>	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	marcelinha		n	Ce, MA, Pa	NE	2	Flores	Infusão ou chá	Distúrbios digestivos, anti-inflamatória e antioxidante
	<i>Artemisia absinthium</i> L.	losna	19	cult		NE	3	Folhas e ramos floridos	Infusão ou tintura	Problemas digestivos, vermífugo e estimulante do apetite
	<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	carqueja		n	Ca, Ce, MA, Pa	NE	3	Folhas	Infusão	Distúrbios hepáticos e problemas digestivos
	<i>Bidens pilosa</i> L.	picão-de-ramo	23, 28	natu	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	1	Parte aérea	Infusão ou decocção	Inflamações, controle de glicemia e ação antimicrobiana

	<i>Eclipta prostrata</i> (L.) L.	erva-botão		n	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	1	Parte aérea	Infusão ou suco	Doenças hepáticas, fortalecimento capilar e cicatrizante
	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	camomila		cult		NE	1	Flores	Infusão ou chá	Ansiedade, distúrbios do sono e problemas gastrointestinais
	<i>Parthenium hysterophorus</i> L.	mentrasto		natu	Ce, MA	NE	2	Parte aérea	Infusão (uso externo)	Feridas, inflamações cutâneas (uso tópico)
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	arnica	5	n	Ca, Ce, MA, Pa	NE	1	Parte aérea	Infusão ou decocção	Doenças urinárias, anti-inflamatória e diurética
	<i>Vernonanthura ferruginea</i> (Less.) H.Rob.	assa-peixe-branco		n	Ce	NE	3	Folhas	Infusão	Bronquites, gripes e processos inflamatórios
<b>Bignoniaceae</b>	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	vassoura-de-santo-antonio, crajiru, pariri	20	n	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	1	Folhas	Infusão ou maceração	Problemas de pele, cicatrização e anti-inflamatória
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	ipê-roxo		n	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	1	Casca	Decocção	Infecções, inflamações e como estimulante imunológico
<b>Brassicaceae</b>	<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	mentruz		natu	Ca, Ce, MA, Pa	NE	3	Parte aérea	Infusão	Problemas respiratórios, diurética e anti-inflamatória
<b>Celastraceae</b>	<i>Monteverdia floribunda</i> (Reissek) Biral	espinheira-santa		n	A, Ca, Ce, MA, Pn	LC	1	Casca	Decocção	Doenças respiratórias e como expectorante
<b>Costaceae</b>	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	insulina		n	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	1	Caule e folhas	Decocção ou infusão	Distúrbios urinários, diurética e anti-inflamatória
<b>Crassulaceae</b>	<i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw.	saião		natu	A, MA	NE	1	Folhas	Uso tópico ou suco	Inflamações, feridas e infecções
<b>Crassulaceae</b>	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	folha-da-fortuna, folha-santa	10	natu	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	1	Folhas	Uso tópico ou suco	Cicatrização, queimaduras e inflamações
<b>Cucurbitaceae</b>	<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são-caetano	7	natu	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	1	Frutos e folhas	Infusão ou consumo culinário	Diabetes, distúrbios digestivos e anti-inflamatória
<b>Dioscoreaceae</b>	<i>Dioscorea bulbifera</i> L.	cará-do-ar, batata-de-insulina	8	natu	Ca, Ce, MA	NE	1	Tubérculos	Cozimento	Doenças de pele e controle de inflamações
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-de-purga	27	n	A, Ca, Ce, MA	NE	1	Folhas e látex	Uso tópico (látex) ou infusão (folhas)	Feridas, inflamações e propriedades laxativas
<b>Fabaceae</b>	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	angico		n	Ca, Ce, MA	NE	2	Casca e sementes	Decocção ou pó (uso tradicional indígena)	Problemas respiratórios e como adstringente
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	copaíba		n	A, Ca, Ce, MA	NE	2	Óleo-resina	Uso tópico ou oral (em doses controladas)	Inflamações, infecções e cicatrização
	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	fedegoso	12	n	A, Ca, Ce, MA, Pn	NE	1	Folhas e sementes	Infusão ou decocção	Constipação e problemas cutâneos

	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville*	barbatimão	n	Ca, Ce	LC	2	Casca	Decocção	Diarreia, inflamações e como adstringente	
<b>Iridaceae</b>	<i>Pseudotrimezia juncifolia</i> (Klatt) Lovo & A.Gil*	rui-barbo	n	Ce, MA	NE	1	Folhas	Infusão	Problemas urinários e anti-inflamatória	
<b>Lamiaceae</b>	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	catíngua-mulata, macassá	15	cult	-	1	Folhas	Infusão	Problemas respiratórios e digestivos	
	<i>Coleus amboinicus</i> Lour.	hortelã-gordo		cult	NE	3	Folhas	Infusão ou suco	Tosse, asma e distúrbios respiratórios	
	<i>Coleus barbatus</i> (Andrews) Benth.	boldo	11	cult	NE	4	folhas	Infusão ou decocção	Distúrbios digestivos e hipertensão	
	<i>Leonurus japonicus</i> Houtt.	rubim	18	natu	A, Ca, Ce, MA	NE	1	Parte aérea	Infusão	Distúrbios menstruais e uterinos
	<i>Mentha piperita</i> L.	hortelã-pimenta		cult	NE	3	Folhas	Infusão ou óleo essencial	Problemas digestivos, náuseas e cefaleia	
	<i>Mentha pulegium</i> L.	puejo, hortelã-alecrim	22	cult	NE	1	Folhas e flores	Infusão	Problemas respiratórios e cólicas menstruais	
	<i>Mentha spicata</i> L.	hortelã, levante		natu	A, Ce, MA	NE	6	Folhas	Infusão	Problemas digestivos, náuseas e resfriados
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjericão		cult	NE	1	Folhas	Infusão ou tempero	Distúrbios digestivos e estresse	
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	alfavaca, alfavacão, alfavaca-branca	14	natu	A, Ca, Ce, MA	NE	1	Folhas	Infusão ou decocção	Problemas respiratórios e digestivos
	<i>Origanum vulgare</i> L.	orégano	3	cult	NE	1	Folhas e flores	Infusão	Resfriados, problemas respiratórios e digestivos	
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	2	cult	NE	3	Folhas	Infusão ou óleo essencial	Problemas digestivos, dores musculares e estimulante	
<b>Lauraceae</b>	<i>Laurus nobilis</i> L.	louro		cult	NE	1	Folhas	Infusão ou tempero	Problemas digestivos e como antioxidante	
<b>Lythraceae</b>	<i>Punica granatum</i> L.	romã		cult	NE	1	Casca e frutos	Decocção ou suco	Diarreia, inflamações e antioxidante	
<b>Malpighiaceae</b>	<i>Bunchosia glandulifera</i> (Jacq.) Kunth	caferana		cult	NE	1	Frutos	Consumo culinário	Controle glicêmico e saúde digestiva	
<b>Malvaceae</b>	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	quiabo		cult	NE	1	Rizoma	Cozimento ou farinha	Distúrbios gastrointestinais e nutrição	
<b>Marantaceae</b>	<i>Maranta arundinacea</i> L.	araruta		cult	NE	1	Folhas e frutos	Infusão (folhas) ou suco (frutos)	Diarreia, infecções e propriedades antioxidantes	
<b>Myrtaceae</b>	<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba		natu	A, Ca, Ce, MA, Pa	NE	1	Raiz e folhas	Decocção ou infusão	Inflamações, dores e como imunostimulante
<b>Phytolaccaceae</b>	<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné	6	natu	A, Ca, MA, Pa	NE	2	Parte aérea	Infusão	Problemas renais, cálculo urinário e hepatoprotetora
<b>Phyllanthaceae</b>	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	31	n	A, Ca, Ce, MA, Pa	LC	1	Parte aérea	Infusão ou uso tópico	Inflamações e distúrbios urinários
<b>Piperaceae</b>	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	erva-jaboti		n	A, Ca, Ce, MA	LC	1	Folhas	Infusão ou cataplasma	Problemas respiratórios e cicatrização

<b>Plantaginaceae</b>	<i>Plantago major</i> L.	transagem	4	natu	A, Ca, Ce, MA, Pa	NE	3	Parte aérea	Infusão	Diabetes, inflamações e distúrbios digestivos
	<i>Scoparia dulcis</i> L.	trapixaba, vassourinha	16	n	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	1	Folhas	Infusão	Ansiedade, problemas digestivos e febres
<b>Poaceae</b>	<i>Cymbopogon citratus</i> L.	capim-cidreira, capim-santo		natu	A, Ca, Ce, MA	NE	3	Frutos e casca	Suco ou infusão	Resfriados, problemas digestivos e antioxidante
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle	lima-de-bico		cult		NE	2	Frutos	Suco ou infusão	Gripe, problemas digestivos e antioxidante
	<i>Citrus ×limon</i> (L.) Osbeck	limão		cult		NE	3	Frutos e casca	Suco ou infusão	Sistema imunológico e antioxidante
	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranja		cult		NE	1	Folhas	Infusão ou uso tópico	Problemas menstruais, ansiedade e antiespasmódico
	<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda		cult		NE	4	Casca	Decocção	Distúrbios gastrointestinais, febres e como antimalárica
<b>Urticaceae</b>	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	embaúba	9	n	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	1	Folhas	Infusão	Hipertensão, ansiedade, problemas respiratórios e como diurética
<b>Verbenaceae</b>	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P. Wilson	cidreira-cupira, erva-cidreira	32	n	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	3	Folhas	Infusão	Ansiedade, insônia, cólicas intestinais e distúrbios digestivos
<b>Zingiberaceae</b>	<i>Curcuma longa</i> L.	açafrão		cult		-	3	Rizoma	Pó, chá ou tintura	Processos inflamatórios, dores articulares, antioxidante e hepatoprotetor
	<i>Curcuma zedoaria</i> (Christm.) Roscoe	açafrão-branco		cult		-	1	Rizoma	Infusão ou pó	Distúrbios digestivos, flatulência e propriedades anti-inflamatórias
	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre		cult		NE	1	Rizoma	Infusão, suco ou tempero	Náuseas, dores musculares, inflamações e distúrbios digestivos
	<i>Zingiber spectabile</i> Griff.	gengibre-colmeia	24	cult		NE	1	Rizoma e inflorescência	Infusão ou decocção	Inflamações, problemas respiratórios e dores de garganta

Figura 2- Número de espécies vegetais medicinais nativas e naturalizadas citadas pelos raizeiros de Inaciolândia, Goiás, por domínios fitogeográficos brasileiros



Quanto ao *status* de conservação 63 espécies tinham esta informação. Dentre estas, a maioria apresenta *status* de conservação não avaliado (NE) (93,7%, n = 59). Diante deste resultado, mais pesquisas são necessárias em prol de avaliar o *status* de conservação das espécies de plantas medicinais, em especial das nativas brasileiras. Apenas quatro espécies medicinais nativas apresentaram *status* de conservação pouco preocupante (LC): *Monteverdia floribunda*, *Stryphnodendron adstringens*, *Phyllanthus niruri* e *Peperomia pellucida* (Quadro 1).

Dentre as plantas mencionadas, algumas se destacaram por sua recorrência nas entrevistas. A hortelã (*Mentha spicata*) foi a mais citada pelos raizeiros, aparecendo seis vezes. A hortelã é amplamente cultivada em todo o mundo por seu aroma e importância econômica. Mundialmente as partes aéreas desta planta são usadas para o preparo de chá. Além disso, o interesse no cultivo da hortelã está relacionado à importância comercial de seu óleo essencial, que está entre os dez mais comercializados no mundo (Sherer et al., 2013). Além de ser um aromatizante de alimentos (como o tradicional uso brasileiro de servir o suco de abacaxi com hortelã ou acrescentá-la no preparo de kibe), esta espécie é conhecida por uma gama de usos medicinais, particularmente no tratamento de resfriado, tosse, asma, febre, obesidade, icterícia, problemas digestivos (Ilheo, 2024). A hortelã é antibacteriana, antifúngica, antioxidante, hepatoprotetora, antidiabética, citotóxica, anti-inflamatória, e apresenta atividade larvicida, potencial antígeno tóxico e antiandrogênico (Mahendran; Verma; Rahman, 2021; El Menyiy et al., 2022). Dessa forma, o amplo uso de hortelã como planta medicinal corrobora o fato dela ter

sido a espécie mais citada pelos raizeiros de Inaciolândia e indicada por eles no tratamento de problemas digestivos, náuseas e resfriados (Quadro 1).

A babosa (*Aloe vera*), arruda (*Ruta graveolens*) e boldo (*Coleus barbatius*) também estiveram entre as espécies mais citadas pelos raizeiros, tendo sido mencionadas quatro vezes cada. A babosa é uma planta suculenta, resistente à seca e perene, sendo uma das plantas bioativas mais eficazes com cerca de 75 nutrientes e 200 compostos bioativos (Behaiyn et al., 2023). Esta espécie possui várias propriedades funcionais, incluindo atividades antimicrobianas e antioxidantes, devido às quais é eficaz no tratamento de cicatrização de feridas, diabetes, imunomodulação, envelhecimento, problemas relacionados à pele, entre outros (Basumatary et al., 2022). As folhas da planta contêm látex e gel, os quais são bastante diferentes um do outro em sua composição química e usos terapêuticos. O gel é a polpa mucilaginosa mais transparente interna, que é um reservatório de muitos fitoquímicos, incluindo polissacarídeos, aminoácidos, enzimas, glucomananos, lipídios, esteróis, vitaminas, flavonoides, alcaloides, antraquinonas, antronas, cumarinas, cromonas e pironas (Altinkaynak et al., 2023). O látex é a seiva amarela viscosa abaixo da casca contendo alto teor de compostos fenólicos, incluindo flavonoides, ácidos fenólicos, antraquinonas, antronas, cumarinas, cromonas e pironas (Majumder; Das; Mandal, 2019). O gel da babosa é conhecido por seus usos terapêuticos na cicatrização de feridas devido à sua capacidade de invadir e sedar o tecido, prevenindo o crescimento microbiano e a inflamação. Devido aos inúmeros benefícios à saúde do gel da babosa também tem sido usado em produtos alimentícios como bebidas, leite, sorvete e iogurte (Adlakha; Koul; Kumar, 2022). Segundo os raizeiros de Inaciolândia o gel é indicado para cicatrização de feridas, queimaduras (nestes dois casos com aplicação tópica) e problemas digestivos (na forma de suco) (Tabela 1), indo de encontro com as informações dos estudos aqui mencionados.

A arruda é cultivada no mundo todo. O epíteto do seu nome científico “*graveolens*”, significa cheiro forte devido ao odor forte e peculiar que emana de suas folhas. A maioria de suas propriedades aromáticas e medicinais se deve à presença de rutina e seu óleo essencial. Embora o sabor seja muito amargo, a espécie é usada em culinárias étnicas, como aromatizante de café na Etiópia, aromatizante de chá com leite na província de Guangdong, na China, e para dar sabor à grappa, um tipo de conhaque italiano (Cheng et al., 2023). Era usada em alguns ritos medievais para proteger a casa contra a negatividade. Na Idade Média a arruda era usada para afastar a peste. Em alguns países da América Latina é usada como fungicida e pesticida na agricultura orgânica (Donadu et al., 2021). Como medicinal esta planta é usada na medicina popular para tratar febre causada por resfriado, dor de dente, contusões e entorses, menstruação irregular, eczema infantil (Luo et al., 2024), para tratar tosse, laringite diftérica, cólica, como

antídoto em caso de envenenamento por cogumelos, picadas de serpentes e de insetos (Ilheo, 2024). Além disso, tem sido usada por seus efeitos estimulantes, estomacais e emenagogos, consumida como infusão e para tratar dores de cabeça, dores musculares e articulares, bem como um anti-inflamatório usando o óleo ou extrato (Donadu et al., 2021). A espécie possui ação anticancerígena e analgésicas, atividade antiandrogênica e efeitos anti-hiperglicêmicos e anti-hiperlipidêmicos (Shahrajabian, 2024). Estes estudos corroboram a indicação de uso pelos raizeiros de Inaciolândia, os quais fazem uso da arruda para distúrbios gastrointestinais, febres e como antimalárica, sendo usada sua casca na forma de decocção (Quadro 1).

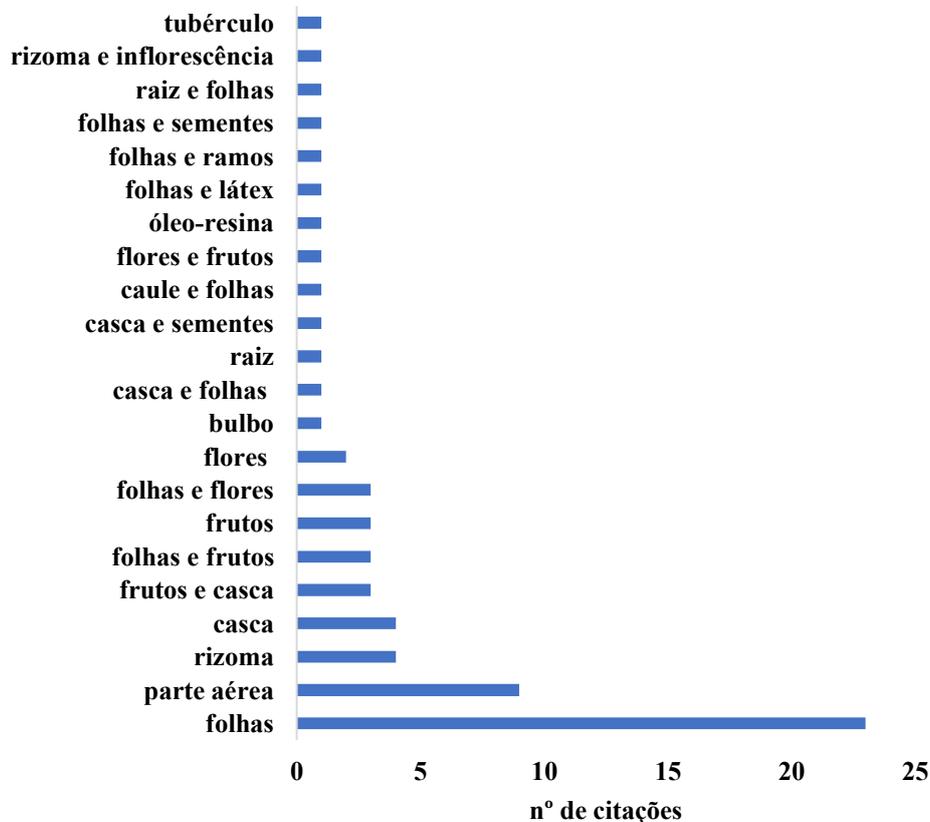
O boldo tem origem na África, sendo esta espécie amplamente cultivada em todo o Brasil e comumente usada na medicina tradicional brasileira (Brito et al., 2018; Cordeiro et al., 2022). O boldo apresenta diversos usos medicinais. Ele é utilizado como analgésico, antidispéptico; para aliviar cólica abdominal; como purgativo; no tratamento de gastrites, espasmos intestinais; doenças hepáticas e dentárias; no tratamento de asma, bronquites, pneumonias e outras doenças respiratórias (Lukhoba; Simmond; Paton, 2006). Está entre as espécies mais citadas em levantamentos etnobotânicos de plantas medicinais do Brasil (Oliveira et al., 2011; Freitas et al., 2015; Borges; Moreira, 2016; Martinez et al., 2020; Rodrigues; Brito; Oliveira, 2021; Soares et al., 2023). Uma revisão de pesquisas publicadas no período de 1970 a 2003 por Costa (2006), envolvendo ações farmacológicas do boldo, evidenciou seu potencial medicinal e justificou sua grande utilização na medicina popular. Isso corrobora o potencial de uso do boldo pelos raizeiros de Inaciolândia para distúrbios digestivos e hipertensão.

Quanto à parte da planta indicada pelos raizeiros para ser usada para produção do medicamento houve uma ampla variação (Figura 3). Mas, ainda assim, o uso predominante foi o das folhas (34,33%; n = 23) e da parte aérea (13,43%; n = 9). Esse resultado é corroborado pela maioria dos estudos etnobotânicos (Silva; Proença, 2007; Alves; Morais; Caes, 2018; Guimarães; Oliveira; Morais, 2019; Guimarães; Morais; Oliveira, 2022; Soares et al., 2023). O uso das folhas não causa a morte do espécime coletado, sendo, com isso, uma forma de utilização que permite a perpetuação dos indivíduos vegetais tanto no cultivo quanto no seu hábitat natural.

Foram citados 15 tipos de preparo dos medicamentos pelos raizeiros, sendo o mais citado o de infusão (43,59%; n = 51) (Figura 4). A infusão, a qual é um tipo de chá, é preparada colocando-se água fervente sobre pequenos pedaços das partes da planta, em proporções que variam se a planta está fresca ou seca e com a espécie. Em seguida, mistura-se, tampa e aguarda alguns minutos em repouso para depois beber. A temperatura (quente ou frio) deste preparo, assim como a dosagem, para o consumo varia de acordo com a doença a ser tratada (Lorenzi;

Matos, 2008). Além disso, o uso das plantas medicinais varia conforme o contexto cultural de quem as utiliza. O plantio, preparo e dosagem das plantas medicinais podem variar de uma comunidade para outra (Di Stasi, 2007).

Figura 3. Número de citações da parte vegetal usada para produção do medicamento, de acordo com os raizeiros de Inaciolândia, Goiás.

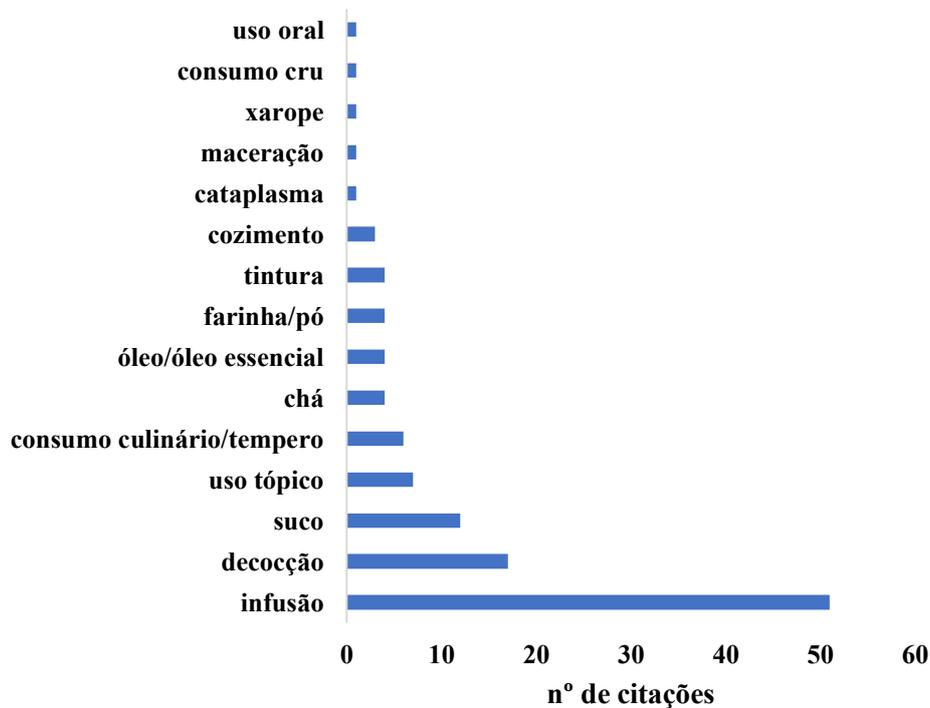


O uso das plantas para tratar doenças associadas ao aparelho digestivo (AD) e inflamação e dor (ID) foram predominantes nos tratamentos indicados pelos raizeiros (Figura 5), correspondendo a 23,38% ( $n = 36$ ) e 21,43% ( $n = 33$ ), respectivamente. Diversas plantas já foram testadas empírica ou laboratorialmente para transtornos do sistema gastrointestinal (Gois et al., 2016), com ação anti-inflamatória (Santos; Santos; Santos, 2013; Leal et al., 2019) e para alívio de dores (Haeffner et al., 2012).

O predomínio do uso de plantas medicinais no Brasil para tratar doenças associadas ao sistema digestivo é corroborado por outros estudos (Rodrigues; Andrade, 2014; Brito; Marin; Cruz, 2017; Durão; Costa; Medeiros, 2021; Schek; Mix; Kochhann, 2021; Santana et al., 2025). Numa compilação de dados de artigos etnobotânicos realizados em Goiás e publicados entre 2014 e 2024, o tratamento de doenças associadas ao sistema digestivo esteve entre as principais

indicações das 169 plantas medicinais catalogadas (Lopes Neto, 2025). Entretanto, os estudos aqui citados não corroboram com o predomínio de uso das plantas medicinais para o tratamento de inflamação e dor como indicado pelos raizeiros de Inaciolândia.

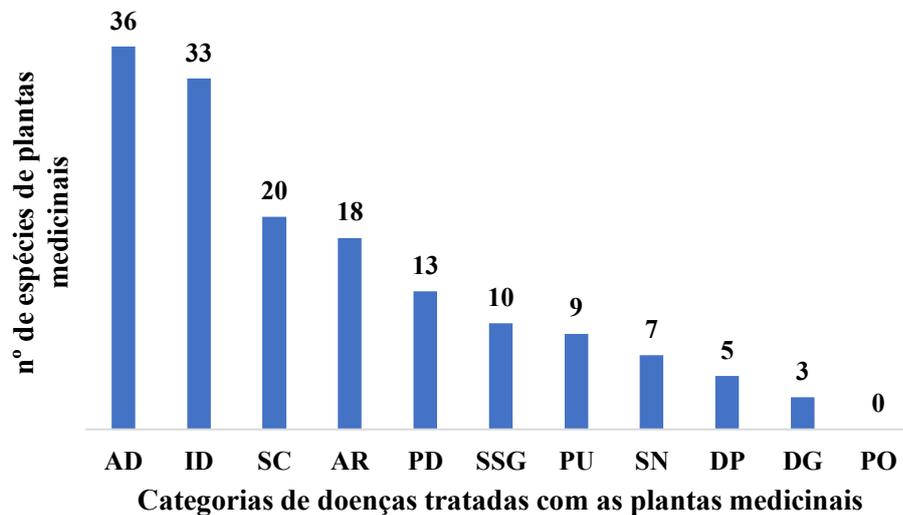
Figura 4. Número de citações quanto à forma de preparo do medicamento, de acordo com os raizeiros de Inaciolândia, Goiás.



A inflamação e a dor podem estar associadas a diversas doenças, como infecções e condições autoimunes, ou ser desencadeadas por diversos fatores, incluindo lesões físicas (cortes, contusões, queimaduras, entre outros), substâncias químicas irritantes, fatores ambientais. Inflamação é uma resposta do organismo a agressões, como lesões ou infecções, caracterizada por sinais como dor, vermelhidão, calor e inchaço. É uma reação protetora do sistema imunológico, visando a reparação de tecidos e a eliminação de agentes nocivos (Etienne; Viegas; Viegas Jr., 2021). Segundo uma compilação de dados realizada por Ribeiro et al. (2018), 70 plantas brasileiras possuem ação anti-inflamatória, envolvendo diversos mecanismos de ação, conforme dados obtidos a partir de testes experimentais com compostos obtidos de extratos brutos ou isolados.

Figura 5 - Número de espécies de plantas medicinais citadas pelos raizeiros de Inaciolândia, Goiás, de acordo com as categorias de doenças tratadas. AD = doenças associadas ao aparelho

digestivo; AR = doenças associadas ao aparelho respiratório; PD = doenças associadas à problemas dermatológicos; ID = doenças associadas à inflamação e dor; SN = doenças associadas ao sistema nervoso; SC = doenças associadas ao sistema cardiovascular; PU = doenças associadas a problemas urológicos; DP = doenças parasitárias; DG = doenças ginecológicas; PO = problemas ortopédicos; e SSG = sintomas e sinais gerais, aquelas com sintomatologia de várias doenças não específicas e ou de origem cultural



A dor é causada pela irritação de terminações nervosas e pela pressão do inchaço (Haeffner et al., 2012). As plantas medicinais possuem diversos princípios ativos, como alguns alcaloides, mucilagens, flavonoides, taninos e óleos essenciais, entre outras substâncias, que atuam no mecanismo da analgesia (Lorenzi; Matos, 2008). Um estudo realizado com uma comunidade de pomeranos do Rio Grande do Sul, 23 plantas medicinais são indicadas como analgésicas (poejo, alecrim, capuchinha, capim-cidreira, marcela, goiabeira, hortelã, erva-cidreira, tansagem, violeta-de-jardim, melhoral, funcho, artemísia, carqueja, espinheira-santa, lima, abacate, mil-em-ramas, penicilina, açafraão, alho, pitangueira, anis) (Schek et al., 2014). Já Lorenzi e Matos (2008) listam 32 espécies de plantas de uso medicinal como analgésica no Brasil. Logo, a gama de doenças que ocasionam inflamação e dor e o alto número de espécies vegetais associadas ao tratamento destas enfermidades corroboram o predomínio do uso das plantas medicinais indicadas pelos raizeiros do presente estudo.

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação identificou 11 raizeiros em Inaciolândia, cujos relatos evidenciam não apenas a persistência de práticas terapêuticas ancestrais, mas também sua resiliência e adaptação frente aos avanços da medicina oficial e às transformações socioculturais contemporâneas. Houve predominância feminina entre os raizeiros o que pode ser atribuído à tradicional associação das práticas de cuidado com a saúde, especialmente por meio de saberes populares e do uso de plantas medicinais, ao gênero feminino dentro de contextos familiares e comunitários. Essa maior representatividade feminina é majoritária em outros estudos etnobotânicos brasileiros.

O presente estudo corrobora uma preocupação quanto à perpetuação do conhecimento popular inerente ao uso das plantas medicinais, haja vista que a idade dos raizeiros está na faixa de 40 a 83 anos. A ausência de representantes mais jovens pode culminar no desaparecimento do conhecimento etnobotânico, à medida que não ocorre sua renovação entre as novas gerações. Isso compromete a preservação cultural desse importante patrimônio imaterial.

Os raizeiros indicaram 67 espécies de plantas medicinais, as quais estão distribuídas em 36 famílias e 58 gêneros. Lamiaceae e Asteraceae estiveram entre as famílias com a maior riqueza de espécies, resultado presente em outras pesquisas etnobotânicas brasileiras. Estas famílias são reconhecidas por sua ampla utilização na medicina popular e por conterem espécies com compostos bioativos com reconhecida ação terapêutica.

Espécies como *Mentha spicata* (hortelã), *Aloe vera* (babosa), *Ruta graveolens* (arruda) e *Plectranthus barbatus* (boldo) foram recorrentes nas entrevistas, indicando alto grau de concordância de uso entre os participantes.

Quanto à parte da planta indicada pelos raizeiros para ser usada para produção do medicamento houve uma ampla variação, mas, o uso predominante foi o das folhas, resultado similar ao encontrado pela maioria dos estudos. Foram citados 15 tipos de preparo dos medicamentos pelos raizeiros, sendo o mais citado o de infusão. Houve uma diversidade de tratamentos de enfermidades indicadas pelos raizeiros com o uso das plantas medicinais, com o predomínio de doenças associadas ao aparelho digestivo, inflamação e dor.

A riqueza de espécies medicinais registrada no presente estudo denota a importância e uso do conhecimento etnobotânico pelos raizeiros de Inaciolândia, Goiás. As indicações etnobotânicas explicitadas podem subsidiar relevantes contribuições para a conservação da diversidade sociocultural e biológica das espécies vegetais, bem como outras pesquisas etnobotânicas.

## REFERÊNCIAS

ADLAKHA, K.; KOUL, B.; KUMAR, A. Value-added products of *Aloe* species: Panacea to several maladies. **South African Journal of Botany**, v. 147, p. 1124-1135, 2022.

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; ALENCAR, N. L. **Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos**. 2.ed. Recife: Comunigraf Editora. 2008.

ALTINKAYNAK, C.; HACIOSMANOGLU, E.; EKREMOGLU, M.; HACIOGLU, M.; ÖZDEMİR, N. Anti-microbial, anti-oxidant and wound healing capabilities of *Aloe vera*-incorporated hybrid nanoflowers. **Journal of Bioscience and Bioengineering**, v. 135, n. 4, p. 321-330, 2023.

ALVES, H. K. D. R.; MORAIS, I. L. de; CAES, A. L. Medicina popular no Cerrado e plantas medicinais usadas pelas irmãs raizeiras de Morrinhos, GO. In: SANTOS, F. R. dos (Org.) **Economia, Política e Sociedade: vicissitudes e perspectivas para a preservação do meio ambiente no Brasil**. Curitiba: Editora CRV, 2018. p. 329-355.

APG (Angiosperm Phylogeny Group) IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, n. 1, p. 1-20, 2016.

BARBOSA, V. L. S. A.; NÓBREGA, D. R. M.; CAVALCANTI, A. L. Estudo bibliométrico de pesquisas realizadas com fitoterápicos na Odontologia. **Rev. bras. ciênc. saúde**, p. 123-130, 2012.

BASUMATARY, I. B.; MUKHERJEE, A.; KATIYAR, V.; DUTTA, J.; KUMAR, S. Chitosan-based active coating for pineapple preservation: Evaluation of antimicrobial efficacy and shelf-life extension. **LWT**, v. 168, p.113940, 2022.

BEHAIYN, S.; EBRAHIMI, S. N.; RAHIMI, M.; BEHBOUDI, H. Response surface methodology optimization extraction of aloins from *Aloe vera* leaf skin by ultrasonic horn sonicator and cytotoxicity evaluation. **Industrial Crops and Products**, v. 202, p. 117043, 2023.

BORGES, R. M.; MOREIRA, R. P. M. estudo etnobotânico de plantas medicinais no município de Confresa Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v. 15, n. 3, p. 68-82, 2016.

BRASIL. Lei 13.123, de 20 de maio de 2015. Brasília, DF: Diário Oficial da União. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13123.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13123.htm). Acesso em: 02 nov. 2023.

BRITO, E.; GOMES, E.; FALÉ, P.L.; BORGES, C.; PACHECO, R.; TEIXEIRA, V.; MACHUQUEIRO, M.; ASCENSÃO, L.; SERRALHEIRO, M.L.M. Bioactivities of decoctions from *Plectranthus* species related to their traditional use on the treatment of digestive problems and alcohol intoxication. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 220, p. 147-154, 2018.

BRITO, M. F. M.; MARIN, E. A.; CRUZ, D. D. Plantas Medicinais nos assentamentos rurais em uma área de proteção no litoral do nordeste brasileiro. **Ambiente & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 83-104, 2017.

CHENG, J. I. A. N. G.; SAI, F. A. N. G.; YUAN-WEN, L. I.; WEI-DONG, W. U.; RUI-YUN, C. H. E. N.; QIONG, G. U. Chemical constituents from the dichloromethane fraction of *Ruta graveolens* L. **Natural Product Research and Development**, v. 35, n. 9, p. 1518, 2023.

CORDEIRO, M. F.; NUNES, T. R. S.; BEZERRA, F. G.; DAMASCO, P. K. M.; SILVA, W. A. V.; FERREIRA, M. R. A.; MAGALHÃES, O. M. C.; SOARES, L. A. L.; CAVALCANTI, I. M. F.; PITTA, M. G. R.; RÊGO, M. J. B. M. Phytochemical characterization and biological activities of *Plectranthus barbatus* Andrews. **Brazilian Journal of Biology**, v. 82, e236297, 2022.

COSTA, M. C. C. D. Uso popular e ações farmacológicas de *Plectranthus barbatus* Andr. (Lamiaceae): revisão dos trabalhos publicados de 1970 a 2003. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 8, n. 2, p. 81-88, 2006.

CSN (Conselho Nacional de Saúde). Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acessado em: ago 2023.

CSN (Conselho Nacional de Saúde). Resolução nº 738, de 01 de fevereiro de 2024. Dispõe sobre o uso de bancos de dados com finalidade de pesquisa científica envolvendo seres humanos. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2024/resolucao-no-738.pdf>. Acesso em: 23 jan 2025.

DANTAS, J. I. M.; TORRES, A. M. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais em uma comunidade rural do sertão alagoano. **Diversitas Journal**, v. 4, n. 1, p. 39-48, 2019.

DIAS, V. N.; RAMOS, M. P. O.; BOSQUETTI, L. B. Plantas medicinais do Cerrado: potencial terapêutico, farmacológico e de preservação. **Cerrado Agrociências**, v. 14, p. 86-96, 2023.

DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: verdades e mitos, o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber**. São Paulo: UNESP, 2007. 133p.

DONADU, M. G.; PERALTA-RUIZ, Y.; USAI, D.; MAGGIO, F.; MOLINA-HERNANDEZ, J. B.; RIZZO, D.; BUSSU, F.; RUBINO, S.; ZANETTI, S.; PAPARELLA, A.; CHAVES-LOPEZ, C. Colombian essential oil of *Ruta graveolens* against nosocomial antifungal resistant *Candida* strains. **Journal of Fungi**, v. 7, n. 5, 383, 2021.

DUARTE, M. C. T. Atividade antimicrobiana de plantas medicinais e aromáticas utilizadas no Brasil. **Revista MultiCiência**, v. 7, n. 1, p. 1-16, 2006.

DURÃO, H. G.; COSTA, K.; MEDEIROS, M. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade quilombola de Porto Alegre, Cametá, Pará, Brasil. **Boletim Do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Naturais**, v. 16, n. 2, p. 245-258, 2021.

EL MENYIY, N.; MRABTI, H. N.; OMARI, N. E.; BAKILI, A. E.; BAKRIM, S.; MEKKAoui, M.; BALAHBIB, A.; AMIRI-ARDEKANI, E.; ULLAH, R.; ALQAHTANI, A. S.; SHAHAT, A. A.; BOUYAHYA, A. Medicinal uses, phytochemistry, pharmacology, and toxicology of *Mentha spicata*. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, v. 2022, n. 1, p. 7990508, 2022.

ETIENNE, R.; VIEGAS, F. P. D.; VIEGAS JR, C. Aspectos fisiopatológicos da inflamação e o planejamento de fármacos: uma visão geral atualizada. **Revista Virtual de Química**, v. 13, n. 1, p. 167-191, 2021.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

FRANÇA, I. S. X. de; SOUZA, J. A. de; BAPTISTA, R. S.; BRITTO, V. R. S. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 61, p. 201-208, 2008.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M.F.B.; PEREIRA, Y.B.; FREITAS NETO, E.C.; AZEVEDO, R.A.B. Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN. **Rev. Bras. Plantas Med.**, v. 17, n. 4, p. 845-856, 2015.

GOIS, M.A.F.; LUCAS, F.C.A.; COSTA, J.C.M.; MOURA, P.H.B.; LOBATO, G.J.M. Etnobotânica de espécies vegetais no tratamento de transtornos do sistema gastrointestinal. **Revista Brasileira Plantas Medicinai**s, v. 18, n. 2, p. 547-557, 2016.

GUIMARÃES, B. O.; MORAIS, I. L.; OLIVEIRA, A. P. de. Medicinal plants and their popular use in Boa Esperança Settlement, Piracanjuba, Goiás, Brazil. **Bol. Latinoam. Caribe Plant Med. Aromat.**, v. 21, n. 4, p. 485-513, 2022.

GUIMARÃES, B. O.; OLIVEIRA, A. P. de; MORAIS, I. L. Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba-Ana Laura, Piracanjuba, GO. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 8, n. 3, p. 196-220, 2019.

HAEFFNER, R.; HECK, R. M., CEOLINS, T.; JARDIM, V. M. R.; BARBIERI, R. L. Plantas medicinais utilizadas para o alívio da dor pelos agricultores ecológicos do Sul do Brasil. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 14, n. 3, p. 596-602, 2012.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 2025. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/inaciolandia/panorama>. Acesso em 08 jul. 2025.

ICHIM, M. C.; HÄSER, A.; NICK, P. Microscopic authentication of commercial herbal products in the globalized market: Potential and limitations. **Frontiers in Pharmacology**, v. 11, p. 876, 2020.

ILHEO, M. C. Nas encruzilhadas do saber: o poder das plantas e sua presença na medicina popular sul-mineira. **Temáticas**, v. 32, n. 63, p. 220-256, 2024.

INACIOLÂNDIA (GO). **Prefeitura**. 2017. Disponível em: <http://www.inaciolandia.go.gov.br/site/o-municipio/>. Acesso em: abr. 2024.

JALES, A. S. S.; MOREIRA, A. C.; ARAUJO, I. G. de; LUCENA, J. H. A. de; SANTOS, L. C. dos; OLIVEIRA FILHO, A. A. de. Promoção do uso racional de fitoterápicos entre universidade e escola em Patos-PB. **Caderno Impacto em Extensão**, v. 3, n. 1, 2023.

LEAL, J. B.; SILVA, M. M. da; COSTA, J. M.; ALBUQUERQUE, L. C. D. S. de; PEREIRA, M. D. G. S.; SOUSA, R. L. de. Etnobotânica de plantas medicinais com potencial anti-inflamatório utilizadas pelos moradores de duas comunidades no município de Abaetetuba, Pará. **Biodiversidade**, v. 18, n. 3, 2019.

LIMA, R. A.; MAGALHÃES, S. A.; SANTOS, M. R. A. dos. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas na cidade de Vilhena, Rondônia. **Revista Pesquisa & Criação**, v. 10, n. 2, p. 165-179, 2011.

- LOPES NETO, J. F.; HIRDES, Y. T.; SILVA NETO, C. M. e; SOARES, G. S.; CAES, A. L.; MORAIS, I. L. de. Estudos etnobotânicos do estado de Goiás. **FLOVET -Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v. 3, n. 14, e2025013, 2025.
- LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2<sup>a</sup> ed. Nova Odessa, Instituto Plantarum. 2008.
- LUKHOB, C. W.; SIMMONDS, M. S. J.; PATON, A. J. *Plectranthus*: A review of ethnobotanical uses. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 103, p. 1-24, 2006.
- LUO, P.; FENG, X.; LIU, S.; JIANG, Y. Traditional Uses, Phytochemistry, Pharmacology and Toxicology of *Ruta graveolens* L.: A Critical Review and Future Perspectives. **Drug Design, Development and Therapy**, v. 18, p. 6459–6485, 2024.
- MAHENDRAN, G.; VERMA, S. K.; RAHMAN, L. Usos tradicionais, fitoquímica e farmacologia da hortelã-verde (*Mentha spicata* L.): Uma revisão. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 278, p. 114266, 2021.
- MAJUMDER, R.; DAS, C. K.; MANDAL, M. Lead bioactive compounds of *Aloe vera* as potential anticancer agent. **Pharmacological Research**, v 148, 2019.
- MARTINEZ, L. N.; RODRIGUES, F. L. S.; SILVA, N. B. da; SANTOS, E. V. dos; COSTA, J. D. N. Avaliação etnobotânica das espécies das famílias Asteraceae e Lamiaceae utilizadas com potencial medicinal na região de Porto Velho – Rondônia. **Saúde e Ambiente**, v. 8, n. 2, p. 431-445, 2020.
- MARTINS, A. G.; ROSÁRIO, D. L. D.; BARROS, M. N. D.; JARDIM, M. A. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 86, n. 1, p. 21-30, 2005.
- MOBOT (Missouri Botanical Garden). Disponível em: <https://tropicos.org>. Acesso em: 15 out. 2024.
- MONTEIRO, S. C.; BRANDELLI, C. L. C. Farmacobotânica: Aspectos leóricos e Aplicação. **Sustinere-Revista de Saude e Educacao**, v. 5, n. 2, p. 374-375, 2017.
- NASCIMENTO, M. W. A. do; VERÍSSIMO, R. C. S. S.; BASTOS, M. L. A.; BERNARDO, T. H. L. Indicações de plantas medicinais realizadas por raizeiros para tratamento de feridas. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 18, p. e1152-e1152, 2016.
- NERY, J. C. S.; SILVA, M.C. A territorialização dos raizeiros enquanto cultura popular no mercado municipal de Araguaína-TO. In: Britto, S. L. de. **Geografia tocantinense: urbanização, território, região e dinâmicas sociais**. 1<sup>o</sup> ed. BELÉM-PA: RFB, 2021, v. 1, p. 109-120.
- NUNES, E. R.; FERREIRA, L. F.; SILVA, M. A. V. Culturas escondidas: raizeiros e benzedeadas, uma cultura quase extinta nas áreas de Anápolis (Goiás). **Anais do Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG**, v. 2, n. 1, p. 53-61, 2023.
- OLIVEIRA, A. K. M.; OLIVEIRA, N. A.; RESENDE, U. M.; MARTINS, PFRB. Ethnobotany and traditional medicine of the inhabitants of the Pantanal Negro sub-region and the raizeiros

of Miranda and Aquidauna, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Braz. J. Biol.**, v. 71, n. 1, p. 283-289, 2011.

OLIVEIRA, L. R. Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Revista Verde**, v. 10, n.3, p. 25-31, 2015.

PASA, M. C.; DAVID, M. de; FIEBIG, G. Á.; NARDEZ, T. M. B.; MAZIERO, E. L. A etnobotânica na comunidade quilombola em Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v. 14, n. 2, p. 1-17, 2015.

PEDROSO, R. S.; ANDRADE, G.; PIRES, R. H. Plantas medicinais: uma abordagem sobre o uso seguro e racional. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, n. 2, p. e310218, 2021.

PEREIRA, A. S.; SHITSUKA, D. M.; PARREIRA, F. J.; SHITSUKA, R. **Metodologia da pesquisa científica**. Ed. UAB/NTE/UFSM. 2018.

QUEIROZ, M. I. P. de. Sociologia - O Catolicismo Rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 5, p. 104-123, 1968.

RÊGO, L. J. S.; NOBRE, V. B. R.; VALLE, M. L. A.; JARDIM, J. G.; MESQUITA, R. G. A.; COSTA, C. B. Mercado de produtos florestais não madeireiros medicinais em Ilhéus e Itabuna na Bahia. In: **Produtos florestais não madeireiros: tecnologia, mercado, pesquisas e atualidades**. [S.l.]: Editora Científica Digital, 2023. p. 96–107.

RIBEIRO, V.P.; ARRUDA, C.; EL-SALAM, M.A.; BASTOS, J.K. Brazilian medicinal plants with corroborated anti-inflammatory activities: a review. **Pharmaceutical Biology**, v. 56, p. 253-268, 2018.

RODRIGUES, A. P.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Inhamã, Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 16, n. 3, p. 721-730, 2014.

RODRIGUES, E. S.; BRITO, N. M. de; OLIVEIRA, V. J. S. de. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas por alguns moradores de três comunidades rurais do município de Cabaceiras do Paraguaçu/Bahia. **Biodiversidade Brasileira**, v. 11, n. 1, p. 1-16, 2021.

SANTANA, D. C.; BAPTISTA, V. J. C.; VERDAN, L. F. F.; SCHNEIDER, S. Z. Conhecimento Popular e Educação Ambiental: o uso de Plantas Medicinais na Comunidade de Barra do Jucú (ES). **ARACÊ**, v. 4, p. 16363-16369, 2025.

SANTOS, M. S. C.; SANTOS, J. G.; SANTOS, A. F. Plantas medicinais com ação antiinflamatória comercializadas em Arapiraca-AL. **Scientia Plena**, v. 9, n. 6, p. 1-7, 2013.

SAQUET, M. A. O Território: a abordagem territorial e suas implicações nas dinâmicas de desenvolvimento. **Informe GEPEC**, v. 23, p. 25-39, 2019.

SCHEK, G.; MIX, P. R.; KOCHHANN, D. R. A. O uso de plantas medicinais por famílias rurais. **Revista Saúde**, v. 15, n. 1/2, p. 35-41, 2021.

SCHEK, G.; ROCHA, G. B. D. da; PALMA, J. S.; HECK, R. M.; BARBIERI, R. L. Plantas medicinais utilizadas para analgesia em famílias descendentes de pomeranos no Sul do Brasil **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 6, n. 3, p. 929-937, 2014.

SCHERER, R.; LEMOS, M. F.; LEMOS, M. F.; MARTINELLI, G. C.; MARTINS, J. D. L.; SILVA, A. G. Antioxidant and antibacterial activities and composition of Brazilian spearmint (*Mentha spicata* L.). **Industrial crops and products**, v. 50, p. 408-413, 2013.

SHAHRAJABIAN, M. H. A candidate for health promotion, disease prevention and treatment: common rue (*Ruta graveolens* L.), an important medicinal plant in traditional medicine. **Current Reviews in Clinical and Experimental Pharmacology**, v. 19, n. 1, p. 2-11, 2024.

SILVA, G. M. C.; SILVA, H.; ALMEIDA, M. V. A. de; FARIAS, M. L. C.; LIMA, P. M. Morfologia do fruto, semente e plântula do Mororó (ou pata de vaca) *Bauhinia forficata* Linn. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 3, n. 2, p. 0, 2003.

SILVA, A. F.; SOUSA, R. L. de; SILVA, S. G.; COSTA, J. M.; ALBUQUERQUE, L. C. S. de; PEREIRA, M. G. S.; MESQUITA, S. S.; SILVA, E. C. da; CORDEIRO, Y. E. M. Etnobotânica de plantas medicinais aromáticas: preparação e usos da flora em cinco comunidades rurais localizadas na região do Baixo Tocantins, Pará, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2021.

SILVA, C. S. P.; PROENÇA, C. E. B. Flora medicinal nativa do Bioma Cerrado catalogada por estudos etnobotânicos no Estado de Goiás, Brasil. **Revista Anhangüera**, v. 8, n. 1, p. 67-88, 2007.

SILVA, J. S. Memórias botânicas de um raizeiro: manutenção do saber local e da biodiversidade. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, p. e32011528216, 2022.

SILVA, L. O. P.; NOGUEIRA, J. M. R. Resistência bacteriana: potencial de plantas medicinais como alternativa para antimicrobianos. **RBAC. (Online)**, p. 21-27, 2021.

SOARES, S. B.; MORAIS, I. L. de; CAES, A. L.; GUIMARÃES, B. O. Plantas medicinais de uso popular pelos familiares de alunos da escola Geraldo Dias, Caldas Novas, Goiás. **Vivências**, v. 19, n. 39, p. 181–202, 2023.

VARGEM, D. S.; BRAZ, V. S.; LEMES, E. O.; PEIXOTO, J. C. Plantas medicinais do Cerrado: estudos etnobotânicos e etnofarmacológicos. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, p. e595111033149, 2022.

### Capítulo3:

## BENZEDEIROS DE INACIOLÂNDIA, GOIÁS, E A CURA ATRAVÉS DAS PLANTAS

### Resumo:

A medicina popular se sustenta na tradição oral subsidiada pelo uso de orações e plantas para curar o que é passível de cura através da benzeção. Essa pesquisa objetivou analisar o perfil das benzedeadas de Inaciolândia, GO, o levantamento das espécies vegetais utilizadas, as enfermidades tratadas, as orações e os gestos que fazem parte da benzeção. A pesquisa seguiu uma abordagem mista: qualitativa, descritiva e quantitativa, utilizando questionários semiestruturados. Dentre os cinco benzedeados entrevistados houve predomínio de mulheres, faixa etária alta, baixa escolaridade, de origem nordestina e católica. Entre as 10 espécies usadas na benzeção a mais citada foi a arruda (*Ruta graveolens*). Houve um maior número de espécies de plantas e benzeção associada para o tratamento de mau-olhado e quebranto. As benzedeadas de Inaciolândia citaram nove orações nas suas práticas de benzeção, todas fortemente concebidas pelo catolicismo. As orações mais citadas foram Pai-Nosso, Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus e orações espontâneas, sendo o principal gesto corporal o sinal da cruz. A benzeção, enquanto manifestação cultural e espiritual, encontra-se ameaçada pela falta de sucessores que deem continuidade a esse legado. Logo, espera-se que esta pesquisa possa, de alguma forma, ampliar a valoração desses detentores do conhecimento tradicional, além de despertar e sensibilizar as pessoas para a perpetuação da prática da benzeção. Existem problemas de saúde, física e existencial que afligem a todos, e, somente a sabedoria dos benzedeados é capaz de ouvir, entender, rezar e remediar.

**Palavras-chave:** Benzedeados, Etnobotânica, Medicina Popular, *Ruta graveolens*.

### Abstract:

Folk medicine is sustained by oral tradition, supported by the use of prayers and medicinal plants to heal what can be cured through benzeção (spiritual healing). This research aimed to analyze the profile of prayer healers (benzedeados) in Inaciolândia, Goiás, the plant species used in their practices, the illnesses treated, and the prayers and gestures that comprise the ritual. The study followed a mixed methodological approach—qualitative, descriptive, and quantitative using semi-structured questionnaires. Among the five benzedeados interviewed, there was a predominance of women, older age, low educational attainment, Northeastern origin, and Catholic affiliation. Of the ten plant species cited, *Ruta graveolens* (rue) was the most frequently mentioned. The largest number of plant uses and benzeção practices were associated with the treatment of spiritual afflictions such as evil eye and quebranto (a type of spiritual

fatigue). The healers cited nine prayers, all strongly rooted in Catholicism. The most frequently mentioned were the Lord's Prayer, Hail Mary, Holy Trinity, invocations in the name of Jesus, and spontaneous prayers, with the sign of the cross being the most common bodily gesture. As a cultural and spiritual manifestation, *benzeção* is threatened by the absence of successors willing to continue this legacy. Thus, this study seeks to contribute to the valorization of traditional knowledge holders and to raise awareness about the importance of preserving the practice of *benzeção*. There are physical and existential health problems that affect all people, and only the wisdom of the *benzedeiros* is capable of listening, understanding, praying, and offering relief.

**Keywords:** Prayer healers, Ethnobotany, Folk Medicine, *Ruta graveolens*.

## INTRODUÇÃO

A prática da “benzeção” ou “benzeduras” remonta ao período colonial no Brasil. Ela teria vindo da Europa, sendo prática comum desde a Alta Idade Média (Marin; Scorsolini-Comin, 2017). Souza (1986) descreve que era costume de camponeses levarem animais para a basílica para receberem a bênção do padre e assim livrarem-se de doenças e enfermidades.

A prática da benzeção, entendida como um ritual de proteção ou cura através da imposição de palavras e gestos, possui origens muito anteriores ao cristianismo, sendo comum em religiões consideradas pagãs e em tradições populares de diversas culturas. Embora existam referências a bênçãos em textos bíblicos tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, o cristianismo institucionalizou e tentou monopolizar essa prática a partir da Idade Média, restringindo a autorização de bênçãos a padres e clérigos. Com o tempo, no entanto, práticas populares de benzeção resistiram e se difundiram entre leigos, principalmente em comunidades rurais e periféricas, preservando elementos de sincretismo religioso e tradições pré-cristãs (Lins, 2014).

Tais práticas, quando não reconhecidas nem autorizadas pela Igreja Católica, eram perseguidas e condenadas pela Igreja e pelo Estado. “Em 1499, D. Manuel determinava que, juntamente com os feiticeiros, os benzedores fossem ferrados com um F em ambas as faces”. Também nas Ordenações Filipinas, código de leis instituído em Portugal durante o governo de Filipe II da Espanha durante a União Ibérica (1580-1640), havia a ordem para que não se praticasse a benzeção sem a autorização da Igreja e do Estado (Souza, 1986).

A prática da benzeção, assim como outras manifestações de caráter religioso e espiritual, consolidou-se no Brasil a partir do processo de colonização, quando práticas europeias foram

introduzidas e reinterpretadas no contato com saberes indígenas e africanos. No entanto, registros apontam que rituais de cura e proteção similares já existiam há milênios entre os povos originários das Américas, revelando uma continuidade histórica de práticas ancestrais que transcendem a chegada dos colonizadores (Mendes; Cavas, 2018).

A benzeção, nesse contexto, adaptou-se às novas dinâmicas sociais, preservando-se majoritariamente por meio da oralidade, da transmissão intuitiva e da prática cotidiana, perpetuando-se entre gerações como expressão de resistência cultural e espiritual. Atualmente, a ciência vem conferindo cada vez mais relevância às pesquisas que consideram a espiritualidade como importante elemento de saúde e bem-estar (Marin; Scorsolini-Comin, 2017).

Concebida como uma atividade de cura, a benzeção pode ser atribuída tanto a nível físico como espiritual e está disseminada em várias culturas (Moura, 2011). Esta prática de fé pode ser caracterizada como primordialmente terapêutica, a qual se concretiza através de uma interação dual entre cliente (paciente com alguma enfermidade) e benzedor (Marin; Scorsolini-Comin, 2017). Nessa interação, o benzedor desempenha um papel de intermediação entre o sagrado e o humano para se alcançar a cura, e essa terapêutica tem como processo principal o uso de algum tipo de prece (Quintana, 1999; Moura, 2011).

Além disso, é usual a benzedora fazer uso de alguma parte de planta durante a benzeção. Na benzeção as plantas simbolizam a energia vital: “O vegetal representa a unidade fundamental da vida, através das características cíclicas da existência: nascimento, maturação, morte e transformação” (Pereira; Gomes, 2018). A medicina popular se sustenta na tradição oral subsidiada pelo uso de orações e plantas para curar o que é passível de cura através de tais meios (Azevedo; Lemos, 2021).

Majoritariamente, as pessoas buscam a benzeção com o objetivo de curar, mitigar a dor ou a angústia com algo que lhes incomoda. Aquele que desenvolve a habilidade de benzeção - o benzedor - passa a ser compreendido como capaz de tratar, benzer e curar através de seus rituais de fé (Laplantine; Rabeyron, 1989). Entretanto, essas práticas de cura ainda seguem estigmatizadas e invisibilizadas pelo modelo hegemônico de sociedade. Logo, a benzeção acontece, muitas vezes, de forma clandestina, em contextos permeados por preconceito, perseguição e marginalização, postos em curso tanto pelo Estado, através da força policial e de proibições jurídicas, como também pelas formas hegemônicas de saúde. Nas últimas décadas, os benzedores passaram a requerer, das instâncias públicas municipais e estaduais, o seu reconhecimento a fim de poderem realizar livremente suas atividades sem serem perseguidos

como também ter suas práticas de cura acolhidas no sistema formal de saúde (Wedig; Ramos, 2020).

Paralelamente, as benzedeadas justificam a necessidade de conservar as áreas de vegetação nativa, de onde retiram plantas para serem usadas em suas práticas de cura e em seus rituais sagrados. Defendem também, a livre coleta dessas plantas medicinais e o acesso aos demais elementos da natureza em áreas privadas e públicas (Wedig; Ramos, 2020). Os conhecimentos associados a suas práticas de cura são ancestrais, perpetuados de uma geração a outra e originados das relações que os benzedeados estabelecem com a natureza (solo, plantas, olhos d'água que são fontes ou nascentes de água) e com santos populares (Fachel, 1995).

Vale ressaltar que os benzedeados realizam suas atividades em contextos econômico-sociais nos quais a população local, muitas das vezes, tem dificuldades de acesso à medicina convencional e, mesmo quando essa tem acesso mais imediato a hospitais e postos de saúde, não deixa de buscar o auxílio de cura e saúde na benzeção (Wedig; Ramos, 2020). Investigar os procedimentos e percursos que perfazem o universo dos benzedeados mostra-se, portanto, uma forma de atribuir visibilidade a esse conhecimento tradicional, bem como discutir de que modo a tradição da benzeção e as práticas de medicina popular contribuem para a transmissão desse ofício e sua presença em determinadas comunidades como sinônimos de promoção de bem-estar e cura (Marin; Scorsolini-Comin, 2017).

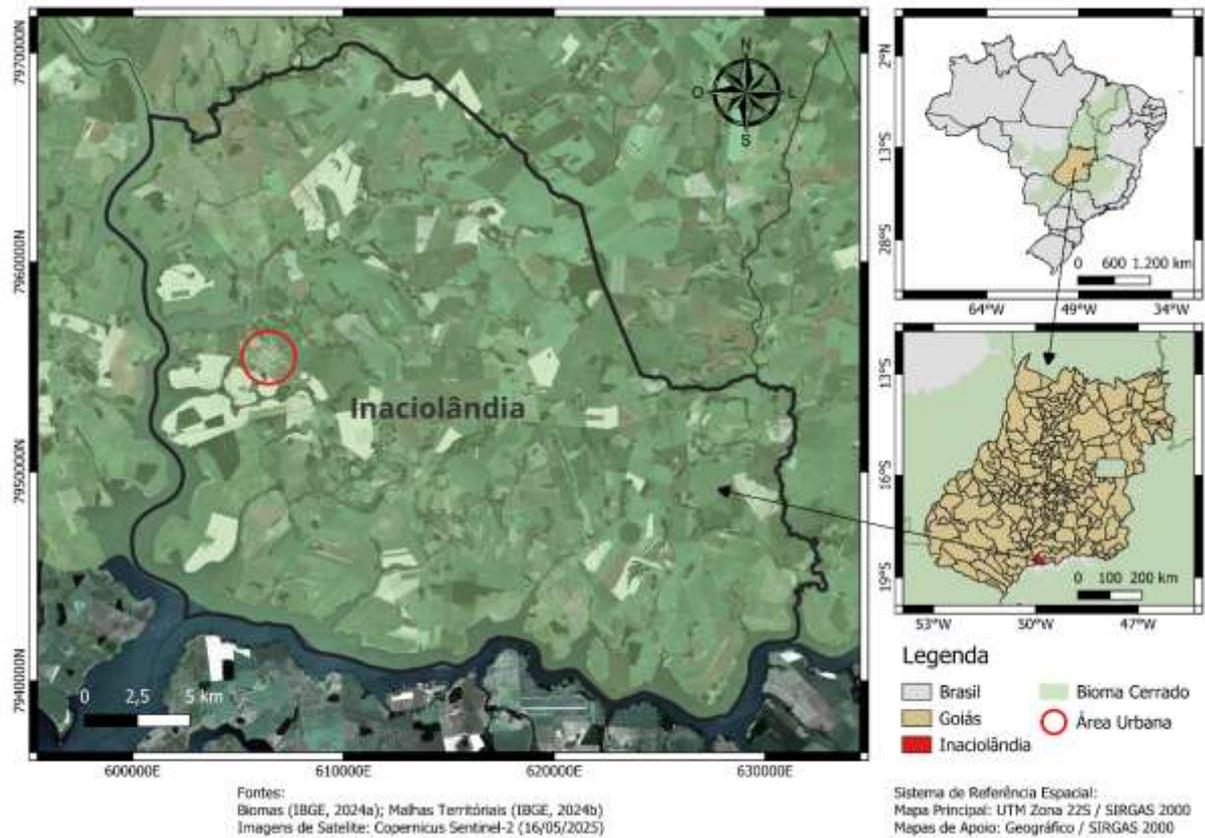
Diante do exposto, esta pesquisa objetivou analisar o perfil dos benzedeados de Inaciolândia, GO, o levantamento das espécies vegetais utilizadas, as enfermidades tratadas, as orações e os gestos que fazem parte da benzeção.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

### **Área de Estudo**

A presente pesquisa foi realizada com benzedeados da área urbana do município de Inaciolândia, uma cidade interiorana localizada no sul do estado de Goiás, Região Centro-Oeste do Brasil (Figura 1). O perímetro urbano se encontra-se a 286 km de Goiânia. Inaciolândia possui uma área de 689,201 km<sup>2</sup> e, em 2022, a população era de 5.954 habitantes (IBGE, 2025). O município está inserido no domínio fitogeográfico do Cerrado, em uma região de intensa pressão antrópica. A exploração agrícola substituiu quase toda vegetação nativa, atualmente ocupada pela monocultura de cana-de-açúcar. Assim, a indústria sucroalcooleira consiste na principal atividade que sustenta a economia local e emprega a maioria dos moradores (observação pessoal).

Figura 1. Mapa da localização do município de Inaciolândia, GO e área de estudo (círculo vermelho)



Fonte: Autor

## Coleta de Dados

A presente pesquisa foi registrada no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen), sob o código A05B94A (Brasil, 2015). A Lei Federal nº 13.123/2015 regulamenta o acesso e a utilização do patrimônio genético brasileiro e do conhecimento tradicional associado (CTA), com o intuito de assegurar a proteção dos direitos das comunidades indígenas, quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais. E, ainda, de acordo com as Resoluções CNS nº 510/2016 e nº 738/2024, pesquisas com seres humanos precisam ser avaliadas pelo sistema CEP/CONEP (Comitês de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) (CNS, 2016, 2024). Assim, esta pesquisa foi realizada sob os preceitos éticos destas resoluções e submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer n. 6.894.011).

O procedimento utilizado para descobrir e localizar os benzedeiros foi a técnica "bola de neve" (Albuquerque et al., 2008), método em que cada participante indica outros possíveis contribuintes. Após ser informado pelo objetivo da pesquisa e afirmando anonimato, o

consentimento dos benzedeiros foi formalizado por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A pesquisa seguiu uma abordagem mista: qualitativa, descritiva e quantitativa, utilizando questionários semiestruturados (Pereira et al., 2018).

Foi aplicado um roteiro de entrevista semiestruturada composto por questões abertas e fechadas (Apêndice 2), voltadas para os benzedeiros da área urbana de Inaciolândia. A entrevista abrangeu amostrar informações relacionadas à condição histórica, econômica, social, religiosa e aos saberes populares dos participantes. Foram amostrados dados como idade, local de nascimento, tempo de residência no município, estado civil, escolaridade, número de filhos e vínculo com a comunidade, bem como formas de retribuição pelos serviços prestados, sejam elas monetárias ou não. No tocante à dimensão religiosa, o roteiro abordou a filiação religiosa, frequência de participação em práticas religiosas, mudanças de religião ao longo da vida e a relação entre práticas religiosas e os conhecimentos tradicionais. A entrevista também incluiu questões sobre a aprendizagem do ofício (quem ensinou, com que idade, em que cidades já atuou), percepção da procura pelos seus serviços entre diferentes classes sociais e religiões, sentimentos durante os rituais, perseguições sofridas, transmissão do saber, entre outros. A respeito da benzeção investigou-se o conhecimento sobre outros praticantes, tipos de doenças tratadas, plantas utilizadas, gestos e orações durante a prática.

Com a autorização e presença dos participantes, amostras das plantas usadas na benzeção foram coletadas apenas de espécimes em estágio reprodutivo. A herborização do material coletado seguiu a metodologia usual. As angiospermas foram classificadas de acordo com o APG IV (2016). A identificação das espécies foi realizada mediante consulta de literatura específica, sendo a principal fonte Lorenzi e Matos (2008). O material botânico foi depositado no acervo do Herbário José Ângelo Rizzo (JAR) da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Os dados de distribuição geográfica, endemismo, *status* de conservação e nomenclatura científica foram obtidos através de consultas individuais de cada espécie no endereço eletrônico <http://www.floradobrasil.jbrj.gov.br/> (Flora e Funga do Brasil, 2025). Para as espécies exóticas foram utilizadas as informações do Missouri Botanical Garden (MOBOT, 2025).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No presente trabalho foram entrevistados três mulheres e dois homens benzedeiros de Inaciolândia (Quadro 1). A predominância feminina na prática da benzeção pode ser compreendida à luz do papel historicamente atribuído às mulheres no cuidado espiritual e

emocional das comunidades, reforçado por vínculos com a religiosidade popular e práticas de cura simbólica (Ilheo, 2024; Pereira, Maruyama, 2024). Outras pesquisas corroboram o predomínio das mulheres na realização desta atividade, em um processo de feminilização do ofício da benzeção (Moreira; Wolff, 2001; Braga, 2005; Medeiros et al., 2013; Ilheo; Almeida, 2017; Félix; Goulart, 2017; Marin; Scorsolini-Comin, 2017; Nascimento; Silva, 2019; Azevedo; Lemos, 2021; Sousa et al., 2021). Esse resultado também é corroborado por uma revisão sistemática com estudos publicados entre os anos de 1990 a 2020 sobre a oralidade de mulheres benzedeadas (Pereira; Silva; Tenório, 2023).

Quadro 1. Caracterização dos benzedeados de Inaciolândia, GO.

<b>Nome fictício</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Tempo de atuação (anos)</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Religião</b>	<b>Atendimentos por mês</b>
Nena	79	36	Ensino Médio	viúva	católica	20
Chica	78	50	Analfabeta	viúva	católica	84
Maria	73	54	Analfabeta	viúva	católica	84
José	75	54	Analfabeto	casado	católico	720
Pedro	42	25	Ensino Superior	amasiado	umbandista	80

Fonte: os autores

A faixa etária dos benzedeados identifica-se uma predominância entre as mulheres, o tempo de atuação na benzeção são elevados (Quadro 1). Eles possuem grande parte de suas vidas dedicada à prática da benzeção. As pesquisas sobre a tradição da benzeção tem demonstrado que ela está fortemente ancorada em gerações mais velhas (Medeiros et al., 2013; Félix; Goulart, 2017; Marin; Scorsolini-Comin, 2017; Nascimento; Silva, 2019; Azevedo; Lemos, 2021; Sousa et al., 2021; Sousa; Monteiro, 2023), o que representa um processo de descontinuidade. A escassez de jovens praticantes indica que esse saber ancestral está em risco de desaparecer, caso não sejam adotadas estratégias de valorização e transmissão intergeracional (Sousa et al., 2021). Assim, a benzeção, enquanto manifestação cultural e espiritual, encontra-se ameaçada pela falta de sucessores que deem continuidade a esse legado. Além disso, está diminuindo o número de pessoas que buscam a cura por esses especialistas, dando preferência pelos profissionais das unidades básicas de tratamento (Pereira; Maruyama, 2024).

Dentre os benzedeados de Inaciolândia houve uma variação no nível de escolaridade, desde o analfabetismo, o qual foi predominante, até o Ensino Superior (Quadro 1). Essa variação no nível de escolaridade pelos benzedeados também foi encontrada por Ilheo (2024).

Entretanto, o que se repete nas pesquisas com benzedeiros é a pouca escolaridade (Medeiros et al., 2013; Félix; Goulart, 2017; Marin; Scorsolini-Comin, 2017; Nascimento; Silva, 2019).

Entre os cinco benzedeiros quatro se identificaram pertencentes à religião Católica que frequentam a igreja e um umbandista que se declarou como chefe religioso da mesma religião (Quadro 1). O predomínio do catolicismo entre as religiões dos benzedeiros é corroborado por outras pesquisas, assim como o fato de todos os benzedeiros possuírem um vínculo com algum tipo de crença ou religião (Félix; Goulart, 2017; Nascimento; Silva, 2019; Azevedo; Lemos, 2021; Sousa et al., 2021; Bernardes, 2023; Sousa; Monteiro, 2023). A influência religiosa na prática da benzeção é uma junção da pajelança indígena, dos cultos afros, do catolicismo lusitano e do conhecimento popular obtido através da vida cotidiana. Essa junção propicia aos benzedeiros um recurso para a cura de enfermidade e para as necessidades religiosas do indivíduo (Pimentel; Silva, 2022; Pereira; Maruyama, 2024). Em uma pesquisa com benzedeadas de Quirinópolis, município que dista cerca de 50 km de Inaciolândia, constatou-se que as práticas que permeiam o cotidiano das benzedeadas estão arraigadas à tessitura da cultura, da medicina e do catolicismo populares. Nessa vertente, da cultura oficial emerge a cultura popular e, de ambas, insurgem a religião e as diversas manifestações religiosas, incluindo aqui a religiosidade popular, da qual vão decorrer tanto o catolicismo quanto a medicina popular (Azevedo; Lemos, 2021).

A maioria dos benzedeiros é de religião católica e pratica suas orações invocando o nome de Jesus Cristo e outros santos (Sousa et al., 2021). Geralmente os benzedeiros agem isoladamente, inclusive da Igreja Católica, nunca em conjunto ou congregação, o que lhes assegura certa autonomia ritual e religiosa. Com isso, a afinidade entre as práticas das benzedeadas e o catolicismo, culturalmente popular, é intrínseca e está imbuída no cotidiano desde as primeiras manifestações humanas no mundo (Azevedo; Lemos, 2021), assim como o uso de plantas.

No catolicismo o uso de plantas está presente na ornamentação do altar e na composição de óleos litúrgicos. O óleo litúrgico, utilizado em vários sacramentos, é tradicionalmente composto por azeite de oliva e, no caso do Santo Crisma, também por bálsamo. Os óleos litúrgicos são símbolos de paz, alimento, suavidade, alegria, saúde e força. Eles representam a ação do Espírito Santo nos sacramentos, conferindo cura, fortaleza e graça aos fiéis.

Além disso, o uso de plantas está presente de forma marcante em alguns momentos no calendário oficial católico. Entre eles, está o Domingo de Ramos, momento em que se dá o início da Semana Santa, no domingo que antecede a Páscoa. O Domingo de Ramos e os fiéis levam para a missa ramos, principalmente com folhas de palmeiras. Essa data celebra a entrada

de Jesus em Jerusalém, momento em que o povo usou ramos para saudar Jesus como um rei. Assim, os fiéis simbolizam o povo durante a missa do Domingo de Ramos levando algum tipo de folhas grandes e alongadas, imitando a saudação feita pelo povo a Jesus. Na tradição católica os fiéis e os galhos de plantas são benzidos pelo Padre durante a cerimônia do Domingo de Ramos. Parte desses ramos, são desidratados e queimados, o que resulta no material para ser usado na celebração da Quarta Feira de Cinzas da semana santa do ano seguinte (Ilheo, 2024). Alguns fiéis levam para casa os ramos das plantas e estas se tornam amuletos que os protegem até o mesmo período do próximo ano.

Outro uso de plantas em rituais pela igreja católica está na defumação. Na igreja católica, a defumação, utilizando incenso, é um rito litúrgico com significado simbólico profundo. O incenso purifica os espaços e objetos sagrados, assim como aqueles que são incensados, como o altar, as relíquias, os objetos sagrados e até mesmo os fiéis. O incenso é usado em vários momentos da missa, como na procissão de entrada, na incensação do altar, do Evangelho, das oferendas, e na elevação da hóstia e do cálice após a consagração. A defumação na Igreja Católica é um rito rico em simbolismo, que eleva as orações, purifica e cria uma atmosfera de reverência e conexão com o divino. O incenso usado na defumação pela igreja Católica é feito principalmente de resinas aromáticas, como olíbano e mirra (*Tetradenia riparia*), que podem ser misturadas com outras substâncias naturais para criar fragrâncias específicas. Essas resinas são queimadas em um turíbulo, um recipiente metálico suspenso por correntes, sobre brasas de carvão.

Muitos benzedeiros utilizam ramo de plantas na benzeção, o que simboliza a passagem de Jesus Cristo no monte das Oliveiras, e, portanto, a planta conecta com o sagrado (Pereira; Maruyama, 2024). Há, ainda, o mito da árvore primordial que se repete na oliveira para Israel, na árvore da vida para o Éden e está presente no tipo de ramo utilizado no chá ou benzedura (Azevedo; Lemos, 2021). Percebe-se, assim, que o uso de plantas, neste contexto, associado à benzedura, transcende a religião católica, predominante entre os benzedeiros de Inaciolândia, estando o seu uso imbuído em ações terapêuticas incluídas no domínio da medicina popular.

Na benzeção as plantas são empunhadas e correlacionadas às ações curativas, direcionando suas capacidades de puxar os diferentes males (Ilheo, 2022). Isto está presente no ato popular entre os brasileiros quanto ao plantio de espécies como espada-de-são-jorge e espada-de-santa-bárbara (*Sanseveria* spp.) para servir de proteção de locais de trabalho ou residências, neutralizando qualquer força que possa causar malefícios, haja vista que as plantas atraem para si esses malefícios. Dessa forma, as plantas servem de forma geral para curar alguns problemas que se alojam no corpo com o propósito de atraí-los para fora dele; ao puxar para si,

acabam com a situação de sofrimento desse corpo. Isso explica o uso das plantas, haja vista que elas podem potencializar o ritual de benzimento, trabalhando junto com as palavras e os gestos de quem benze. Após a benzeção, para que o problema não volte faz-se necessário encerrar o ritual jogando as plantas em água corrente ou então as queimando e deixando as cinzas ao vento. Feito isso, o ciclo da enfermidade tratada na benzeção se torna o mesmo que o da planta. Para a benzeção serve qualquer galho ou ramo de planta recém-colhido (Ilheo, 2024), embora, os benzedeiros façam uso de algumas espécies específicas de acordo com a enfermidade a ser tratada, como veremos mais adiante.

Merece destacar que, em alguns casos, como ocorre em Inaciolândia, os benzedeiros acumulam ainda o ofício de raizeiro, devido aos seus conhecimentos inerentes ao uso das plantas no tratamento de diversas enfermidades (Ilheo, 2022).

O perfil dos benzedeiros de Inaciolândia é corroborado por uma revisão sistemática com estudos publicados entre os anos de 1990 a 2020, na qual predominam mulheres mais velhas, variando entre os 39 e 91 anos de idade, com baixos níveis de escolaridade, pertencentes à religião católica, em sua maioria (Pereira; Silva; Tenório, 2023).

A maior parte dos benzedeiros tem origem nordestina. A cultura da benzeção já era praticada há muito tempo pelos povos originários do Brasil, como os indígenas. No entanto, com a chegada dos portugueses e o início da escravidão de povos africanos, essa tradição se expandiu entre os escravos, que não tinham acesso aos cuidados de saúde da época. Diante dessa realidade, recorreram ao uso de plantas medicinais e rituais religiosos em busca de cura e proteção. Essas práticas tiveram suas origens iniciadas no Nordeste e difundidas por todo Brasil, junto com as tradições e costumes (Mendes; Cavas, 2018).

Quando questionados sobre o início de seu aprendizado, os entrevistados (as) disseram ter iniciado as práticas ainda jovens. A prática de benzer se dá desde a infância, período em que a criança aprende com seus pais ou avós o ato de benzer. A oralidade é o meio de propagação das orações e dos rituais realizados pelos benzedeiros em suas benzeduras. Desde jovem, ou quando de sua iniciação, o aprendiz em formação tem a tarefa de memorizar as rezas e ritos com a anciã ou ancião que lhe “escolhe” para sucedê-lo por afinidade. Escolhe no sentido de que a anciã sente aproximar-se a idade avançada e perder algum tipo de energia e transmite seus conhecimentos ao parente ou pessoa próxima que demonstra interesse em aprender tais ensinamentos. A esse é denominado de “escolhido”. O escolhido, muitas vezes, é aquela criança que imita o ato de benzer em suas brincadeiras e à medida que vai crescendo, vai aprendendo com os mais velhos. Sobre este tema, na pesquisa de Lima (2020), os benzedeiros não têm uma

única fonte de aprendizagem. Eles buscam nos benzedeiros mais experientes sua fonte de inspiração e de conhecimentos. Nas palavras do autor:

a aprendizagem do ofício de benzeção não vem de uma única fonte, ou seja, uma única mestra com quem as rezas e jaculatórias para curar ao mesmo tempo. Tal percepção nos leva a supor que a aprendizagem é um processo lento e gradual, jamais acabado. Isso porque a benzeção, como qualquer outra prática cultural, está em constante renovação e transformação, fazendo com que estas terapeutas acrescentem novas rezas ou jaculatórias ao seu “acervo de benzimento” ao longo do tempo (Lima, 2020).

Nesse sentido, cada benzedor tem um ponto de vista, em relação à prática com um propósito diferente. O que vai influenciar essa visão é a comunidade que ela está inserida. Alguns veem as rezas como uma missão de vida, que lhes foi atribuída com intuito de auxiliar as pessoas que necessitam de sua ajuda, essa visão também tem influência da religiosidade do benzedor. Outros tem o conhecimento da prática, no entanto, não exercem devido ao preconceito, ou se escondem atendendo apenas de forma seletiva os clientes para que não se propague a notícia o identificando como benzedor. O enfrentamento do preconceito na prática existe desde a inquisição da Igreja, que via as rezas como algo profano, porém, ele ainda persiste em dias atuais, não só na Igreja Católica, mas também em religiões protestantes que pregam que tais ritos são manifestações do mal e que prejudicam as pessoas.

A análise dos atendimentos mensais realizados pelos benzedeiros (Quadro 1) evidencia uma expressiva heterogeneidade na quantidade de pessoas assistidas, variando de 20 até 720 atendimentos mensais. Essa discrepância pode estar relacionada a fatores como a idade, o tempo de atuação, a reputação construída na comunidade e a disponibilidade de cada benzedor para exercer a prática (Azevedo, 2015). Observa-se que, embora alguns mantenham uma atuação mais restrita, outros chegam a atender centenas de pessoas, o que indica tanto a alta demanda social por esse tipo de cuidado quanto a centralidade de certos indivíduos na manutenção dessa tradição. Tais diferenças quantitativas reforçam que a prática da benzeção não é uniforme, mas responde a dinâmicas próprias de cada contexto, podendo refletir tanto a procura comunitária quanto o papel de liderança espiritual desempenhado por alguns benzedeiros (Dias et al., 2017).

Para entender melhor quais plantas são as mais utilizadas durante os rituais de benzeção, foi questionado aos benzedeiros quais são as principais plantas envolvidas nessa prática. Foram citadas 10 espécies distribuídas em oito famílias e 10 gêneros (Quadro 2). Muitos dos estudos etnobotânicos associados à benzeção são citados apenas nomes vulgares (etnoespécie) e não abrangem a coleta de material testemunho e inserção no acervo de um herbário. Isso dificulta a

possibilidade de comparar com acurácia se são as mesmas espécies amostradas no presente estudo.

Todos os benzedeiros mencionaram fazer uso de qualquer ramo verde, sem especificar nenhum táxon, para benzer contra as enfermidades mal olhado, quebranto, olho gordo, dores na coluna e espinhela caída. O ramo verde abrange as folhas e parte dos galhos jovens. Logo, a parte da planta mais usada na benzeção foram as folhas e galhos jovens (Quadro 2), aspecto favorável para manutenção da planta, haja vista que a retirada apenas de ramos não leva o indivíduo à morte.

O uso de um ramo verde, sem definição de uma espécie está presente em outras pesquisas (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012; Nascimento; Silva, 2019; Azevedo; Lemos, 2021). Os benzedeiros utilizam os símbolos da cultura, valem-se daquilo que é vivenciado e expressam o sentido religioso. O uso do ramo verde na benzeção é uma prática cultural e religiosa que envolve fé, crenças e simbolismos. O ramo verde é usado para afastar energias negativas, promover a limpeza espiritual e até mesmo para auxiliar na cura de males físicos,

Quadro 2 – Lista e caracterização das espécies de plantas (organizadas em ordem alfabética por família) que foram citadas pelos benzedeiros de Inaciolândia, GO. Origem: cult = cultivada; n = nativa; natu = naturalizada. Domínio fitogeográfico: A = Amazônia; Ca = Caatinga; Ce = Cerrado; MA = Mata Atlântica; Pa = Pampa; Pn = Pantanal. *Status* de Conservação: NE = não avaliado; LC = pouco preocupante.

Família	Espécie	Nome vulgar	origem	Domínios fitogeográficos	Status de conservação	Voucher	Nº de citação	Parte da planta usada	Enfermidade tratada na benção	Oração associada	Gesto feito durante a benção
-	Qualquer ramo verde	-	-	-	-	-	5	folhas e galhos jovens	mau-olhado, quebranto, olho gordo, dor na coluna e espinhela caída	Pai-Nosso; Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus, Divino Pai Eterno, a São José, a Santo Antônio, orações espontâneas e ou advindas de vozes	sinal da cruz, sinal da cruz na cabeça testa e estômago, sacudimento para retirar o mal e limpar o corpo da pessoa.
Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	mentruz, erva-de-santa-maria	natu	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	1	3	folhas e galhos jovens	mau-olhado, quebranto, olho gordo	Pai-Nosso; Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus, Divino Pai Eterno, a São José, a Santo Antônio	sinal da cruz, sinal da cruz na cabeça testa e estômago
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	mangueira	cult				2	folhas e galhos jovens	males gerais do corpo e da alma	orações espontâneas	sacudimento

Asteraceae	<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	carqueja	n	Ca, Ce, MA, Pa	NE		1	folhas	mau-olhado, quebranto, olho gordo	orações advindas de vozes	sinal da cruz pelo corpo
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	arnica	n	Ca, Ce, MA, Pa	NE	5	1	folhas	mau-olhado, quebranto, olho gordo	Pai-Nosso; Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus	sinal da cruz pelo corpo
Bignoniaceae	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	vassoura-de-santo-antonio, crajiru, pariri	n	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	20	1	folhas e galhos jovens	mau-olhado, quebranto, vento virado em crianças	Pai-Nosso; Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus	sinal da cruz pelo corpo.
Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-de-purga, pinhão-roxo	n	A, Ca, Ce, MA	NE	27	1	folhas e galhos jovens	males do corpo e da alma	orações espontâneas	sacudimento
Lamiaceae	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	catinga-mulata, macassá	cult			15	1	folhas e galhos jovens	mau-olhado, quebranto, vento virado em crianças	Pai-Nosso; Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus	sinal da cruz pelo corpo
Rutaceae	<i>Citrus ×limon</i> (L.) Osbeck	limão	cult		NE		2	folhas e galhos jovens	males do corpo e da alma, mau-olhado, quebranto	Divino Pai Eterno, a São José, a Santo Antônio, orações espontâneas	sacudimento, sinal da cruz pelo corpo
	<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	cult		NE		4	folhas e galhos jovens	mau-olhado, quebranto, olho gordo, dor na coluna, espinhela caída	Divino Pai Eterno, a São José, a Santo Antônio, orações	sinal da cruz, sinal da cruz na cabeça testa e estômago, sacudimento

										espontâneas e ou advindas de vozes	para retirar o mal e limpar o corpo da pessoa
Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	açafrão	cult				1	folhas	mau-olhado, quebranto	orações advindas de vozes	sinal da cruz na cabeça testa e estômago

como feridas ou dores. A cor verde e o fato de ser um ramo vivo representam a renovação da vida e a capacidade de cura.

O ramo verde pode ser usado para fazer o sinal da cruz no corpo da pessoa que está sendo benzida, enquanto se rezam orações específicas. Em algumas benzeduras, como no cobreiro e erisipela, o ramo verde, muitas vezes acompanhado de uma faca, simboliza o corte da doença e do mal (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012). Em casos de mau-olhado, o ramo verde pode ser usado para benzer a pessoa, e em algumas práticas, o ramo é descartado em local separado, simbolizando a transferência do mal para o ramo, que então seca e com ele a doença. Assim, nas narrativas de alguns benzedeiros, para benzer de mau-olhado, usa-se um ramo verde e faz a oração debaixo de uma árvore (Silva, 2012).

Entre as espécies usadas na benzeção cinco são cultivadas (mangueira, catinga-mulata, limão, arruda e açafraão), quatro são nativas (arnica, carqueja, pariri e pinhão-roxo) e uma é naturalizada (erva-de-santa-maria). As nativas e a naturalizada possuem ampla distribuição no Brasil e nenhuma possui o *status* de conservação avaliado (Quadro 2). Nos relatos feitos pelos benzedeiros de Inaciolândia, a aplicação terapêutica das plantas, na cura de vários tipos de enfermidades do corpo e espírito, é evidente e demonstra, assim, uma relevância místico-cultural e uma estreita ligação entre os seres humanos e as plantas exóticas, nativas e naturalizada.

A espécie mais citada para uso na benzeção entre os benzedeiros de Inaciolândia foi a arruda (Quadro 2). Esta espécie é citada em diversas pesquisas para esta prática. A arruda, originária da Europa, pode ser um subarbusto ou arbusto, verde-acinzentado. Apresenta odor forte, principalmente quando são maceradas suas folhas. É comum ser cultivada nos jardins, hortas ou quintais das residências brasileiras. Serve para evitar que a desgraça atinja a casa e seus moradores. Dessa forma, tem alto emprego na medicina popular, através do uso de seus ramos para exorcizar a energia negativa ou ruim. Na benzeção o ramo de arruda é usado para aspergir água na pessoa ou objeto que está sendo benzido, purificando-o pela derrota do mal. As enfermidades tratadas com a arruda abrangem dor de cabeça, cisco no olho, quebranto e mau-olhado. Segundo a fé ou credence popular, as folhas dos ramos usados para benzer murcham porque recebem o malefício que estava no doente (Gomes; Pereira, 1989). O mesmo ocorre com a planta cultivada nas residências quando se recebe uma visita que destina o mau olhado para os moradores da casa. Neste caso, a planta protege os moradores e absorve para si o mau olhado, murchando em seguida.

A arruda está entre as espécies mais usadas pelas benzedeadas de Juruena (MT), sendo preparada macerada na água, em garrafada e chá e indicada para o tratamento de recaída de

mulher, lavar vistas e verminoses (Maciel; Guarim-Neto, 2006). A indicação da arruda geralmente não é para a cura física e, sim, para prevenção de males além-físico. A arruda apresenta cheiro muito forte e é usada em alguns benzimentos para afastar mau-olhado, inveja, ganância e desespero (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012). Os banhos de limpeza ou de descarrego são receitados pelos benzedeiros com o uso de várias ervas, destacando-se entre estas o alecrim (*Rosmarinum officinale* L.), arruda (*Ruta graveolens* L.), guiné (*Petiveria alliacea* L.) e comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta* L.) (Maciel; Guarim-Neto, 2006).

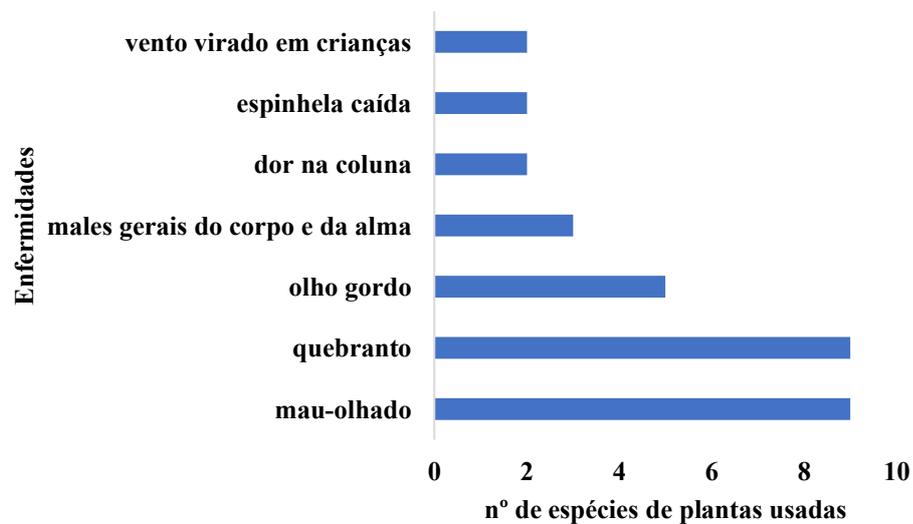
Entre as benzedoiras de Quirinópolis a arruda foi citada tanto sozinha ou em combinação com outras espécies entre as plantas comumente utilizadas para a prática da benzeção: arruda, todo tipo, guiné e arruda, árvore, guiné e mirra, pé-de-perdiz, algodão branco e velasco, qualquer ramo, alecrim, poejo, hortelã e boldo (Azevedo; Lemos, 2021). Nas casas das benzedoiras, mas também em outras residências no Brasil, é comum encontrar um vaso na entrada com plantas, como comigo-ninguém-pode, guiné ou arruda, com a função de proteção do lar, de afastar mau-olhado (Maciel; Guarim-Neto, 2006). Em pesquisa realizada na Zona da Mata de Minas Gerais a arruda foi a mais utilizada pela comunidade, sendo atribuída a esta planta tanto o poder de curar enfermidades, quanto o de proteção contra mau-olhado, bastando, para se proteger, colocar um pequeno ramo atrás da orelha (Lopes; Vasconcellos, 2006).

Houve um maior número de espécies de plantas sendo usadas para o tratamento de mau-olhado e quebranto (ou quebrante) (90%, n = 9, cada) (Figura 2). Os antigos dicionários portugueses definiram quebranto como desfalecimento, prostração, quebramento de corpo. Porém, no Brasil acrescenta-se sempre a influência exterior maléfica do feitiço, do mau-olhado. É o resultado do feitiço pela fascinação, à distância, sem a coisa-feita, o ebó intermediário, a muamba ou mandinga (Lopes; Vasconcellos, 2006; Reis; Couto, 2022). O quebrante é oriundo de uma admiração que uma pessoa apresenta pela outra sobre qualquer aspecto. Tem alta incidência em crianças (embora ocorra também em adultos) devido ao fascínio de que as admira pelas brincadeiras, alegria, inocência, naturalidade, sinceridade e beleza que eles esboçam.

Já o mau-olhado é adquirido quando uma pessoa foi admirada sob os aspectos humanos como beleza, forma física, inteligência, entre outras. O mau-olhado abrange um olhar que mistura admiração, inveja e sentimento ruim de destruir aquelas características positivas contempladas. É algo que é causado pela fixação do olhar por seres humanos que possuem sentimentos negativos (Bernardes, 2023), podendo atingir pessoas de qualquer idade, bem como plantas e animais. Os sintomas do mau-olhado são: sensação de corpo pesado; cansaço extremo; indisposição ou falta de ânimo; sonolência e bocejar frequentemente. Segundo a tradição ou crença o mau-olhado pode debilitar a pessoa de tal forma que, se ela não for benzida,

pode vir a óbito. O benzimento é conduzido com um ramo verde e gestos em forma de cruz sobre a pessoa a ser benzida. Para que a pessoa obtenha cura a benzeção deve ser repetida três vezes, durante três dias. As orações normalmente durante a benzeção do mau-olhado incluem o Pai Nosso e as Ave-Marias. Existem relatos de que as benzedeiros conseguem saber se foi homem ou mulher quem lançou o mau-olhado. Isso é possível quando ocorre um erro na pronúncia da oração. Se acontecer no Pai Nosso foi homem e se for na Ave-Maria mulher (Pimentel; Silva, 2022).

Figura 2. Número de espécies de plantas citadas pelos benzedeiros de Inaciolândia, GO, de acordo com as enfermidades



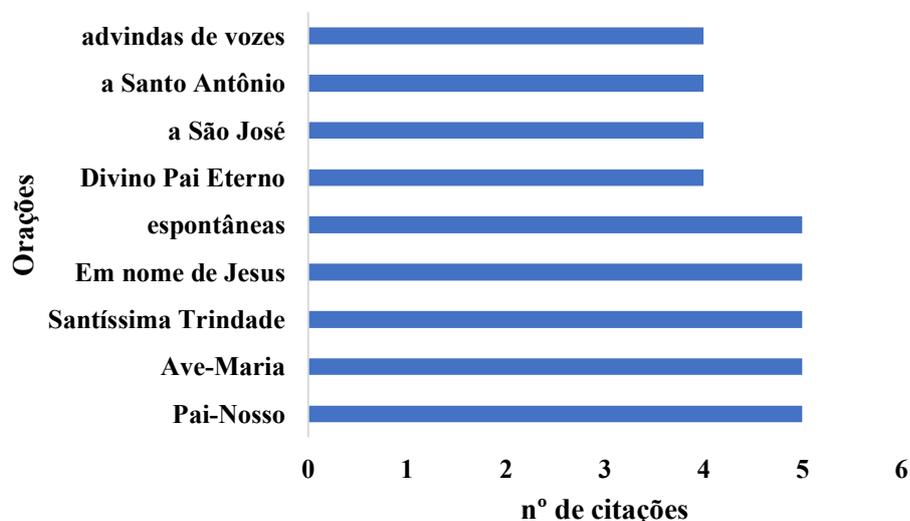
O quebranto e o mau-olhado também foram as enfermidades mais tratadas por benzedeiros em outras pesquisas (Lopes; Vasconcellos, 2006; Maciel; Guarim-Neto, 2006; Medeiros et al., 2013; Félix; Goulart, 2017; Azevedo; Lemos, 2021; Pimentel; Silva, 2022; Bernardes, 2023; Pereira; Silva; Tenório, 2023; Sousa; Monteiro, 2023). Estas enfermidades são tão relevantes que existem benzedeiros que só tratam quebranto e mau-olhado (Azevedo; Lemos, 2021). Dessa forma, consistem nas enfermidades espirituais mais comuns em crianças, principalmente, em recém-nascidos e bebês, período em que as mães, cuidadoras ou avós procuram muito a prática dos benzedeiros (Medeiros et al., 2013).

A preocupação com estas enfermidades na fase inicial da vida dos bebês é tão grande que existe uma tradição no Brasil das mães vestirem os bebês, ao saírem do hospital, após o nascimento, com vestimenta vermelha para livrá-los do quebranto e mau-olhado. Logo, a alta procura para o tratamento do quebranto e mau-olhado em bebês ou crianças pode explicar a predominância de citações de benzeção e o uso de plantas associadas para estas enfermidades.

Tanto o quebranto quanto o mau-olhado a criança e ou bebê fica mais irritada, chorona, birrenta, agitada e ruim para comer e dormir, ou seja, com suas rotinas cotidianas alteradas. Essas enfermidades ocorrem porque alguém colocou um olho ruim sobre a criança ou admirou demais a beleza da criança (no caso dos pais, avôs, entre outros parentes). Logo, estas enfermidades podem ser causadas por uma pessoa desconhecida ou algum parente, como os pais. A crença é de que quanto maior o grau de parentesco, pior é, no caso do quebranto (Lopes; Vasconcellos, 2006).

Os benzedeiros de Inaciolândia citaram nove orações para a prática da benzeção (Quadro 2; Figura 3). Todas as orações citadas são fortemente concebidas pelo catolicismo. As orações que mais estiveram presentes durante a benzeção foram Pai-Nosso, Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus e espontâneas (Figura 3). A essência da benzeção é a cura concebida pela palavra, oração, na qual os benzedeiros atuam como intermediários entre Deus e aquele que busca a recuperação da saúde (Reis; Couto, 2022). As orações geralmente são constituídas pela seguinte composição: louvação, solicitação/pedido e agradecimento (Travaglia, 2007). De acordo com uma benzedeira de Uberlândia “*para cada mal existe uma reza própria, mas todas devem ter o Pai Nosso e a Ave Maria. Para ser um bom benzedor, ela ensina, além do dom, do poder dado por Deus, é preciso ter muita fé e religiosidade. Deve-se rezar todo dia e crer muito em Deus*” (Nery, 2006).

Figura 3. Número de citações das orações conduzidas pelos benzedeiros de Inaciolândia, GO, durante a benzeção



A oração do Pai-Nosso esteve presente em todas as benzeções em estudo realizado com benzedeiros de Patrocínio, MG. Entre esses benzedeiros, a prática da benzeção acontece na

esfera religiosa, eminentemente católica. A maioria dos benzedeiros assumiu-se como católica, o que foi confirmado por suas preces empreendidas, cujos teores são próprios da religião católica, tais como as orações da Ave-Maria e do Credo e da invocação dos santos (Félix; Goulart, 2017). Nas Benzeções é usual rezar o Pai-Nosso, Creio em Deus Pai, Ave-Maria, Salve Rainha, A Estrela do Céu, os Sete Matrimônios, entre outras orações. Pode-se, ainda, rezar o terço mediante necessidade apresentada pela situação (Calheiros, 2018).

A oração em nome de Jesus é o reconhecimento dos benzedeiros pelo poder do nome de Jesus, alinhando a prática da benzeção com a vontade de Deus, e não apenas adicionando a frase "em nome de Jesus" ao final de uma oração. Isso implica pedir com fé e confiança na autoridade e nos méritos de Jesus, buscando a vontade de Deus e a sua glória, e não apenas satisfazer desejos pessoais. Na benzeção em nome de Jesus, os benzedeiros buscam a intercessão e o apoio de Cristo, cujos méritos e sacrifício são reconhecidos.

Entre as orações citadas pelos benzedeiros de Inaciolândia estão duas menos conhecidas. A oração a São José que diz:

“São José, esposo da Virgem Maria, rogai por nós. Ó glorioso São José, a quem foi dado o poder de tornar possíveis as coisas humanamente impossíveis, vinde em nosso auxílio nas dificuldades em que nos achamos. Tomai sob a vossa proteção a causa que vos confiamos, para que tenha uma solução favorável”;

e a Santo Antônio:

“Glorioso Santo Antônio, que espalhais ternura e bondade, olha por mim. Peço-te, com fervor, por [nome da pessoa] que está doente. Suplico-te que obtenhas o dom da cura ou, pelo menos, que sejam aliviados os seus sofrimentos e que ela tenha a força de oferecê-los a Deus, em união com a Paixão de Cristo. Tu, que na tua vida terrena foste amigo dos que sofrem, fica a nosso lado com tua proteção, consola o nosso coração e faze que nossos sofrimentos sejam fonte de merecimento para a vida eterna. Amém”.

Os santos são considerados pessoas que viveram à parte das pessoas comuns e das vivências profanas. Assim, dissociados da materialidade física, para o universo cristão. Os santos são compreendidos como mediadores, ou seja, por meio deles é possível alcançar graças junto a Deus, nesse caso, a cura.

No ritual da benzeção estão presentes, além das orações e uso de objetos como algum ramo verde, os gestos corporais dos benzedeiros. Entre os 11 tipos de plantas citadas pelos benzedeiros de Inaciolândia de acordo com a enfermidade do corpo e espírito a ser tratada, eles citaram dois gestos para a realização da benzeção: sinal da cruz (81,82%, n = 9) e sacudimento

do corpo do enfermo (45,45%, n = 5) (Quadro 2). O sinal da cruz é um gesto ritual, principalmente entre os cristãos, que simboliza a fé em Jesus Cristo e a crença na Santíssima Trindade. É feito traçando uma cruz no corpo, geralmente da testa ao peito e do ombro esquerdo ao direito, acompanhado pela invocação "Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo". Ao fazer o sinal da cruz a mão na testa representa o céu e a sabedoria divina; no peito simboliza o coração de Jesus e o amor infinito de Deus; nos ombros (do esquerdo ao direito) o poder de Deus e o Espírito Santo. A cruz em si representa o sacrifício de Jesus Cristo na cruz, que é a base da fé cristã e da salvação. O sinal da cruz é a invocação da Santíssima Trindade. A invocação "Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" reconhece a unidade e a trindade de Deus. É usual entre os cristãos fazer o sinal da cruz como um ato de proteção divina contra perigos e males.

A maioria dos benzedeiros faz o sinal da cruz com o ramo empunhado e tocando, com ele, o enfermo. A benção geralmente tem início com o gesto do benzedeiro fazendo o sinal da cruz, e, em seguida, realizando as orações junto enfermo (Calheiros, 2018). Tais gestos podem ocorrer de cima para baixo realizando um único sinal da cruz repetidas vezes ou vários sinais da cruz em várias partes do corpo numa sintonia entre as rezas e o que se quer curar por meio da benção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram entrevistados cinco benzedeiros em Inaciolândia, GO, com predomínio de mulheres no ofício, faixa etária alta, baixa escolaridade, de origem nordestina e católica. Os benzedeiros iniciaram a prática da benção ainda jovens e possuem grande parte das suas vidas dedicada ao ofício de curar as pessoas.

Entre as 10 espécies usadas na benção, cinco são cultivadas (mangueira, catinga-mulata, limão, arruda e açafraão), quatro são nativas (arnica, carqueja, pariri e pinhão-roxo) e uma é naturalizada (erva-de-santa-maria). A aplicação terapêutica das plantas, na cura de vários tipos de enfermidades do corpo e espírito, é evidente e demonstra, assim, uma relevância místico-cultural e uma estreita ligação entre os benzedeiros de Inaciolândia e as plantas exóticas, nativas e naturalizada. A planta mais citada para uso na benção foi a arruda, resultado corroborado por diversas pesquisas que investigam esse tipo de uso.

Todos os benzedeiros mencionaram fazer uso de qualquer ramo verde, sem especificar nenhum táxon, para benzer contra as enfermidades mal olhado, quebranto, olho gordo, dores na coluna e espinhela caída. O ramo verde abrange as folhas e parte dos galhos jovens, aspecto

favorável para manutenção da planta, haja vista que a retirada apenas de ramos não leva o indivíduo à morte.

Houve um maior número de espécies de plantas, citadas pelos benzedeiros, sendo usadas para o tratamento de mau-olhado e quebranto. A alta procura para o tratamento do quebranto e mau-olhado em bebês ou crianças pode explicar a predominância de citações de benzeção e o uso de plantas associadas para estas enfermidades.

Os benzedeiros de Inaciolândia citaram nove orações usadas nas suas práticas de benzeção, todas fortemente concebidas pelo catolicismo. As orações mais citadas para o tratamento das enfermidades do corpo e espírito foram Pai-Nosso, Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus e orações espontâneas, sendo o principal gesto corporal nas benzeções o sinal da cruz.

Por fim, a benzeção, enquanto manifestação cultural e espiritual, encontra-se ameaçada pela falta de sucessores que deem continuidade a esse legado. Logo, espera-se que esta pesquisa possa, de alguma forma, ampliar a valoração desses detentores do conhecimento tradicional, além de despertar e sensibilizar as pessoas para a perpetuação da prática da benzeção. Existem problemas de saúde, física e existencial que afligem a todos, e, somente a sabedoria dos benzedeiros é capaz de ouvir, entender, rezar e remediar.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; ALENCAR, N. L. **Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos**. 2.ed. Recife: Comunigraf Editora. 2008.

APG (Angiosperm Phylogeny Group) IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, n. 1, p. 1-20, 2016.

AZEVEDO, G. X. de. A Geografia das benzedeadas no município de Quirinópolis, Goiás. **Revista Mirante**, v. 8, n. 2, p. 67-78, 2015.

AZEVEDO, G. X. de; LEMOS, C. T. Um olhar sobre as benzedeadas do município de Quirinópolis: entre a cultura, a religião e a medicina popular. **Estudos de Religião**, v. 35, n. 3, p. 115-152, 2021.

BERNARDES, M. E. No liminar dos mundos: religiosidades, representações e vivências no catolicismo popular em Caldas, Sul das Minas Gerais. **Temáticas**, v. 31, n. 61, p. 50-80, 2023.

BRAGA, G. G. A fotografia no imaginário das benzedeadas de Campo Largo. **Discursos Fotográficos**, v. 1, n. 1, p. 253-280, 2005.

BRASIL. Lei 13.123, de 20 de maio de 2015. Brasília, DF: Diário Oficial da União. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13123.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13123.htm). Acesso em: 02 nov. 2023.

CALHEIROS, K. R. J. M. A cura através da fé: um olhar sobre as benzedeadas/rezadeiras alagoanas. **Revista Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável**, v. 9, n. 2, 2018.

CSN (Conselho Nacional de Saúde). Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acessado em: ago 2023.

CSN (Conselho Nacional de Saúde). Resolução nº 738, de 01 de fevereiro de 2024. Dispõe sobre o uso de bancos de dados com finalidade de pesquisa científica envolvendo seres humanos. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2024/resolucao-no-738.pdf>. Acesso em: 23 jan 2025.

DIAS, V. F.; ALMEIDA, S. A.; SILVA, A. M.; MORAIS, A. M. D.; HONDA, R. R. Saberes e Fazeres Quilombolas da Comunidade Kalunga do Prata Goiás: As benzedeadas, seus benzimentos e suas contribuições para a educação do campo. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 2, 2017.

FACHEL, J. F. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1995.

FÉLIX, R. L.; GOULART, C. O gênero oral benzeção: análise e caracterização no contexto contemporâneo. **Revista Olhares & Trilhas**, v. 19, n. 2, p. 315-346, 2017.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

GOMES, N. P. M.; PEREIRA, E. A. Assim se benze em Minas Gerais. Juiz de Fora: Mazza/EDUFJF. 1989. 408p.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 2025. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/inaciolandia/panorama>. Acesso em 08 jul. 2025.

ILHEO, M. C.; ALMEIDA, R. R. M. Senhoras do sagrado, médicas do povo: a atuação das benzedeadas em Campestre (MG). **Revista de Educação e Complexidade**, v. 5, p. 109-130, 2017.

ILHEO, M. C. **Benzimento em movimento: materialidade, bênçãos e curas no sul de Minas Gerais**. Coleção Cadernos de Folclore, volume 28. São José dos Campos: Centro de Estudos da Cultura Popular / Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 2022.

ILHEO, M. C. Nas encruzilhadas do saber: o poder das plantas e sua presença na medicina popular sul-mineira. **Temáticas**, v. 32, n. 63, p. 220-256, 2024.

LAPLANTINE, F.; RABEYRON, P. **Medicinas paralelas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

LIMA, I. S. **Benzedeadas-fé e cura no sertão: relações entre ciência, espiritualidade e saúde**. São Paulo: Editora Dialética, 2020. 208p.

- LINS, D. A. S. A prática da benzeção em Santa Maria: a sabedoria popular de cura no contexto contemporâneo (1950-2000). **Oficina do Historiador**, p. 931-948, 2014.
- LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. Geografia da infância: territorialidades infantis. **Currículo sem fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 103-127, 2006.
- LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª ed. Nova Odessa, Instituto Plantarum. 2008.
- MACIEL, M. R. A.; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 1, p. 61-77, 2006.
- MARIN, R. C.; SCORSOLINI-COMIN, F. Desfazendo o “mau-olhado”: magia, saúde e desenvolvimento no ofício das benzedeadas. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 37, p. 446-460, 2017.
- MEDEIROS, R. E. G.; NASCIMENTO, E. G. C.; DINIZ, G. M. D.; ALCHIERI, J. C. Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeadas na atenção à saúde da criança. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 4, p. 1339-1357, 2013.
- MENDES, D. S.; CAVAS, C. S. T. Benzedeadas e benzedeados quilombolas-construindo identidades culturais. **Interações (Campo Grande)**, v. 19, p. 3-14, 2018.
- MOBOT (Missouri Botanical Garden). Disponível em: <https://tropicos.org>. Acesso em: 15 out. 2024.
- MOREIRA, N. M.; WOLFF, J. N. Entre águas, galhos e rosários: práticas e experiências das mulheres benzedeadas em Xaxim. **Revista Cadernos do CEOM**, v. 14, n. 13, p. 157-182, 2001.
- MOURA, E. C. D. de. Eu te benzo, eu livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 12, n. 29, 2011.
- NASCIMENTO, L. P. do; SILVA, G. S. da. Patrimônio e Cultura: a arte de benzer em Paracatu. **Humanidades e Tecnologia (FINOM)**, v. 16, n. 1, p. 361-374, 2019.
- NERY, V. C. A. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. **Encontro dos Núcleos de Pesquisas da Intercom**, v. 6, 2006.
- NOGUEIRA, L. C.; Versonito, S. M.; TRISTÃO, B. D. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas—o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. **Élisée-Revista de Geografia da UEG**, v. 1, n. 2, p. 167-182, 2012.
- PEREIRA, A. S.; SHITSUKA, D. M.; PARREIRA, F. J.; SHITSUKA, R. **Metodologia da pesquisa científica**. Ed. UAB/NTE/UFSM. 2018.
- PEREIRA, E. A.; GOMES, N. P. M. Assim se benze em Minas Gerais. Um estudo sobre a cura através da palavra. 2ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.
- PEREIRA, M. R. S.; SILVA, T. G. da; TENÓRIO, I. V. As benzedeadas e suas falas na pesquisa: uma revisão sistemática. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 6, p. 214-225, 2023.

- PEREIRA, S. G.; MARUYAMA, R. R. Saberes tradicionais de benzedeadas e os processos místicos da fé. **Revista de Comunicação Científica**, v. 1, n. 15, p. 33-46, 2024.
- PIMENTEL, J. G. S. O.; SILVA, J. C. As Benzedeadas e a cura pela fé. **Revista Presença Geográfica**, v. 9, n. 3, p. 32-40, 2022.
- REIS, N. P.; COUTO, E. K. N. N. do. Entre Rezas e Benzedeadas: um estudo de fórmulas religiosas sob a perspectiva da análise do discurso. **Revista Educação e Linguagens**, v. 11, n. 21, p. 274-290, 2022.
- SILVA, V. A. G. As Benzedeadas Tradicionais de Curitiba: Identificação e Análises. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 1, n. 1, p. 144-157, 2012.
- SOUSA, M. G. de; MONTEIRO, G. A. Rezas, Crenças e Novenas. **Revista Eletrônica Humana Res**, v. 5, n. 8, p. 293-308, 2023.
- SOUSA, M. C. de; QUEIROZ, G. S.; MORAIS, M. G. G. de; ALBUQUERQUE, L. T. C. de; MALHEIRO, D. R.; OLIVEIRA, C. D. M. de. Cura pela Fé: as Benzedeadas do Cariri Cearense. **ID on Line. Revista De Psicologia**, v.15, n. 54, p. 323–332, 2021.
- SOUZA, L. M. e. O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 435p.
- TRAVAGLIA, L. C. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: **Língua Portuguesa pesquisa e ensino**. v. 2. 1ª ed. São Paulo: EDUC / FAPESP, 2007. p. 97-117.
- WEDIG, J. C.; RAMOS, J. D. D. A colonialidade nas práticas de saúde e as resistências de benzedeadas e mães de santo. **Mediações**, v. 25, n. 2, p. 488-503, 2020.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo central investigar os saberes tradicionais associados ao uso de plantas medicinais por benzedeiros e raizeiros no município de Inaciolândia, Goiás, promovendo uma articulação entre os conhecimentos etnobotânicos, as práticas de cura tradicionais e a importância sociocultural desses agentes comunitários. A estrutura em três capítulos, no formato de artigos científicos, permitiu uma abordagem integrada e aprofundada dos diferentes aspectos do tema, abrangendo desde uma análise da produção científica sobre o uso de plantas medicinais no Cerrado goiano até investigações empíricas sobre os praticantes locais dessas tradições.

No primeiro capítulo, foi realizada uma revisão sistemática da literatura etnobotânica produzida entre 2014 e 2024 sobre plantas medicinais nativas do Cerrado em Goiás. A análise de 19 artigos resultou na catalogação de 180 espécies distribuídas em 140 gêneros e 67 famílias botânicas, com destaque para Fabaceae, Asteraceae e Bignoniaceae. O estudo revelou uma lacuna significativa na cobertura territorial das pesquisas, uma vez que apenas 5,3% dos municípios goianos apresentaram estudos etnobotânicos publicados no período analisado. Este capítulo ressaltou, assim, tanto o potencial etnobotânico do bioma Cerrado quanto a necessidade urgente de ampliar os esforços de documentação e conservação do conhecimento tradicional sobre sua flora medicinal.

O segundo capítulo concentrou-se na caracterização sociocultural e etnobotânica dos raizeiros de Inaciolândia. Foram identificados 39 raizeiros em atividade e documentadas 115 espécies vegetais utilizadas em práticas terapêuticas populares. As categorias mais recorrentes de indicação medicinal incluíram enfermidades do sistema digestivo, inflamatório e dermatológico. Espécies como *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão), *Phyllanthus niruri* (quebra-pedra) e *Brosimum gaudichaudii* (mama-cadela) demonstraram grande importância medicinal local. Observou-se que os raizeiros atuam como guardiões de um conhecimento empírico transmitido oralmente, cuja continuidade encontra-se ameaçada por fatores como o avanço da medicina alopática e o desinteresse das gerações mais jovens.

No terceiro capítulo, a pesquisa centrou-se nos benzedeiros de Inaciolândia, com a identificação de 14 praticantes, em sua maioria mulheres com mais de 60 anos. Suas práticas de cura envolvem predominantemente rezas, gestos ritualísticos e, em alguns casos, a utilização complementar de plantas medicinais. Os dados revelaram a forte dimensão espiritual e simbólica que permeia as práticas de benzeção, as quais estão profundamente vinculadas à identidade cultural e ao sentimento de pertencimento comunitário. Além disso, foram

registradas plantas utilizadas nas benzeções e os tipos de enfermidades mais tratadas, com destaque para doenças espirituais, nervosas e inflamatórias.

A análise conjunta dos três capítulos permite concluir que os saberes e práticas tradicionais relacionados ao uso de plantas medicinais constituem um patrimônio cultural e ecológico de valor inestimável. Os raizeiros e benzedeiros representam agentes fundamentais na manutenção desses saberes, operando na interface entre natureza, cultura e espiritualidade. Contudo, a redução da transmissão intergeracional e a escassez de políticas públicas voltadas à valorização dessas práticas impõem riscos à sua continuidade.

Espera-se que os resultados aqui apresentados contribuam para o reconhecimento institucional dos saberes dos raizeiros e benzedeiros e para o fortalecimento de políticas integrativas entre saúde e meio ambiente.

## APÊNDICE 1

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – BEZENDEIROS

ENTREVISTA Nº \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/24 Entrevistador: José Ferreira Lopes Neto

#### CONDIÇÃO HISTÓRICA

a) Idade?

---

b) Local de nascimento?

---

c) Estado civil? ( ) casado (a) ( ) solteiro (a) ( ) amasio

d) Há Quanto tempo mora em Inaciolândia?

---

e) Qual a sua escolaridade?

---

f) Tem filhos? ( ) Sim / ( ) Não / Quantos filhos?

---

g) Local da entrevista?

---

h) Em qual bairro mora?

---

i) Sua casa é própria? ( ) Sim / ( ) Não

j) Qual a sua relação com a comunidade?

---

k) Possui terreiro em casa?

---

#### CONDIÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL

a) Você teve alguma ocupação fora a manipulação de medicamentos caseiros?

( ) Sim / ( ) Não / Qual?

---

b) Você cobra pelos remédios caseiros que confecciona? ( ) Sim / ( ) Não

---

c) Já recebeu pelos seus serviços de outras formas (presentes, produtos ou serviços)?

---

#### ASPECTOS DA CONDIÇÃO RELIGIOSA

a) Você se considera pertencente a alguma religião?

---

b) Com que frequência participa de sua religião?

---

c) Já participou de outra religião?

---

d) Sua prática está relacionada a alguma religião?

---

e) Como a religião vê essas práticas?

---

### **ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE POPULAR**

a) É devota de algum santo?

---

b) Com quem aprendeu a rezar e a benzer?

---

c) Com quantos anos aprendeu?

---

d) Em quais cidades já benzeu?

---

e) As pessoas que procuram as benzeções são em mais de uma classe social ou de todas?

---

f) O que sente antes, durante e após o cumprimento do ritual?

---

g) Ensina o ofício a outros?

---

h) Já teve alguma forma de perseguição, por ser benzedeira?

---

i) A procura por benzimentos se dá apenas por pessoas de baixa renda?

---

j) É procurada por pessoas de outras religiões?

---

### **ASPECTOS DA MEDICINA POPULAR**

a) Conhece e sabe indicar outros benzedeiros?\_

---

b) Como vê as demais benzedeiros?

---

c) Que tipos de doenças podem ser curadas com a benzeção?

---

d) Quais as doenças mais comuns que lhe chegam?

---

e) Quais as plantas que são utilizadas na benzeção e tratamentos?

---

g) Em quais situações recomenda os remédios caseiros ao invés de benzeção?

---

h) Como vê a medicina formal? E os médicos?

---

i) Existe diferença entre tratamento médico e o realizado pelo (a) benzedeiro (a)?

---

j) Quantas pessoas atende por semana/ mês/ ano?

---

k) Atende mais mulheres ou homens?

---



**APÊNDICE 2****ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – RAIZEIROS ENTREVISTA**

Nº \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /2024

**Entrevistador: José Ferreira Lopes****Neto****CONDIÇÃO HISTÓRICA**a) Idade?  
\_\_\_\_\_b) Local de nascimento?  
\_\_\_\_\_c) Estado civil?  
\_\_\_\_\_d) Há Quanto tempo mora aqui?  
\_\_\_\_\_e) Qual a sua escolaridade?  
\_\_\_\_\_f) Tem filhos? ( ) Sim / ( ) Não / Quantos filhos?  
\_\_\_\_\_g) Local da entrevista?  
\_\_\_\_\_h) Em qual bairro mora?  
\_\_\_\_\_i) Sua casa é própria?  
\_\_\_\_\_j) Qual a sua relação com a comunidade?  
\_\_\_\_\_k) Possui terreiro em casa?  
\_\_\_\_\_**CONDIÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL**a) Você teve alguma ocupação fora a manipulação de medicamentos caseiros? ( ) Sim / ( ) Não / Qual?  
\_\_\_\_\_

b) Você cobra pelos remédios caseiros que confecciona? ( ) Sim / ( ) Não

c) Já recebeu pelos seus serviços de outras formas (presentes, produtos ou serviços)?  
\_\_\_\_\_**ASPECTOS DA CONDIÇÃO RELIGIOSA**a) Você se considera pertencente a alguma religião?  
\_\_\_\_\_b) Sua prática está relacionada a alguma religião?  
\_\_\_\_\_

**ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE POPULAR**

a) Com quem aprendeu a ser raizeiro?

---

b) Com quantos anos aprendeu?

---

c) As pessoas que procuram suas medicações caseiras são em mais de uma classe social ou de todas?

---

d) Qual a importância desta prática para a comunidade?

---

e) Ensina o ofício a outros?

---

f) Já teve alguma forma de perseguição, por ser benzedeira?

---

g) É procurada por pessoas de outras religiões?

---

**ASPECTOS DA MEDICINA POPULAR**

a) Que tipos de doenças podem ser curadas com medicamentos caseiros?

---

b) Quais as doenças mais comuns que lhe chegam?

---

c) Quais as plantas que são as mais utilizadas nos tratamentos?

---

d) Você faz garrafadas?

---

e) Quais os tipos de remédios caseiros você faz uso?

---

f) Em quais situações recomenda os remédios caseiros?

---

g) Como vê a relação dos agentes de saúde com a comunidade?

---

h) Como vê a medicina formal? E os médicos?

---

i) Existe diferença entre tratamento médico e o realizado pelo (a) raizeiro (a)?

---

j) Quantas pessoas atende por semana/ mês/ ano? k) Atende mais mulheres ou homens?

---